VIAGENS

NO

SERTÃO DO AMAZONAS

DO PARÁ Á COSTA DO MAR PACIFICO
PELO
AMAZONAS, BOLIVIA E PERÚ

POR

BERNARDO DA COSTA E SILVA

PORTO
TYP. DE ARTHUR JOSÉ DE SOUSA & IRMÃO
74, Largo de S. Domingos, 76
1891

AO LEITOR

Este nosso livro não tem pretenções litterarias, — é o que ahi está; e o que ahi está, é o resultado de notas a lapis colhidas em diversas viagens que fizemos em varias epocas no sertão do Amazonas, Bolivia e Perú.

O Auctor.

PRIMEIRA PARTE

DO PARÁ A MANÁOS

VIAGENS

NO

SERTÃO DO AMAZONAS

BELEM DO PARÁ

EM 1615, por ordem de Alexandre Moura, partiu do Maranhão para o Amazonas, o capitão Francisco Caldeira Castello Branco, com tres caravellas e duzentos homens, fundeando em principios de dezembro, no lugar onde hoje está collocada a cidade de Santa Maria de Belem do Gram-Pará, que então era maloca dos indios *tupinambás*.

Ahi ergueu barracas de palha, ajudado pelos mesmos indios; levantou o forte de Santo Antonio, que ainda hoje existe, conhecido por

castello, onde se fazem os signaes maritimos, em frente da Sé.

Assim foi fundada a capital do estado do Gram-Pará, ponto de partida da nossa viagem do Amazonas ao oceano Pacifico.

Eram oito horas da noute de cinco de maio de 1891.

No arsenal de guerra de Belem do Gram-Pará, tocava a recolher, e nós dirigindo-nos ao caes da Guarda Maria, ali embarcamos n'um bote para bordo do vapor *Elias*, surto no porto, o qual devia, na madrugada de seis, levantar ferro e seguir viagem para o alto rio Madeira.

Installados a bordo, accommodamos nossas redes de dormir, e deitamo-nos.

A's tres horas da manhã, aos primeiros impulsos que a machina de vapor transmittiu ás rodas do navio, as redes dos passageiros foram postas em doce oscilação, e nós embalados n'ellas.

Em terra reinava silencio profundo; a cidade dormia innocente e descuidada, notando-se-lhe a falta d'esse movimento contínuo de transeuntes a toda a hora, que é peculiar ás grandes cidades.

Os ultimos reflexos das luzes da illumina-

ção publica, foram-se offuscando á medida que o navio se despedia do porto, passando, indifferente, por entre os demais surtos ali.

A bordo apenas se escutava o monotono ruido dos movimentos da machina e das correntes do leme, quando o vapor mudava de rumo; as pás das rodas cortavam a agua compassadamente e... nada mais se ouvia.

As luzes de bordo, empoadas pela neblina, dimanada do vapor das aguas, iam-se apagando lentamente, opacas, mortiças, tristes, ao brilho dos primeiros raios da aurora que já se annunciava.

Vamos passando a grande ilha de Marajó, cujo comprimento é de 275 kilometros, 795 milhas, e largura de 173 ditas ou 904 milhas.

Pretendemos descortinar alguns pontos d'essas florestas encantadas, que anciosos estavamos por admirar, mas, por emquanto, ainda mal as viamos; apenas um ceu sem nuvens e uma pallida claridade reflectindo-se na immensidade das tranquillas aguas.

Sonhavamos achar-nos transportados ao paiz das famosas amazonas guerreiras do tempo de Orelhana, d'essas fabulosas filhas do rio *Yaauiaba*, da tribu *cunurys*, onde effectivamente

vamos passando, suppondo vel-as talvez, de arco e frecha em mão, e qual Adamastor, impedirem a marcha do nosso navio.

Nós optavamos pela affirmativa de Orelhana, visto que só esperavamos surprezas, — era esse o nosso ideal: — eram mulheres e não homens.

Ouvimos ruido a bordo...

Eram ellas, decididamente, que tendo feito abordagem e encantado o navio, nos iam metter a pique!

Despertamos suppondo já que o navio se estava afundando, e ellas salvando-nos em seus robustos braços.

Qual foi porém, o nosso desapontamento, ao ver junto de nossa rede, seis marinheiros descalços, calça arregaçada e em mangas de camisa, com baldes na mão, cheios de agua!

Seria o banho de Neptuno?

A impressão que nos causara tal sonho, ainda nos dominava, como se vê, quando aproximando-se os marinheiros e o mestre do vapor, de compridas barbas, alto, magro, serio e grave, de manga de bomba empunhada, prompta a esguichar, nos diz:

« Vamos baldear o convez. »

Ora vão lá crêr em sonhos e nas deidades do Amazonas, em vista d'um ridiculo despertar de fagueiras esperanças desvanecidas.

Era dia!

A aurora raiara com todo o explendor dos dias dos tropicos. O sol resplandece reverberosos raios nas aguas que doura, as quaes, por sua vez, esmaltam com os reflexos, a floresta magica, derramando-lhes avelludados tons.

Panorama seductor que a vista nos inebria de gratas phantasias.

Candida realidade!

Florestas maravilhosas, um ceu purissimo, aguas sem fim...

Entretanto, o nosso navio, seguia orgulhoso de navegar em tal Veneza, onde, se não tinha por companheiros as gondolas com seus cantores de barcarolas, tivera, em tempos, essas formosas ycamiabas, as guerreiras amazonicas, essas robustas bellezas athlecticas com suas zagaias, em traje do Paraiso.

Eis, aqui, a «terra que tem palmeiras, onde canta o sabiá.»

Ellas lá estão embalando-se na subtil viração, e elles trinando em louvor do poeta que as cantou.

Bello!

Esplendido!

Maravilhoso!

Além, ainda a grande ilha de Marajó ou de Joannes, abundante de gado; — aqui, bosques em perpetua e risonha primavera; desnudas praias de espelhada areia, onde o jacaré assoma; — ali, um canal estreito donde as ramadas da floresta virgem, vem beijar nosso navio que passa assombreado por arcadas de verdura; — aqui, nas vastas aguas, a tartaruga boyando e os peixes botos que seduzem donzellas, como dizem as lendas, em divertida carreira; — acolá, araras e papagaios de vistosas plumagens; desenvoltos periquitos, lindos tocanos, voando no espaço; — lá, mais ao largo, frondosas florestas, copadas samaumeiras de monstruosas sapupemas; graciosas chacaras ou sitios, bellos chocolataes ou cacoaes, ramalhudos cafeeiros, lindas bananeiras, vistosas parasitas de mimosas flores de fórmas caprichosas; — d'este, esbeltos assahyseiros em fructo, enredados cipós; — um engenho de assucar ou de cachaça; — junto á margem do rio, caboclos mariscando, canôas á vela, casinhas alvejantes, chalets engraçados, floridos de trepa-

deiras; moleques no terreiro, pretos na roça, barracas de palha, macacos nos galhos e tapuyas no banho!

Esplendido...

Mutação de scena:

Passamos os canaes, vamos em paragens largas; a aragem é mais tepida já.

Lá surge uma frondosa ilha... além... um abysmo de aguas, arvores boyando... a bahia de Marajó, ou de Carabocas, como era conhecida outr'ora, lá está, vamos entrar n'ella. Aqui o nosso navio; em volta, aguas profundas, e em cima... o ceu azul.

Maravilhoso!

Sentem-se os primeiros balanços do navio nas aguas da bahia, mas diz-nos o commandante que estas estão hoje socegadas, que vezes ha em que as vagas encapellam como no mar, que uma trovoada aqui é terrivel.

Lá, ao longe, apparece um barco de alvas vellas, semelhando um cysne de azas abertas.

Passam-se algumas horas que nada temos de original, visto que vamos entre agua e ceu.

Entretanto alguns passageiros examinam um mappa do Amazonas, sobre o qual pedem explicações ao commandante; outros jogam

voltarete ou sólo, e alguns, até mesmo o lansquinet, os primeiros por divertimento e estes por especulação ou vicio.

Uma nuvem negra apparece lá ao longe... vae alastrando o espaço, o sol desapparece em partes... começa a trovejar, cahem grossos, mas raros pingos de agua, as ondas debatem-se... de subito rebentam trovões, o espaço escurece de todo e as nuvens descargam copiosa chuva.

O navio arreou sanefas.

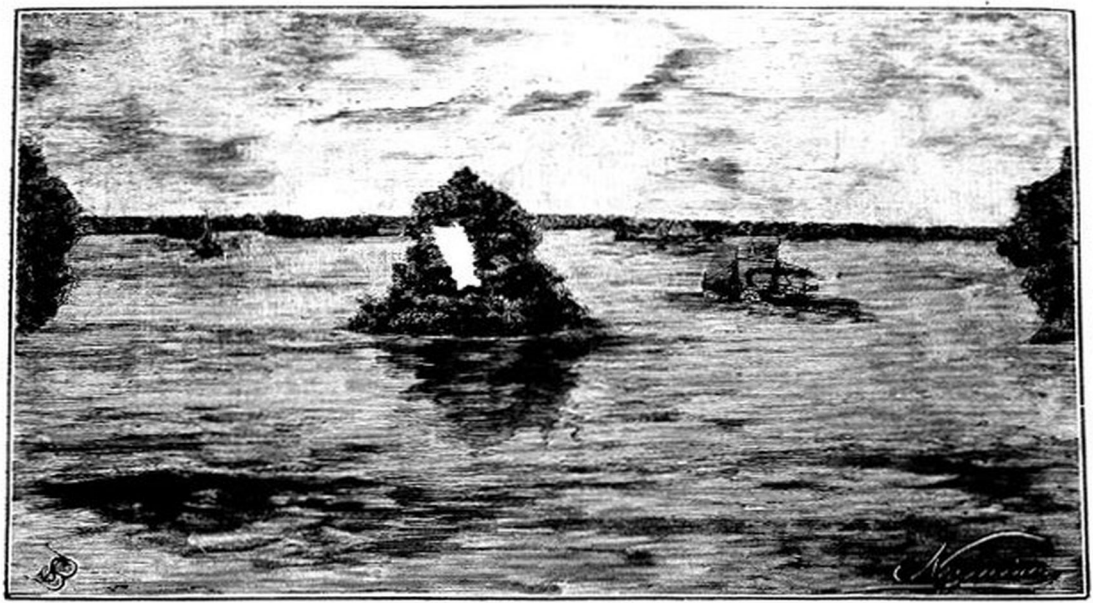
Abranda o tempo, refresca, suspende a chuva e a trovoada, a bahia socega, o sol volta em todo o seu esplendor, como se nada tivera havido.

Erguem-se as sanefas.

Vamos no Amazonas, fallaremos, portanto, d'elle.

RIO AMAZONAS

Nasce no lago Lauricocha, na cordilheira dos Andes, junto á cidade de Lima, capital do Perú, a uns duzentos kilometros da margem austral, na latitude de 10°30', e tem de altitude



BOCCA DO RIO AMAZONAS

Desenhado do natural por Bernardo da Costa e Silva. *Gravura de Nogueira.*

5.560 metros sobre o nivel do mar, desaguando no Atlantico depois de um curso de seis mil kilometros.

Suppõe-se descoberto em 1535, mas os primeiros mappas que d'elle tratam são de 1656.

O nome provem-lhe de haver o celebre capitão Orellana, ao navegal-o, suppol-o ser habitado por tribus de mulheres guerreiras, chamadas *amazonas*, que moravam no rio Ycamyaba, junto ao Pará, supposição que teve por certo pelos typos d'estas, afiminados, de quem se dizia então que só em certas epocas do anno tinham relações com homens que iam procurar, occupando-se ellas na guerra sem auxilio masculino.

Fantasias hoje desvanecidas.

A Pedro Teixeira, que commandou uma expedição sahida da hoje cidade de Cametá, em outubro de 1637, se devem as primeiras explorações feitas no Amazonas, a qual chegou até a Quito.

O Amazonas occupa uma extensão de 3828 kilometros ou leguas 580, no territorio brazileiro, e é alimentado por 19 tributarios que são: os rios Tocantins, Xingú, Tapajóz, Ma-

deira, Purús, Coary, Teffé, Juruá, Jaty e Javary, na margem direita; e na margem esquerda: Jary, Parú, Trombetas, Nhamundá, Uataman, Urubú, Negro, Jupurá, e Içá; e dão communicação para as republicas do Equador, Nova Granada, Venesuela, Perú, Paraguay e Bolivia, pelas vias de Pará, Amazonas, Manáos, Matto Grosso e Goyaz.

A queda maior do Amazonas é calculada a O E, em perto de seis e meia polegadas por milha, isto é 21; e sua correnteza não passa de tres milhas por hora.

Antes de fazer a sua entrada no Brazil, o Amazonas, é chamado Tunguragua e Marañon, no territorio peruano, e ainda depois até a receber as aguas do rio Negro, é conhecido por Solimões, d'onde segue então com a denominação de Amazonas, cujo acuario se estende pelas republicas do Equador e Perú, até ao Oceano Atlantico.

Do estado do Amazonas, póde descer-se directamente para o Atlantico sem necessidade de passar pela cidade de Belem do Pará, tomando pela ilha de Gurupá, villa de Mazagão, forte de Macapá, ilha Caviana á bahia de Santa Rosa, onde desagua o Amazonas no ca-

nal do Norte, para o Oceano, em cuja fóz, passa justamente a linha do Equador.

Dois passageiros collocados na amurada de estibordo, procuram, de binoculo em punho, descortinar uns pontos negros que o immediato do navio lhes indica no horisonte.

Não tardamos então a differençar lá ao longe, uma fita escura que separava as aguas do ceu.

Era a terra, era a floresta virgem que ia de novo mostrar-nos suas pompas.

A bahia já nos ficava pela ré.

Já se avistam distinctamente as arvores, vamos entrar no labyrintho de cannaes do Amazonas.

A maré encobre e innunda os terrenos baixos onde se veem algumas barraquinhas de palha e paxeúba cercada de agua, que na vasante ficam rodeadas de *tijuco*, — lama, d'onde provem, e concorre, para que estes habitantes tanto padeçam das febres intermittentes.

Avistamos uma povoação.

CURRALINHO

É o primeiro porto onde encostamos depois da nossa sahida do Pará.

O nosso vapor descarrega uns poucos volumes de carga e tem pouca demora.

Em frente d'esta povoação, na margem opposta, está a villa de Oeiras, a antiga aldeia das Boccas.

A povoação de S. João Baptista de Curralinho, foi elevada a villa em 1865, devido a influencias politicas e não á importancia do lugar.

É insignificante, e o seu proprio nome indica o que ella é.

Exporta borracha.

BREVES

De Curralinhos seguimos para aqui, deixando carga e a tomar lenha para consummo da machina do navio.

Tem esta povoação a pomposa cathegoria de cidade.

Poucas casas, em todas as ruas vejecta o capim ou relva; uma capella e nada mais.

Está collocada aos 1° 41′-39″ L. S., e Long. 7° 19′-37″.

Foi elevada a villa em 25 de outubro de 1851, com o nome de Santa Anna de Breves.

E' o primeiro porto de escala obrigatorio dos vapores subvencionados pelo governo.

O preço da passagem de 1.ª classe, do Pará aqui, é de 20$000 reis.

As de proa, como para toda a parte do Amazonas, nos vapores de Belem, pagam a quarta parte. Bagagem aos de ré, 341 decimetros cubicos; aos de proa 85, excedendo pagam 470 por cada dez decimetros cubicos, para qualquer ponto. Menores de 9 annos, passageiros de ré só pagam meia passagem, de 3 annos gratis.

GURUPÁ

Tem esta villa um pequeno forte, completamente em ruinas, com a denominação de Santo Antonio, construido por Bento Maciel Parente, em 1621.

Teve, em seus tempos primitivos, um convento de jesuitas, fundado por el-rei D. Pedro II em 1603, sendo n'esta mesma epoca elevada á cathegoria de villa, e substituido o nome que antes tinha, de Mariocay, pelo de hoje.

E' uma pequena povoação.

O navio atracou aqui para embarcar algumas cabeças de gado para consumo da viagem.

D'aqui se atravessa para o rio Xingú, que lhe fica a 10 leguas distante.

Exporta borracha, cacau, cumarú, castanha, oleos vegetaes, baunilha e peixe salgado.

Collocação L. S. 1° 24', 23"; Long. O. 8° 28' e 15".

Vamos passando junto dos campos e serras de Almeirim, do Jatahy e Paraquára.

D'aqui vamos atracar á villa da Prainha.

PRAINHA

De Gurupá viemos á Prainha desembarcar algumas mercadorias.

Dizem-nos que tambem é um dos logares mais antigos do Amazonas, e que outr'ora se chamava *Oiteiro*.

Está na margem esquerda em L. S. 1° 48', 44" e Long. O. 10° 18', 50".

As habitações acham-se quasi todas em ruinas e envolvidas em *capoeira* ou matto de pequena altura que em tempo foi derrubado.

Tem excellentes campos para creação de gado, mas poucos são os moradores que cuidam d'isso, entregando-se á extracção da gomma elastica, motivo porque se vêem estes logares despovoados, por se internarem os habitantes nos seringaes.

Exporta o mesmo que Gurupá.

Dista 375 milhas do Pará.

E' villa desde 1879, sendo porém installada em 1881.

Pertence á comarca de Monte Alegre.

Tem duas escolas, e perto de duas mil almas espalhadas.

MONTE ALEGRE

Acha-se a povoação coroando o monte que lhe deu o nome, que indica a risonha situação e pittoresco panorama que de lá se disfructa.

A seus pés, junto ao porto, tem algumas casas.

Subimos á cidade d'onde disfructamos a rede de vias fluviaes e lagos innumeros que de lá se avistam.

São apreciadas as cuias que se preparam n'este lugar, especialisando os desenhos de suas pinturas, que exporta para o Pará, assim como redes de dormir, e vasilhas de arzila, manufacturadas por tapuyos.

Nos campos cria-se gado cavallar e vaccum, cacau, salsa, caroba e algum cravo; e pescam-se nos lagos pirarúcú e peixe boi, que salgam para exportar.

Diz-se que em tempos teve junto ao porto, uma serraria para madeira, pertencente ao arsenal do Pará, de que hoje não ha vestigios.

E' muito saudavel e ventilada, devido á sua posição.

Tem escola publica, junto a casa da camara e no largo a egreja.

Perto do porto ha uma mal cuidada fonte de aguas sulphurosas de tres temperações, onde algumas pessoas fazem uso e que poderiam ser de bastante utilidade se bem aproveitadas, tivessem banheiros a proposito.

Contam-nos que pouco distante da cidade existe uma caverna em formato de capella, notando-se em algumas pedras hyerogliphos, talvez do tempo dos indigenas,

Foi creada villa em 1758 e cidade em 1880.

Perto acha-se a serra Areré.

Chamava-se a povoação antigamente Gurupatuba, nome de um rio que junto passa, e foi fundada pelo jesuita Manoel da Costa.

SANTAREM

De Monte Alegre viemos ancorar no porto da cidade de Santarem, havendo passado junto do canal grande.

O seu porto é muito frequentado por canôas, e a collocação da povoação é agradavel, n'uma baixa junto da fóz do rio Tapajoz e do Amazonas.

Abunda em cravo, castanha, café, copahyba, cacáa, pedra calcarea, madeiras de construcção, fructas, e exporta algum vinho de cajú.

Foi aldeia ou malóca dos indios Tapajóz,

cujo rio d'este nome, desagoa no Amazonas, lado direito.

Em 1754, foi erigida villa, e cidade em 1848, havendo-lhe dado o nome que hoje possue, quando a elevou a villa, o capitão general do Pará, Mendonça Furtado.

Tem uma fortaleza despresada, edificada em 1694, de forma quadrangular, que Manoel da Motta Sequeira, terminou em 1697 por ordem do governo.

Está a 466 milhas distantes do Pará; e em L. S. 2° 24'52", e Log. O. 11°33'17".

Esta cidade, além das relações commerciaes que tem com a praça do Pará, entretem igualmente negocios com Cuyabá, Matto Grosso, Itaituba, etc., pelo rio Tapajóz.

Salga muito pirarúcú.

É cabeça da comarca de Tapajóz.

Julio Verne, na sua *Jangada*, trata de aldeola esta povoação, emquanto que á de Obidos chama-lhe uma verdadeira cidade, quando é inferior áquella, posto ambas sejam cidades, além de muitos disparates geographicos com respeito ao Amazonas, o que nos leva a crer que as suas outras obras hão de estar nas circumstancias d'esta, e que passam desapercebi-

das aos leitores que desconhecem os lugares de que n'ellas se trata.

No Pará diz que as suas edificações, as casas, são de muitos andares, quando poucas se contam de dois, e nenhuma de tres; conventos circumdados de palmeiras, o que não é verdade, como é falso haver um templo chamado *Nuestra Señora de la Merced*, mas sim Nossa Senhora das Merces, por onde se vê que dá a fundação do Pará como hespanhola quando é portugueza; accrescentando que Manáos é de origem hespanhola, erro imperdoavel em Julio Verne, porque foi fundada por portuguezes, como adiante diremos quando tratarmos de Manáos, bem como nunca houve alli nenhum convento de carmelitas, nem ruas com os nomes que cita, ou avenidas de laranjeiras centenarias, e mil disparates que não innumeramos, por que não são poucos.

O preço da passagem do Pará aqui, é de 50$000 reis.

OBIDOS

Ao meio dia fundeamos no porto da cidade de Obidos, distante do Pará 535 milhas e 69 de Santarem.

Fica a L. S. 1° 55°23, e L. O. 12° 21'24".

Foi fundada em 1758, havendo sido malóca dos indios *Pauxis*, e elevada a cidade em 1854.

Affirmam alguns que termina aqui a influencia da maré, e sendo assim, sobe ella a mais de duzentas leguas da costa, mas diz-se tambem que já não tem a força precisa para subir, repellindo a agua mansa, muito antes de Obidos, e portanto o que se nota é apenas o impeto das aguas salgadas com o rio proveniente do embate lá para baixo.

Perto de Obidos ainda hoje se vê o cacoal real, propriedade do estado, em abandono.

Está a cidade collocada em elevação, ao contrario de Santarem, tendo apenas junto ao porto, algumas casas commerciaes.

Ha aqui um agente consular portuguez.

Está calculado em meio milhão de pés cu-

bicos de agua, a que passa cada segundo por esta cidade.

Sendo em Obidos o lugar mais estreito do rio Amazonas, mandou o mesmo constructor do forte de Tapajóz, edificar em 1697, por ordem do capitão general Antonio d'Albuquerque Coelho, segundo o plano do capitão Manoel da Motta Sequeira, outro aqui, e foi então que para cá se mudaram os indios *pauxis*, coadjuvando a edificação, cujo forte já não existe, mas em 1854, levantou-se outro devassando o estreito, lá em cima na cidade, que mal se avista do rio por estar affrontada de arvoredo; e aos pés da povoação, beijando o rio, vê-se um pequeno fortim com peças inuteis, hoje montadas em carretas.

Visitamos o da cidade onde encontramos umas oito peças velhas, portuguezas, encravadas, de ferro; no centro o paiol da polvora, e em simi-circulo, as casernas que poderam acommodar oitenta praças.

Junto á porta das armas, dentro, existem mais duas pequenas peças de bronze, bem conservadas, nas quaes estão gravadas as armas portuguezas, de D. Maria I, e data de 1801,

em uma, e na outra, o seguinte distico e escudo correspondente:

JOANNES VI

REG-PORT

1818

A guarnição do forte constava de um alferes honorario e quatro praças.

O clima do Obidos é saudavel, e dizem que muito aproveitam n'elle os doentes de beriberi.

Apenas aqui tinhamos largado ferro, atracaram a bordo algumas canoas conduzindo tapuyas e mulatas vendendo fructas seccas, e verdes, sendo recommendavel a banana passada, doce de tamarindo, etc. Outras traziam bandeijas ou charões, cheios de flores para vender, pedindo por uma rosa duzentos reis e um cravo branco, quinhentos!

Appareceram tambem a bordo caboclos vendendo peixe, capitarys, tartarugas, melancias, melões, laranjas, e outras fructas indigenas.

Algumas pretas, traziam tambem em panellas *tacácá*, uma especie de caldo, feito de gomma de mandioca misturada com *tucupi*, sal, pi-

menta, alhos, etc., originalidade que nos não agradou, mas que é apreciada pelos naturaes.

D'esta cidade era natural um individuo que esteve muito tempo prisioneiro dos gentios *mundurucús*, chegando por fim, a ser por elles, nomeado seu *tuchúa* (chefe).

Contaremos a historia:

N'uma praia do rio Madeira, achavam-se mariscando tres pessoas, paes e um filhinho de tenra edade, que era o nosso heroe, quando foram surprehendidos pelos indios *aráras*, que os bateram, matando os paes da creança e comendo-os, obrigando o pequeno a provar da carne dos proprios progenitores!

A creança, que então tinha seis annos, foi levada por elles, e com elles foi vivendo na malóca, até que um dia, os indios *mundurucús*, atacando-os, desalojaram os *aráras*, mataram muitos e apossaram-se do menino tratando-o com carinho, e para que podesse gosar das leis relativas á tribu, serapintaram-lhe o rosto com os riscos azues escuros, distinctivo d'elles.

A creança foi crescendo, e tomando seus usos e costumes, aprendeu o dialecto, chegando a acompanhal-os por toda a parte; foi um

heroe contra o resto dos *aráras*, inimigos dos *mundurucús*, sendo, por seus feitos, escolhido por *tucháua*, o que só fazem de entre os mais valentes.

Pouco depois, obtendo licença da tribu, que n'elle depositava toda a confiança, foi ao Pará apresentar-se ao presidente da provincia, em 1825, que lhe confirmou as honras da tribu, com outra patente de capitão honorario ou graduado, fazendo-lhe presente d'um fardamento com que o tucháua foi orgulhosamente recebido entre seus amigos.

João Mendes, se chamava elle, fez esforços para abandonar sua vida selvagem e recolher-se a sua terra, mas tal o amor que os indios lhe dedicavam, e elle tão costumado vivia com elles, como estranho com os da sua raça, ausente por mais de trinta annos, que d'elles não se affastou mais.

A sua tribu foi civilisando-se, devido a elle, pelo contacto com os brancos, e elle morreu lamentado pelos indios, annos depois.

Nas margens que vamos percorrendo, vêem-se plantações de café e cacáu.

Vamos navegando por entre a costa da Izidora e ilha do Bom Jardim, em direcção a Faro.

Custo da passagem para Obidos, 60$000 reis.

A plantação do cacau é a mais vantajosa d'entre todas, no valle amazonico, pois não requer cuidado nem emprego de capital para conserval-o.

Nas florestas temos encontrado muitos cacoeiros silvestres com fructo.

Dão-se de preferencia nos lugares baixos, e cada um pé regula dar 10 kilos de fructo, de fórma que, sendo tão facil como é fazer grandes plantações, tirar-se-hia d'ellas um producto fabuloso, pois que regula o preço do kilo, no Pará ou em Manáos, 400 reis, tendo-se já vendido a 1$000 reis.

Tantos braços que hoje se empregam na borracha, cuja arvore mais tarde ou mais cedo se hade acabar, visto que as que hoje ha vão seccando lentamente já pela contínua extracção da seiva, já porque não se plantam outras, — digo, portanto, — esses braços occupados em plantações de cacoaes, dariam um futuro fagueiro aos cultivadores.

A plantação é facil.

Fazendo-se uma derrubada de arvores no matto, embora fiquem d'estas as maiores, não

impedem a vegetação do cacoeiro porque este vive melhor na sombra.

Tão pouco seria actualmente necessario semear o cacau, porque na floresta ha milhares de plantinhas debaixo dos cacoeiros velhos, de fórma que nada mais seria preciso do que transplantal-as no lugar onde deviam ficar, e cinco annos depois estariam dando fructo, notando-se que não precisam de pessoal para cuidal-as, quando pequenas ou depois de grandes. O cacau só necessita algum pessoal na epocha da colheita.

É costume aqui, entre a plantação de cacau, collocar bananeiras, que tem a conveniencia de lhe dar sombra; e este quando já crescido, mata-as por assombreal-as depois, bem como a toda a herva que lhe fica sob a copada.

Cada pé deve ficar a quatro braças de distancia um do outro.

Das amendoas do coco do cacau, se manipula o chocolate, e d'ellas tambem se extrahe um oleo concreto a que se dá o nome de manteiga de cacau, que raramente se torna rançosa, servindo-se d'ella, aqui, as tapuyas para curar as rachaduras dos peitos.

A preparação da pasta do chocolate, é feita da seguinte fórma:

Depois de escolhidas as amendoas, torram-se a fogo lento e gradual até que a casca, ou os involucros, se extraiam facilmente com os dedos. Quebradas depois em pedacinhos, as amendoas limpas de casca, o que fazem em crivo, levam-as ao taboleiro para amassar bem ou as pisam no pilão para as volver massa, estado que com facilidade tomam pelo oleo que contem; assim se lhe mistura assucar, canella e leite ou essencia de baunilha, e se dá a esta pasta homogenea a fórma que se quer, deixando-a depois seccar.

Emquanto branda, póde-se marcar com baixo ou alto relevo, dando-lhe diversas fórmas e feitios, como com o guaraná, de que trataremos adiante.

Esta arvore é cultivada tambem nas Antilhas, Mexico e Africa portugueza, especialmente na parte occidental.

As amendoas, especie de favas, tem uma felpa branca que as tapuyas chupam, e que é adocicada, quando verde.

O café posto se dê perfeitamente no clima amazonico, tem a inconveniencia de não ama-

durecer os grãos ao mesmo tempo no mesmo arbusto, o que não acontece n'outras partes do Brazil e na Africa portugueza, onde é considerado de primeira qualidade, como o de Cabo Verde; de fórma que requer muito trabalho na escolha, tornando-se por isso mais dispendioso ao lavrador, sendo portanto mais vantajosa a plantação do cacau que não exige o cuidado d'aquella planta, já na conservação, já no producto.

O café é poderoso medicamento para combater os effeitos dos narcoticos, como o opio, etc., e aqui o usam para debelar as febres intermittentes, em infusão d'elle torrado ou mesmo em decocção d'elle crú.

Diz-se que o nome lhe provém de Kaffa, em cuja cidade foi primeiramente cultivado, mas o seu nome em arabe é cabouh, palavra que significa vigor, por isso que na Arabia, d'onde o café é originario, o tinham como producto confortalecente dos musculos.

O seu uso é muito antigo, acreditando-se que já d'elle se servia o rei David.

O embaixador turco em França, Solimão Agá, for quem tornou conhecida n'aquelle paiz esta bebida, sendo em Marselha onde se esta-

beleceram os primeiros cafés, d'onde se tornaram populares para a Italia, Hespanha, Portugal, Suecia, e Inglaterra, tornando-se aqui já muito conhecido em 1672, mas trez annos depois o rei Carlos II, devido a algumas conspirações que tiveram origem n'estes cafés, mandou prohibir a venda d'este liquido, e assim evitou reuniões politicas á sombra clandestina do pretexto de tomarem café, diversos politicos que se reuniam n'estes botequins.

Suppõe-se que o café era conhecido de Homero sob o nome de nepenthes.

O primeiro estabelecimento onde se vendeu a essencia do café na Europa, foi em Constantinopla, depois em Veneza, cujas casas eram luxuosamente adornadas onde se tomava em grande quantidade aquella bebida, quando principiou a ser da moda.

O café, como é sabido, tem muitos adeptos e oppositores, quanto á sua propriedade hygienica, de fórma que se não sabe a quem devemos attender.

No entanto, pelo Amazonas não ha quem não faça uso d'elle, por mais pobre que seja, não obstante nos parecer inconveniente to-

mal-o nas horas mais quentes do dia, repetidas vezes.

Continuamos viajando sempre cercado de florestas frondosas, aqui e ali uma barraquinha, acolá uma pequena serra, um pouco de terra firme, mas quasi sempre florestas alagadiças.

Diz-se que ao Amazonas está reservado um porvir brilhante, um desenvolvimento commercial e agricola como não se póde esperar nas outras regiões, devido á fertilidade d'este solo.

Como? Os terrenos, mesmo nos tempos de secca, são em geral alagadiços, a cultura por conseguinte não se póde manter por tal motivo senão em partes altas ou terras firmes, e estas nem todas são proprias para a agricultura, além que os terrenos altos são em muito pouca extensão; linhas ferreas não é possivel estabelecer pelo mesmo motivo, a terra é de inconstante resistencia, sem a devida firmeza para tal fim, a formiga saúva, o flagello das plantações, é geral por toda a região, da noite para o dia devastam roças por extensas que sejam, não poupando mesmo as arvores fructiferas, despindo-as de suas folhas e rebentos brutalmente, deixando-lhes apenas os galhos nús, até que de novo brotam e de novo volta a for-

miga, sendo necessario, para evitar esta praga, rodear as arvores e plantas de vasilhas de barro ou de folha, com agua, para que ellas não possam atravessal-as e subir; mas isto que se póde fazer em um pequeno jardim, não é possivel fazer-se em pomares ou em vastas plantações.

Infelizmente as arvores de fructa, legumes, cereaes, etc., isto é o que constitue os generos indispensaveis, de primeira necessidade, são os mais procurados pela saúva e outros animaes damninhos. Uma plantação de milho bastante longa, vimos nós completamente devastada por estas formigas, que apenas lhe deixam os troncos.

Não sendo possivel, portanto, desenvolver a industria por impossibilidade de bôas vias para os centros, por constantemente alagados, ou pelo menos na maior parte do anno, e pela mesma causa a agricultura, e portanto o commercio como resultado d'aquellas, onde se pode, por conseguinte, descortinar o fagueiro futuro da Amazonia, logo que terminem as arvores da borracha? Temos os productos naturaes? Mas esses trarão comsigo, esse brilhante futuro que alguns antevêem? Parece-nos que não, porque,

embora esses possam desenvolver-se em grande escala, nunca d'elles se ha-de tirar um resultado satisfatorio, em relação ao que se poderia obter em tão vasta região, se os terrenos podessem ser completamente utilisados.

Certamente que o Amazonas tem muito ainda que aproveitar e explorar, mas ha-de vir o dia em que não passe esse desenvolvimento do circulo que a natureza lhe traçou, mas nunca chegará ao que podia ser se o seu solo offerecesse mais solidez ou podesse ser mais aproveitado, o que não é possivel em razão de ser em geral inundado e pantanoso.

Olhado pelo lado artistico, o Amazonas, é agradavel, é até surprehendente, na primeira visita; depois monotono, visto que, em geral, com tres tintas se pinta seu panorama: — uma fita azul celeste, o ceu; outra verde, a floresta virgem; a ultima a côr das aguas.

De fórma que o Amazonas, se reduz para o artista viajante, em ceu, florestas e rios, para o commerciante e industrial, em borracha.

Os unicos que podem levar sua curiosidade mais além, são os naturalistas e mineralogistas.

A impossibilidade porém de se poderem estabelecer grandes e faceis vias de communi-

cação terrestre, hade, em todo o tempo trazer comsigo o mesquinho desenvolvimento da vasta região amazonica, não podendo por conseguinte, passar além de um termo que não está em relação com a grandeza do territorio, mas que, comtudo ainda promette muito de futuro.

Isto é logico.

A prosperidade dos estados do Pará e Amazonas, como se sabe, é devido a borracha, o que se póde vêr pelas estatisticas aduaneiras; portanto estes estados que hoje se acham tão florescentes, tem diante de si um futuro de horrivel crise, logo que as arvores da borracha se achem exhaustas ou mortas, visto que os proprietarios dos *seringáes* só tractam de aproveitar-se da arvore da providencia, não cuidando de plantar outras; e assim fatalmente o commercio, e especialmente o do Amazonas, tende a luctar com uma crise fatal, acabadas ou seccas as seringueiras, sua fonte de receita, em vista de por ellas não se cuidar de outros ramos de industria, o que só muito tarde a necessidade obrigará a procurar.

PARINTINS

Pelas 10 horas da manhã estavamos juntos da cidade de Parintins, fundada em 1790, sob a denominação de Villa Nova da Rainha, pelo capitão José Pedro Cordovil, e povoada então por indios mauhés e sapopés, que em 1804, eram missionados por frei José das Chagas, carmelita, e Anchieta da Mondurucania; epoca em que neste lugar falleceu de uma indigestão de ovos de tartaruga, o coronel José Simões de Carvalho, quando seguia para o Rio Negro a tomar posse d'aquelle governo.

O nome de Villa Nova da Rainha, provem de ter o dito capitão, que alli tinha uma quinta ou fazenda, offerecido ella á rainha D. Maria I, honrando aquella povoação com aquelle nome em attenção á pessoa a quem a offertara; e elle fundou o lugar por meio de uma missão.

Em 1833, foi creada freguesia com o nome de Tapinambarana, que antes de villa tinha como aldeiamento, e em 15 de outubro de 1853, foi então creada villa, tendo tido ora aquella denominação de Villa Nova da Rainha,

ora a de Villa Nova da Imperatriz, ou Villa Bella.

Hoje é cidade com o neme de Parintins, denominação que toma da proxima serra assim chamada, divisoria do estado do Pará com o do Amazonas. E' comarca desde 24 de setembro de 1858.

Collocação: L. S. 2° 37′ 25″ Lg. O. 13° 34′ 56″.

As terras da fazenda de Cordovil, já em tempo a rainha lhes havia dado, e ficavam no logar onde hoje se acha a casa da camara municipal, sitio em que elle teve sua residencia.

Este homem de genio irascivel, viveu sempre em lucta aberta com os visinhos moradores, como com o referido missionario Chagas, o qual colligando-se com o povo, o fez retirar, acabando na miseria em um hospital do Pará, desprezivel, depois de haver possuido bastantes bens de fortuna.

Esta povoação foi victima dos ferozes revolucionarios intitulados *cabanos*, de luctuosa memoria, que principiaram seus desmandos no Pará, matando o presidente e muitas outras pessoas, pretendendo exterminar a raça branca e seus descendentes, hecatombe que teve prin-

cipio em 7 de janeiro de 1835 e terminou em 1837.

Na serra de Parintins, ha a muito apreciavel arvore chamada muirapinima, tão procurada pela belleza de seus raiados, mas que, em geral, devido á sua pouca circumferencia, apenas se presta para bengalas, que são mui estimadas, e outras obras pequenas.

A serra toma o nome da tribu que havia nessas proximidades; e alguns habitantes affirmam que em uma plataforma della tiveram os gentios sua malóca, residencia.

Junto a um igarapé que lhe corre aos pés, mas já no estado do Amazonas, em um alto, vê-se ainda os restos de uma especie de palissada, feita pelo governo do tempo da capitania da Barra do Rio Negro, hoje Manáos; para servir de balisa ás embarcações que seguiam para aquelle estado, a qual já em tempo do primeiro presidente do Amazonas serviu para identico fim, sendo guarnecida de um pequeno destacamento, que pouco depois retirou.

Nas terras de Nossa Senhora da Conceição da *Villa de Maués*, antes chamada Villa Maria, municipio da mesma, antiga povoação Lusea, pertencente a Parintins, se fabrica muito guara-

ná, que se vende por bom preço pela grande procura que tem, chegando a valer no estado do Pará a 6 e 7 mil reis o kilo. Exporta-o em quantidade para o estado de Matto Grosso, rio Madeira e Bolivia, onde é muito apreciado como bebida estomacal e refrigerante.

Tambem ali é empregado nas diarrhéas, nas molestias nervosas, das vias ourinarias, etc.

Dizem que o guaraná tem grande quantidade de *theina*, e que tomando-o em demasia provoca insomnia. Os indios usam da infusão de raizes para combater as febres intermittentes.

A planta é trepadeira, contém cafeina, gomma e tanino, e o fructo em fórma de cacho de uva, é reduzido a massa formando pães, torrando a amendoa, pisam-n'a, deitam-lhe a quantidade de agua necessaria até ficar compacta, e é então que lhe dão as fórmas que desejam, imitando diversos animaes, ou de rolos, levando-os ao forno, para endurar.

Em Maués tomam-o sem assucar e por tigellas, mas como é natural, — assim só por remedio. Nós vimos preparar uns refrigerantes que nos offereceram. Do rolo desfizeram, por meio de uma lingua do peixe pirarucú (tão

consistente quando secca que serve de lima, talvez uma colher de sopa d'esse pó que misturaram n'um copo com agua e assucar, e achamos muito agradavel. Dizem ser calmante, subtonico, e é recommendado nas nevralgias e enxaquecas tambem.

Pertence á familia das Sapindaceas, e Mart., lhe chama Paulina sorbilis. O sabor é um pouco amargo, porém com assucar é mui saborosa limonada.

O fructo, como disse, é na fórma da uva, e quando maduro é de côr vermelha rutilante e regula pelo volume de uma pequena nóz.

O seu uso é hoje muito geral nos sertões e lugares de que já fallamos, bem como nas margens do alto Paraguay (Rio), e nas cordilheiras dos Andes, onde chega a valer a 15 e 20 mil reis o kilo, não tanto pelo consummo, como pela difficuldade de o conduzir alli pelas inconvenientes cachoeiras e mil perigos do caminho, e está tão em uso, especialmente no rio Madeira, até ao Alto Perú, que muitos o tomam todos os dias pela manhã, em vez de café, e d'elle offerecem a seus hospedes.

No Pará, teve egual consumo, porém o *assahy* veio substituil-o.

Nem todos, comtudo, sabem fabricar devidamente o guaraná, e os entendidos o conhecem depois mesmo de preparado.

Vamos viajando sem a menor novidade.

O nosso navio navega regularmente, posto não seja dos melhores de marcha, tendo-se já desafiado com outros que encontramos, ficando atraz. Vamos tomar pelo *furo* ou *paraná* da Capella, em direcção a esta povoação.

O preço de passagem de Belem do Pará a Parintins, é de 75$000 reis.

A povoação da Capella, nada vale.

FARO

Acha-se collocada em uma posição agradavel e risonha.

Foi elevada a villa pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em occasião que elle ahi passou, em 1758, tendo sido aldeamento dos indios *jamundás*, que tomaram este nome do rio que corre junto a este lugar; depois foi missão dos indios *araboys*.

Exporta borracha, castanha, algum gado, etc.

A villa é insignificante.

D'aqui levantamos ferro, navegando sempre entre *paranás* (canaes), ilhas; e vamos tomando a direcção da villa de Silves.

SILVES

Outra insignificante povoação.

Foi elevada a villa pelo coronel Joaquim de Mello Povoas, em 1759, tendo antes o nome de Saracá; voltou a freguezia, pela sua decadencia, em 1833, adquirindo a elevação novamente a villa, em 1857 e a cidade em 1875.

Cria algum gado e exporta borracha, peixe secco, castanha, cacau, etc.

Sua fundação é antiga, pois data de 1663.

Perto desagoa um igarapé que vem do lago que lhe deu o nome quando aldeia.

Está collocada aos 2°, 44′ S., e 15° 22′, O.

E' o oitavo porto de escala dos vapores subvencionados.

Hoje apenas tem umas dez casas cobertas

de telha, as mais de palha, mas todas denegridas e desmanteladas, parece um lugar abandonado ou victima de saque.

Actualmente é villa.

ITACOATIÁRA

A's cinco horas da tarde, achavamo-nos jantando, quando encostamos á cidade de Itacoatiára.

A traducção de seu nome, é pedra pintada, de umas que na vasante se veem junto ao porto.

Fica esta cidade acima da foz do Amazonas, 270 leguas.

Sua fundação foi na foz de Mataurá, por jesuitas, e por cinco vezes mudou de lugar.

Em 1759, o governador da capitania do rio Negro, Joaquim de Mellò Povoas, a elevou a villa com o nome porque ainda hoje muitos a tratam — Serpa, em 1.º de janeiro, mas em 1833, pela sua muita decadencia, voltou a simples freguezia e de novo a villa, em 1857.

Hoje é cidade, posto que pobrissima.

Ao norte da povoação, existiu a colonia Itacoatiára, da companhia fluvial limitada, a vapor, do Amazonas, colonia que cahiu em completa ruina, aproveitando-se d'ella apenas o nome com que foi baptisado o novo lugar, quando elevado a cidade.

Antes da navegação a vapor do Amazonas, era até Serpa que chegavam as canôas dos negociantes de Matto Grosso e Bolivia, que vinham embarcar, e receber do Pará aqui, suas mercadorias, pois que os vapores só chegavam até este lugar.

Hoje vão estes até ao ultimo porto navegavel a navios de tal ordem, Santo Antonio, de onde não seguem mais além, pelas proximas e perigosas cachoeiras que os impedem.

Perto da cidade tem-se descoberto algumas urnas ou *ygaçabas*, com fragmentos de ossos dentro, e outras com pó ou cinza a que algumas tribus reduziam os cadaveres. No museu do Rio de Janeiro, armario n.º 6, saleta n.º 6, vê-se uma urna completa levada d'aqui. Ha tambem indicios de ter ali havido um cemiterio indico, tendo-se tambem descoberto fragmentos de idolos.

Como se crê, os indios costumavam reduzir

os cadaveres a cinza, uso antigo, pois tambem assim praticou a rainha de Syracusa com as de seu estremoso marido. N'estas urnas envernisadas, desenhavam diversas figuras representando seus deuses, flexas, passaros, peixes, lua, sol, estrellas, etc.; e a estes vasos davam-lhe varias fórmas.

Itacoatiára teve principio antes de 1716, no lugar conhecido por Canuman.

Está a L. S. 3°.8′ 18″, e L. 15° 16′ 22″; a 756 milhas do Pará, e a 110, segundo alguns, de Manáos.

Preço de passagem do Pará aqui, 90$000 reis.

Vamos passar entre as ilhas da Trindade e de Autaz, deixando á nossa esquerda, a foz do Madeira, para tomarmos o rumo de Manáos, d'onde devemos descer, para entrarmos, na volta, no rio Madeira.

Estamos seguindo á vista da foz do igarapé *Puraque-quára*, onde nos mostraram as pedras que chamam do Morona, nome que tomaram de ali se haver arrombado no casco a canhoneira a vapor, peruana, d'este nome, em 1862, quando seguia para o Perú, pelo Amazonas, perseguida por motivos politicos.

Este navio é hoje propriedade particular.

Aqui perto deu-se um terrivel naufragio, como vamos referir, copiando a parte do relatorio da companhia a que pertencia o navio, relativa ao caso:

«Na sessão extraordinaria de 7 de agosto do anno findo, a directoria vos deu conhecimento d'este horroroso sinistro nos seguintes termos:

«No dia 17 de julho findo, com a entrada do vapor «Arary» n'este porto, foi a directoria surprehendida por um officio da gerencia, communicando o triste e horroroso sinistro, que causou a perda total do vapor «Purús» e a morte a 131 infelizes entre passageiros e tripulantes!

«Foi impressionada ainda por este fatal acontecimento, que a directoria resolveu solicitar a presente reunião extraordinaria, e trazer o facto ao vosso conhecimento, patenteando-vos o estado actual da companhia, para que presteis á directoria vossa cooperação n'esta imergencia.

«O vapor «Purús», tendo sahido de Manáos em 7 de julho ás 11 horas e 5 minutos da noite, para fazer a viagem ao rio Madeira, des-

cia o Amazonas a meio rio, de conformidade com o art. 3.° das instrucções de 22 de abril de 1868; e, tendo passado as pedras denominadas Morona, avistou pelas 2 horas da madrugada de 8 o vapor «Arary», que subia, navegando na altura da costa do lago do Rei. Este vapor, ao vencer a ponta de cima da mesma costa e o baixo que ahi demora, guinou para meio rio, mostrando visivelmente a luz encarnada do lado de B. B.; o vapor «Purús», vendo esta manobra, guinou a E. B., de conformidade com o art. 1.° das mesmas instrucções, para evitar o abalroamento com o vapor «Arary», mas este tendo vencido o baixo, tornou a guinar a B. B. e pouco depois foi inevitavel o sinistro, abalroando com o «Purús», por ante avante da caixa das rodas com violencia tal, que em poucos minutos foi elle submergido em frente ao paraná miry de Puraquéquára.

«A directoria, impressionada por tão horrorosa catastrophe, que enlutou as duas provincias do Amazonas e Pará, pela irreparavel perda de tantas vidas preciosas, além dos incalculaveis prejuizos causados ao commercio, não culpa, por emquanto, a pessoa alguma, es-

pera que o resultado das averiguações a que se está procedendo a habilite a formar um juizo seguro sobre o facto, que profundamente deplora; entretanto levou o occorrido ao conhecimento do ministerio respectivo, e aguarda o resultado das averiguações para proceder como as circumstancias a aconselharem.»

O prejuizo causado pela perda do vapor «Purús» foi do valor de 261.178$170 reis.

No lugar onde se deu o sinistro, fórma o rio uma curva mui sensivel que tivemos occasião de apreciar, de forma que não é possivel verem-se a distancia conveniente os navios que por ahi passam, subindo e descendo, no entanto, podia ter-se evitado essa fatalidade, se os capitaes dos vapores, n'estes lugares, tivessem por costume fazer signaes de apito para prevenção; mas nada se fez, segundo affirmam viajantes dos vapores. Os passageiros dormiam e com o choque foram cuspidos fóra das redes, e attonitos, surprehendidos por tal despertar, em breve viram a situação em que se achavam, mas ali nada mais havia a fazer do que procurar salvarem-se. No outro navio, o *Purús*, gemiam já os maltratados pelo embate, choravam as creanças abraçando os paes, e estes debalde

pediam soccorro. As providencias tomadas pelos commandantes foram energicas, mas não havia tempo para executal-as; o *Purús* ía afundando-se, e, na escuridão da noute, não se sabia onde melhor procurar escapar, no entanto a margem estava perto, mas não houve tempo para alcançal-a, o vapor submergia-se e a caldeira rebentando, repuchou a agua queimando alguns que a nado procuravam salvar-se. Os escaleres levaram toda a madrugada e parte do dia seguinte, procurando cadaveres; mas de duzentos e tantos passageiros e tripulantes do navio naufragado, escaparam apenas setenta e tres.

O vapor *Arary* apenas foi machucado.

Foi uma scena horrivel.

Alguns passageiros e o immediato, morreram nos camarotes, onde dormiam na occasião.

Os jacarés tomavam immediatamente conta dos cadaveres.

Um passageiro pôde ainda alcançar a margem e suspender-se em um ramo e ahi se conservou até ao dia seguinte, onde deram com elle extenuado, esfalfado de chamar por soccorro, sem poder lançar-se á agua temendo os jacarés que aguardavam a preza, nem trepar para a arvore pela fraqueza em que se achava.

Foi porém salvo por uns tapuyos que passavam em montaria por ali, os quaes tiveram de cortar o ramo visto que o pobre homem já não o podia largar das mãos que nervozas o abrangiam.

As distancias kilometricas que temos andado de Belem a Itacoatiára, são as seguintes:

De Belem a Breves . . .	270
De Breves á Prainha . . .	497
De Prainha a Santarem . .	127
De Santarem a Obidos . .	127
De Obidos a Parintins . .	176
De Parintins a Itacoatiára .	256

De Itacoatiára a Manáos, capital do estado do Amazonas, são 264.

MANÁOS

A capital do estado do Amazonas, teve principio em 1669, na margem esquerda do rio Negro, em uma fortaleza levantada por Francisco da Costa Falcão, capitão portuguez, a

qual denominou forte de S. José da Barra do rio Negro, commandada por Angelico de Barros, começando logo a povoar-se de portuguezes em volta da fortaleza, onde dois missionarios aldearam os indios massivas, barés e passés.

Não obstante, Julio Verne, na sua jangada, diz ter sido Manáos fundado por hespanhoes!

Já porém, em 1657, dois padres tinham estabelecido alli perto a missão dos indios Turuman, sobre a invocação de N. S. da Conceição, no logar onde o governador José Joaquim Victorio da Costa, plantou um jardim botanico de que ainda hoje se veem vestigios junto á cachoeira Taruman, envolvidos no matto.

Em 1755, em 3 de março, foi elevada a capitania dependente do Pará, tendo sido nomeado governador o coronel Joaquim de Mello Povoas, a quem se deve a creação e desenvolvimento de muitos lugares do interior que hoje estão em decadencia; e a capital se ficou chamando Villa Nova de S. José, antigo Muruiá que depois se denominou Barcellos, donde em 1791 foi transferida para o lugar da Barra do rio Negro, hoje Manáos, e daqui voltou para Barcellos, lugar que chegou a ter alguma importancia como se demonstra da seguinte nota

de propriedades publicas alli existentes em 1808, de que hoje não existem vestigios:

«Quartel de residencia do Governador. Completo, forrado de taboas, de telhado, e assim os muros ladrilhados por dentro.

Quartel dos officiaes, desde a Commandancia até onde morava o cirurgião: é completo de telhado.

Quartel do Alojamento: acha-se completo de telhado e o corpo da guarda ladrilhado. Dentro se acham arrecadadas 6 peças de ferro de artilheria de calibre 9, duas ditas desarmadas de seus pertences — calibre 2 e 3.

Quartel que servia de Hospital: se acha prompto, coberto de telha até os proprios muros, e dentro tem uma enfermaria para mulheres, coberta de ubim, palha.

Casa da Fabrica coberta de telha.

Quartel chamado palacio pequeno: acha-se coberto de telha e completo até os muros telhados.

Quartel da Provedoria: acha-se telhado até os muros; o cartorio e o corredor assoalhados e ladrilhados.

Quartel em que mora o Reverendo Vigario Geral: em tudo é o mesmo.

Quartel de Inspecção da Ribeira: é coberto de palha de ubim até á beira do muro que é o da parte do matto e é telhado.

Casa da Ribeira: é de palha de ubim, só os quartos n'ella pegados são de telha. Acha-se armada esta casa da Ribeira com páos numerados, os quaes são de acariuba principiando do n.º 1 até a conta de desanove em roda: da mesma fórma sete páus entremeados de louro e muirapiranga:

Casa das Armas. E' coberta de ubim com esteios de acariuba principiando de um até noventa e sete todos numerados e de vinte palmos de comprimento.

Um armazem pequeno, em quadro, coberto de telha, á ilharga da Fabrica real de algodão. E muita cantaria de Lisboa para construcções publicas.*

Foi encontrada nesta villa em 1817, uma coroa esculpida em pedrà marmore, que hoje existe no museu do Rio de Janeiro, no armario n.º 12, salão n.º 9.

Ao sargento Guilherme Valente, da fortaleza de S. José, se devem algumas importantes explorações no rio Negro, onde elle era casado com a filha de um chefe indigena.

No tempo do capitão mór, José Velho de Azevedo, fez suas tropelias n'este rio o celebre tucháua *Ajuricaba*, chefe dos indios Manáos, por instigação dos hollandezes da Guaiana, que pretendiam desmoronar os estabelecimentos portuguezes, o qual foi preso em 1727 na sua canôa onde arvorava a bandeira hollandeza, e sendo remettido para o Pará, em viagem, se afogou, não acreditando, ainda por muito tempo a sua tribu, na morte d'elle.

Em 1755 foi creada a vigaria geral do Rio Negro, por D. Frei Miguel de Bulhões, confirmada em carta regia de 18 de junho de 1760.

Os jesuitas tentando impedir a influencia portugueza n'esta região, obrigavam os indios a fallarem só a lingua geral, conservando-os na ignorancia e submissão, procurando embargar no Pará, a commissão de limites, o que não conseguiram, mas a qual guerrearam em *Muruiá*, hoje Barcellos, seguindo d'aqui para o seu destino em 2 de outubro de 1755, continuando estes padres a insurgir a tropa e promovendo a deserção dos indios, pelo que foram presos dois jesuitas allemães, em Borba e lhe tomaram duas peças d'artilheria; mas conseguindo esta seita, entre os hespanhoes, influirem nos ani-

mos e impedir a vinda da commissão de limites d'aquelles, que se vinha reunir á portugueza, o governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, cançado de esperar, retirou, mandando fundar a fortaleza de S. Joaquim, no rio Branco, e apenas chegado ao Pará, ordenou pôr-se em plena execução a bulla que restituia a liberdade aos naturaes. Os hespanhoes por sua vez, tentavam tambem expulsar os portuguezes, e por tal motivo, fundaram estes as fortalezas de S. Gabriel e de Marabitanas, no rio Negro, e em 1766 a de Tabatinga, o sargento mór Domingos Franco.

O governador Lobo de Almeida, em 1791 transferiu a sede da capitania de Barcellos para o Lugar da Barra (Manáos), devendo-se a elle o grande desenvolvimento da capitania, estabelecendo um matadouro de gado vindo do rio Banco, por elle alli collocado, de que ainda hoje Manáos está consumindo; fundou estabelecimentos agricolas, padarias, fabricas de pannos d'algodão com dezoito teares, de cordoaria, de anil, de olaria, plantou arroz, chegando a colher-se mais de mil e quinhentos alqueires, uma fabrica de vellas de cera, ensinou o emprego de arados, collocou pesqueiros nos

rios, cathechisou os indios silviculas e mundurucús.

Finalmente, fez o que até hoje não se tem feito, sendo sequestrado por ordem do governo da metropole, que acariciando intrigas dos emulos d'este governador, transferiu novamente para Barcellos a séde da capitania em 1799, anno em que morreu chorado por todos Manoel da Gama Lobo d'Almeida, minado de desgostos pelas intrigas de Francisco de Souza Coutinho, governador geral, — a 27 de outubro, dia em que terminou todo o progresso que aquelle homem estava desenvolvendo no Amazonas e com quem tudo acabou; não obstante os esforços do novo governador geral, conde dos Arcos, D. Marcos de Noronha e Brito, em 1803, conseguindo que de novo a séde d'esta capitania voltasse para o Lugar da Barra, tendo por governador o coronel José Simões de Carvalho, que não chegou a tomar posse por haver fallecido, como já dissemos n'outra parte, de uma indigestão de ovos de tartarugas em Parintins, antiga Tupinambarana.

Em 1818, as villas de Silves e Villa Nova da Rainha, hoje Parintins, pediram ao governo a separação da capitania do Rio Negro.

No governo do major Manoel Joaquim do Paço, foi edificada a egreja de N. S. dos Remedios.

Em 1821, este mesmo governador oppôz-se á proclamação da constituição iniciada no Pará, sendo por isso destituido, substituindo-o uma junta.

A 9 de novembro de 1823, proclamava o Amazonas a independencia do Brazil, pela noticia vinda do sul pelo brigue «Maranhão», anno em que a antiga capitania do rio Negro, tornou a ser comarca, voltando a séde de Barcellos para o Lugar da Barra; mas a 22 de junho, o povo amotinado, declarou o Alto Amazonas, provincia independente do Pará, porém com recursos d'alli, foi dissolvida a insurreição e sem effeito a proclamação, mas em 1 de agosto foi novamente declarada separada.

Tendo em 7 de janeiro de 1835, rebentado no Pará, a revolução conhecida por *cabanagem*, de que resultou a morte do presidente e commandante das armas, e do da estação naval, estendeu-se esta até ao Amazonas, intrincheirando-se alguns revoltosos acima da fóz do rio Tapajóz, junto a Santarem, no lugar Icuipiranga, onde indagaram, por uma escolta

que passava para o Pará, da situação militar de Manáos, a qual fizeram voltar, levando a noticia da rebellião, chegando os amotinados á Villa da Barra, em 7 de março de 1836, d'onde só mais tarde foram repellidos, devido aos esforços de varios individuos, entre os quaes se distinguiu Ambrosio Ayres Boraroá, que alli se achava degredado, organisando uma fracção armada com que os combateu por varias partes, por cujos serviços foi nomeado commandante militar do alto Amazonas, tornando-se então despotico e cruel, foi morto a 6 de agosto de 1838, pelos revoltosos, em viagem para a capital.

Rendidos os cabanos em 1840, ficou em paz a provincia, mas só em 5 de setembro de 1850, é que foi definitivamente declarada e constituida a comarca do rio Negro, em Provincia do Amazonas, sendo inaugurada em 1 de janeiro de 1852.

E' cidade desde 1848.

Manáos está collocado a 3° 8'-4'' lat. S., e a 67° 27' long. O., de Paris, e a 522 pés acima do nivel do mar.

Custo da passagem do Pará até aqui reis 100$000.

SEGUNDA PARTE

DE MANÁOS A SANTO ANTONIO DO RIO MADEIRA

RIO MADEIRA

Depois de tres dias de demora em Manáos, voltamos para tomar o rio Madeira, em cuja fóz entramos hoje pelas cinco horas da manhã, a qual tem tres milhas de largura, collocada na lat. S. a 3° 24′-31″ e 15° 35′-4″ long., na ilha das tartaruguinhas.

O nome de Madeira foi-lhe posto por Francisco de Mello Palheta, pela muita que n'elle encontrou, mas entre os indios era conhecido por rio *Cayary*. Esta palavra talvez seja hebraica, formado *ca* de coragem, resolução etc., e *iari* rio, — rio da resolução.

A primeira exploração teve principio no seculo XVII, por colonos portuguezes que vie-

ram do Pará, chegando em pouco tempo a fraternisarem com os selvagens, permutando artigos commerciaes; mas não tardaram a ser secundados pelos jesuitas, que, a titulo de catechistas, estabeleceram no Madeira a primeira missão, subjugando os selvagens, que pouco tardaram com elles por insinuação dos colonos que se viam prejudicados em seu commercio, pelos missionarios. Em 1716 insurgiram-se os selvagens com os *cariuára puranga* (homens brancos), os colonos, pela rivalidade dos jesuitas, tornando-se mais notaveis na sublevação os selvagens da tribu *turáz*, que, repellidos, foram habitar á bocca do Madeira, onde tomaram o titulo de *muturucús*, conhecidos hoje por *mundurucús*, valentes e dedicados ao trabalho, sendo uma das raças mais estimadas hoje.

Em uma viagem que fiz em canôa tripulada por alguns, tive occasião de apreciar a honradez e submissão d'elles, chegando a affrontar um temporal no rio, que nos ia afundando, temendo encostar sem ordem; e de noute dormiam de volta de minha rede, sem meu convite, cuidando de uma fogueira para afugentar as *carapanás* (mosquitos), cuja picada

é insupportavel; e como sentinellas escutavam o rugido da onça ou tigre, na floresta visinha, promptos a defender-me n'uma viagem a um lago encantador, cercado de flores, povoado de aves mimosas, navegando por entre ellas em aguas crystalinas, nas Pirahybas.

Finalmente, na epoca da primeira expedição que supponho em 1716, foi forçoso o auxilio do Pará, indo uma flotilha commandada por João de Barros da Guerra capitão mór que era do Pará, para conter os selvagens, mandada pelo capitão general Christovam da Costa, seguindo esta expedição até junto do rio Manicoré, a 60 leguas de viagem; mas tão infeliz foi Guerra que, na occasião que passava junto de uma arvore colossal, esta desaba com o barranco, caso muito frequente na occasião de trovoadas, afunda a sua canoa e esmaga-o a elle.

Em 1723, foi despachado do Pará o capitão Francisco de Mello Palheta, com uma expedição a percorrer o rio Madeira, que passou muito mais além, subindo do lugar *Santo Antonio*, pelas cachoeiras até á povoação hespanhola (hoje boliviana), denominada *Exaltacion de los Cayubavas*, departamento actual do Beni;

povoação pertencente então, ao departamento de Santa Cruz de la Sierra.

Subiram portanto estes exploradores, as desenove cachoeiras perigosissimas, até ahi, contadas de Santo Antonio, onde começam, passando mil trabalhos por ignorarem os melhores canaes do rio e fallecendo muitos de febres que nesse tempo, e ainda hoje, lá reinam calamitosamente por toda essa immensa região tão rica de productos naturaes por explorar.

Em 1741, desceram pelo Guaporé ao Madeira Manoel Felix de Lima e Joaquim Ferreira Chaves, e em 1743 da mesma procedencia José Barboza de Sá.

Em 1749 a 1750 por ordem de El-Rei D. João V subiram, o sargento mór João de Souza Azevedo e José Gonçalves d'Azevedo, do Pará pelo Amazonas e Rio Madeira, como exploradores, até Matto Grosso.

O val do Madeira é um dos mais extensos do mundo, pois principia nas vertentes dos Andes, ainda que com aquelle nome, só é considerado de Villa Bella para baixo, isto é, da confluencia dos rios Beni com o Mamoré; tem por limites naturaes o araxá de Matto-Grosso e do Purús, e vae reunir-se no Amazonas, sen-

do habitado em todo este percurso, apenas por cerca de dois milhões de almas, que no entanto vivendo entre ricos productos naturaes, nada tem explorado da natureza, a não ser a borracha em regular escala; e não obstante os 330 kilometros de extensão com que é interceptada a navegação com as pedras das cachoeiras, passam cada anno por este rio mais de oitocentas toneladas de carga representando um subido valor, com direcção a Bolivia e Matto Grosso, importadas do Pará, Estados Unidos e da Europa, ficando nos seus destinos por preços fabulosos devido á difficuldade de transporte.

Pode portanto, imaginar-se qual seria o beneficio e economia de uma estrada de ferro que partindo do lugar Santo Antonio, que descreveremos, seguisse até Bolivia, pois que as mercadorias que são importadas por Buenos Ayres até a Potosí, tem que atravessar 500 leguas, sendo conduzidas até a Salta em carros de bois, e depois em mulas, como as que entram por Arica e Cobija, tambem.

Os affluentes principaes do rio Madeira, acham-se na parte encachoeirada, na extensão de mil leguas de navegação por canôas para os

portos fluviaes de Bolivia e do estado de Matto Grosso, e são os principaes:

Rio Beni, cuja traducção em idioma tacano é vento, rio do vento; no dos indios caripúnas é *ariocale*, significa rio, simplesmente.

Sua origem é no lago *Titicáca*, fronteira de Bolivia com Perú, junto da serra Illimani; serpenteia os formosos e uberrimos vales de Jungas e de Apollo.

A extensão do rio Madeira está calculada em duas mil milhas, e a velocidade das aguas na foz em 0,^{m}36, por hora e o declive de 0,^{m}44 por legua.

Beni é palavra hebraica e arabe, cuja significação é filho, etc., motivos estes e outros, porque o snr. Thoron admitte que já estes rios tivessem sido navegados pelas frotas de Salomão, levando madeiras para o templo, ouro, etc., de Jerusalem.

Rio Mamoré. — E' o segundo tributario do Madeira, que nasce cerca da antiga cidade da Chuquisaca, actualmente Sucre, perto da cidade de La Paz, em Bolivia; nas escarpas orientaes de um dos contrafortes dos Andes.

Passa pelas cidades de Sucre, Oruro e Cochabamba na republica boliviana, onde seu curso é conhecido por rio Grande de la Plata; e entre os indios denominado *Guapay*.

Sua correntesa é de 245 leguas de 20 ao gráo, segundo Ricardo Franco.

Estes dois rios juntam-se aos 10°-20′ latitude e 22°-12′ e 20″ O. do Rio de Janeiro, na *ilha da Confluencia*, junto á alfandega de Villa Bella; e ficam na altura de 122, 46 de metros sobre o mar.

N'este lugar mandou o marquez de Pombal edificar uma fortaleza para defeza das boccas dos rios, que não consta ter-se construido.

Rio Itinez.— E' o terceiro tributario, vindo de Matto Grosso desagoar no Madeira.

Os negociantes daquelle estado podem tambem communicar com o Amazonas pelo rio Tapajóz, que desemboca junto á cidade de Santarem, mas é pouco frequentado por ser bastante encachoeirado na parte superior.

Estes affluentes correm no rumo N. N, O., os primeiros dois, á foz do rio Beni, e d'ahi a N. até ao rio Abuná; depois a N. E. o Madeira á foz do Amazonas.

Rio Guaporé. — Tambem é affluente do Madeira, por via de Matto Grosso, juntando-se com o rio Beni pouco acima da junção deste com o Madeira aos 11°-55′-46″ lat. S. e 22°-34′-14″ long. O., do Rio de Janeiro.

As primeiras explorações deste rio datam de 1741 a 1743, pelos moradores daquelle estado.

E' n'este rio onde existe o forte do Principe da Beira, cuja artilheria e cantaria, foi transportada pelas cachoeiras do rio Madeira, vindas de Lisboa.

Todos estes rios são abundantes de sifonia e estão mais ou menos habitados de selvagens, e suas margens adornadas de barraquinhas de seringueiros.

Rio Madre de Dios. — É outro tributario do Madeira onde se junta tambem pouco acima a foz do Beni com elle.

Está ainda pouco conhecido mas habitado em partes por exploradores da borracha, e selvagens.

Nasce nas mesmas montanhas.

Ha notavel divergencia nas distancias refe-

ridas por diversos auctores, na extensão de rios etc.; e por isso vamos deixar aqui apontadas as que nos merecem maior credito, pois sendo feitas pelos antigos engenheiros, a elles muitos, hoje, se referem, por mais exactas.

Os engenheiros portuguezes Ricardo Franco de Andrade Serra, tenente coronel d'infanteria que foi constructor e commandante dos *fortes de Coimbra,* no rio Paraguay em 1775 e do do *principe da Beira* no Guaporé em 1776, Antonio Pires da Silva Pontes e Francisco José de Lacerda, que navegaram o rio Madeira em 1782, organisaram o seguinte itenerario que demonstra a distancia, em leguas, de vinte ao gráo, e os dias de viagem dos seguintes pontos, do Pará pelo rio *Madeira, á republica do Alto Perú e Matto Grosso.*

	Leguas	Dias de viagem
Do Pará á foz do rio Madeira .	280	33 (1)
Da foz do Madeira a Santo Antonio (1.ª cachoeira).	186	53 (2)
De Santo Antonio á foz do rio Beni com o rio Mamoré (Bolivia)	60	53
Da foz d'estes rios o Guajará-miri (ultima cachoeira)	10	13
De Guajará-miri á foz do Guaporé com o Mamoré	34	7
Da foz do Guaporé ao forte do Principe da Beira	20	5
D'este forte á cidade do Matto Grosso	180	39
Do Pará a Matto Grosso, pelo Madeira e Guaporé	770	203

De Santo Antonio para cima, navega-se em canôas, o progresso fluvial pouco tem adiantado; estamos nos seculos passados!

---

(1) Do Pará a Santo Antonio, viagem a vapor, com demoras d'este nos diversos pontos até áquelle logar, gastam-se 16 a 20 dias.

(2) Conforme a demora dos vapores nos diversos portos. De Santo Antonio á cidade de Matto Grosso, contam-se dois myriametros.

Só a distancia calculada de cachoeiras, occupa nada menos de 70 leguas.

Duas companhias, uma ingleza, outra americana, installaram-se no lugar de Santo Antonio, ha annos, chegando a segunda a avançar a locomotiva por entre o matto virgem a distancia de tres milhas, porém, hoje apenas ha indicios d'estas tentativas pelas reliquias abandonadas por as companhias, que falliram, e de que nos occuparemos quando tratarmos d'aquelle lugar.

As primeiras communicações officiaes que foram permittidas fazer por via do Madeira para a capitania de Matto Grosso, estabelecida em 1754, foram auctorisadas por provisão de 14 de novembro de 1752, prohibindo o commercio e navegação com o Pará, por qualquer outra parte.

De forma que, segundo Ricardo Franco, de Santo Antonio a Guajará-miri, ponto termino do projectado caminho de ferro de Santo Antonio ahi, gastam-se sessenta e seis dias, quando a vapor, pela linha ferrea, não passariam de dois apenas!

CANUMAN

A' margem do rio Madeira, lado direito vê-se uma pequena capella e tres ou quatro casas de vivenda e de negocio. Junto corre o rio que deu o nome á freguezia creada em 1802, por Joaquim Alvares da Costa Côrte-Real, sendo mais tarde missionada por frei José das Chagas.

A povoação não se avista do rio Madeira, por ficar para o interior.

Lá para o centro existem grandes malocas ou povoados de indios civilisados, sendo para notar que em todas as freguezias do rio Madeira, é n'esta onde se encontram menos analphabetos, quando seus habitantes são quasi todos indios.

Está situada a foz do rio Canuman, na juncção com o Madeira, a 2.º 30′ S. e 13º 32′ O.

Na povoação de S. Paio, no interior, ha algumas plantações dos indios. Foi n'este lugar onde se fundou a primeira povoação de Serpa, que hoje se acha perto da foz do Madeira, com o nome de Itacuatiara.

O navio atracou n'este lugar dando-nos

tempo a saltar em terra, onde nos mostraram a utilissima palmeira carnaúba ou caryphea cerifera.

O coruto da arvore quando é nova é inapreciavel como alimento; é muito nutritivo.

Da mesma arvore extrahe-se tambem vinho, vinagre e uma materia sacharina, assim como uma especie de gomma, semelhante pelo gosto e pelas suas propriedades, ao sagú.

Da sua madeira fazem-se instrumentos de musica e tambem tubos e bombas para tirar agua e ripas para casas.

As substancias fibrosas delicadas da caule das folhas formam boas rolhas e substituem a cortiça.

As raizes tem as mesmas virtudes que a salsaparrilha.

A polpa do fructo é de um gosto agradavel, e a noz, oleosa e emulsiva, é empregada por muitas pessoas, depois de ter sido torrada, como café.

O tronco dá fibras muitos fortes e uma especie de farinha semelhante á do milho, e um liquido muito analogo ao da noz do côco da Bahia.

Da palha secca fazem-se esteiras, chapéos,

cestos e gigos. Uma grande parte d'esta palha é exportada para Europa para a fabricação de chapéos finos e, finalmente, as folhas produzem cera para a fabricação de velas.

Os indios costumam fazer dos corutos tenros da haste d'esta palmeira, uma especie de salada com que se alimentam no matto.

Não é porém vulgar n'esta região, como no estado do Ceará.

BORBA

Fundeamos no porto da villa de Borba, a qual se acha collocada n'uma barranca, mas apenas se avistam uns pardieiros, do nosso navio.

Tem um templo regular e decente, feito por esmolas. N'este lugar ainda se vê alguma cantaria vinda de Lisboa para construcção de um convento de que apenas nos tempos coloniaes se lançaram alicerces.

Santo Antonio de Borba, a antiga *Sapucaia-roca* (gallinheiro), como era o lugar conhecido antigamente pelos indigenas, (1) tem passado

(1) Tambem lhe chamavam *arara retema*, terra de araras, antes de transferida para onde hoje está, da bocca do rio d'aquelle nome onde esteve.

por diversas alternativas, devido á politica: ora é villa ou simplesmente freguezia.

Seus habitantes são accusados de comerem camaleão.

Perguntamos se este Santo Antonio de Borba era *militar*, mas nada nos souberam dizer a respeito; nem mesmo se o era da guarda nacional. A nossa pergunta não foi sem fundamento, e vamos proval-o com documentos, porque raro é o *Santo Antonio do Brazil* que não seja militar; sendo tambem para notar que sendo apenas uma entidade, occupa diversos postos, conforme a terra onde reside ou que está sob seu commando:

«D. João (VI) por graça de Deus principe regente de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem-mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação e commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India, etc.: Faço saber aos que esta minha *carta patente* virem que sendo da minha particular devoção o glorioso Santo Antonio, a quem o povo d'esta côrte incessantemente e com a maior fé, dedica os seus votos, e tendo o céo abençoado os esforços de meus exercitos com a paz que se dignou conceder á monarchia portugueza, crendo eu pia-

mente que a efficaz intercessão do mesmo santo, tem concorrido para tão feliz resultado: — Hei por bem se eleve ao posto de *tenente-coronel* de infanteria, e com elle haverá o soldo, que lhe será pago na forma de minhas reaes ordens; pelo que o marechal de campo Ricardo Xavier Cabral da Cunha, que na qualidade de ajudante general é encarregado interinamente do commando das armas d'esta côrte e capitania, assim o cumpra; e o soldo referido se assentará nos livros a que pertencer para lhe ser pago em seus devidos tempos.

«Em firmeza do que lhe mandei passar carta por mim assignada e sellada com o sello grande das minhas armas.

«Dada na cidade do Rio de Janeiro aos 26 de julho de 1814»

Segue-se a assignatura e rubrica.

Ora visto que D. Pedro IV confirmou os postos dados por seu pae, não ha que duvidar que o Santo Antonio *do Rio de Janeiro, seja tenente-coronel* d'infanteria.

Não fica por aqui, ha mais:

A carta regia de 7 de abril de 1707 confere o posto de *capitão* a Santo Antonio da Barra da Bahia, e por decreto de 13 de setem-

bro de 1810, foi promovido a *major*, sendo seu vencimento considerado soldo e pago pela repartição de guerra, segundo o aviso de 29 de julho de 1859.

Não sabemos se tem sido promovido por antiguidade, porém tem sido elevado gradualmente porque a carta regia de 21 de março de 1711, confirmou-o no posto de *capitão*, do Rio de Janeiro, graduação que lhe havia sido conferida pelo governador Antonio d'Albuquerque Coelho e Carvalho, talvez em virtude de seus serviços quando Duclerc entrou ahi com os francezes; em 14 de julho de 1810, promovido a *sargento-mór* por decreto d'aquella data, e a *tenente-coronel* pela carta regia acima sendo-lhe dispensadas as despezas com a patente no aviso de 22 de agosto d'esse anno, (só não diz se lhe dispensava tambem o fardamento e espada); e condecorado com a gran Cruz de Christo por decreto de 13 de agosto de 1814.

O Santo Antonio de Goyaz é *capitão* com soldo, pela resolução de 29 d'outubro e provisão de 19 de setembro de 1750.

O de Ouro Preto, tem ordenado de reis 480$000, aviso de 26 de fevereiro de 1799,

cujos vencimentos ainda ha pouco recebiam todas as confrarias das terras acima.

Lenda da Sapucaia Oroca. — Pouco abaixo do lugar que em tempo teve este nome, perto de Borba, contam os indios muras, que houve uma importante maloca que desappareceu, por castigo, submergida, devido ás orgias de seus habitantes.

Conta a lenda que os moradores levavam uma vida lasciva, de tal ordem, que chegou a despertar as iras do espirito protector Angaturamas, cujas festas eram feitas em honra do Deus Tupana.

Muitas vezes os velhos pagés sectarios, advertiram os habitantes do mau passo que estavam dando com taes divertimentos desordenados, mas elles despresaram esses salutares conselhos continuando nas orgias.

Os muras porém, a nada attendiam, e quando um dia se achavam em festa, a terra tremeu, as aguas innundaram a maloca e esta desappareceu!

Passamos hoje junto á foz de um igarapé denominado *Mocambo,* nome que lhe provém de se haverem refugiado lá para o centro d'elle,

alguns escravos fugidos no tempo da escravatura, como os havia então por muitas partes do interior, onde elles formavam grandes abarracamentos, verdadeiro couto, em geral, de ociosos, ladrões e assassinos, tendo o governo por vezes, se visto na necessidade de os fazer exterminar por meio de expedições militares, terminando por fim com esses covis.

MANICORÉ

Hoje ancoramos no porto da *Villa de Manicoré*, cuja traducção de nome é alma de porco.

Está n'uma grande elevação do rio, e suas casas estão em linha com a frente d'este.

Tem alguns candieiros a kerosene, na illuminação publica.

Sua capella ou egreja está em ruinas, servindo hoje para seus effeitos, uma casa particular.

Junto ao lado esquerdo da villa desagua o rio Manicoré que lhe deu o nome, onde mor-

reu esmagado por uma arvore, conforme já referimos, o capitão-mór do Pará, João de Barros Gomes.

Foi fundador d'esta povoação Antonio Pedro Aguirre, que havendo-se envolvido em Pernambuco na revolução denominada das panellas, terra de sua naturalidade, retirou-se para o rio Madeira, onde foi nomeado director geral dos indios, estabelecendo aqui um povo ou maloca d'elles, dando assim fundação a este lugar em 1859.

Mais tarde, o tenente coronel da guarda nacional, Manoel Pereira de Sá, que fora *arriado* ou freguez de Aguirre, por morte d'este, desenvolveu o lugar obtendo crear ali uma freguezia em 1866, sob a denominação de Nossa Senhora das Dôres de Manicoré, que abrangia todo o alto Madeira até á fronteira de Bolivia, e em 1877 foi elevada a villa.

Hoje é termo e séde da comarca a qual foi creada a 4 de outubro de 1879.

Diz-se porém que já em 1749 ali habitava um roceiro por nome Antonio Correia que os indios mataram, mas que nada tem com a fundação do lugar.

Irrisorio é dizel-o, aqui, como em todos os

lugares publicos do interior, não se encontra quem acarrete um bahú, faça qualquer serviço, e se se disser que estando-se no Amazonas, ou nos afluentes do *rio mar*, se morre de sede porque não ha quem traga do rio um pote de agua, e se casualmente encontra, este custa-lhe de 500 reis para cima, diz-se a verdade, como nos tem succedido e até mesmo aos habitantes effectivos dos lugares, como nos contaram e é sabido, não havendo até quem se preste a lavar roupa, tudo devido á absoluta falta de emigração ou na retirada de gente para o interior, na extracção da borracha, em que todos se occupam.

As florestas appareceram nevadas pela neblina até ao sahir do sol.

Vimos hoje um bonito macaco — cuatá — que um passageiro recem-entrado trouxe para bordo.

Esta tarde tem sido a dos jacarés: por toda a parte nos apparecem fazendo inutilmente descarregar rewolveres e rifles; tem-se gasto mais de trezentos tiros sem resultado, ou então feridos, mergulham, e não apparecem mais, visto que alguns passageiros teem feito excellente pontaria.

Os mais matreiros, tão perseguidos teem sido, apenas vem á flor d'agua respirar, não tardam a desapparecer.

Alguns são enormes, mas em geral regulares.

Nos remansos d'agua juntos aos páos ou *matupás* de canarana encostados nas margens do rio, se escondem, e temos por vezes visto estes amphibios, aguardando ahi suas presas, muito surrateiramente; e notámos que alguns enormes que a tiro faziamos mergulhar pouco depois appareciam, nadando com velocidade; outros apenas deixavam ver os olhos á flor d'agua e é nelles onde são mais vulneraveis.

Ha gente por aqui, e até no Pará, que come o jacaré-rana e jacaré-tinga.

O jacaré, segundo dizem, não ataca debaixo d'agua. Alguns individuos tem-nos perseguido nos rios, mergulhando, e apunhalando-os na barriga.

Onde ha jacaré é signal de não haver peixe, porque elle devora-os.

Contaram-nos uma historia da onça com o jacaré que tem seu interesse, por isso a deixamos aqui, depois de nos certificarmos ser verdadeira esta conapiscencia.

A onça espera o jacaré de surpresa, em terra, este apenas a vê fica fascinado e não dá mais um passo — é a historia do sapo com a doninha; — então a onça martyrisando-o e elle soffrendo tudo com pasmosa e incrivel resignação, salta-lhe em cima e começa por devorar-lhe a cauda.

Accrescentam ainda a esta narração que depois da onça se achar saciada, tapa com capim (herva) a cauda na parte comida, e affasta-se, ficando o jacaré alli, aguardando que a onça o venha acabar de devorar.

Ella, pelo que se vê magnetisa-o, porque outro animal na ausencia da onça se se aproxima do jacaré, pode ficar certo que este lhe avança mais furioso do que de ordinario.

No dia 24, começaram a ficar já por diversos pontos do rio, alguns dos passageiros do nosso vapor, proprietarios e *freguezes*, d'aquelles que vão preparados com mantimentos para incetarem a safra da gomma elastica, cujo processo teremos occasião de mais adiante nos occuparmos. A bordo do nosso navio vem mais de trezentos emigrantes cearenses, contratados com diversos proprietarios, e constantemente estão chegando mais expatriados atra-

hidos pelos lucros ficticios que por aqui pensam auferir, desertando de suas terras obrigados pelas terriveis seccas, para esta industria. Não obstante, são insufficientes os emigrantes.

Por todas as partes que agora vamos percorrendo, vêem-se já nas barracas dos seringueiros, muitos pretos e caboclos, sendo estes os melhores e mais praticos extractores da seiva sifonica.

Ao atracar o vapor n'algum porto d'estas barracas, deixa vinte, trinta e quarenta ou mais contos em mercadorias fiadas, para sustento do fabrico da borracha, com a qual são pagas; dezenas de homens, mulheres e creanças se veem nas barracas, brancos, pretos, mulatos, mamelucos, tapuyos, em seus trages frescos.

Temos saltado a terra para vermos estes lugares, e havemos notado que por aqui apenas se pensa na gomma elastica e... em nada mais.

Não temos visto um pé de couve, uma hortaliça, um legume qualquer! Apenas n'algumas barracas, pequenas plantações de bananas e macacheira. Estão attidos apenas ás mercadorias que lhes mandam do Pará, quando os

seus terrenos tanto se prestam a plantações de generos alimenticios, que lhes podiam poupar tanta despeza em fretes, commissão aos aviadores, direitos provinciaes, estragos etc., semeando milho, feijão, arroz, batatas (que se dão em partes) plantando couves, repolhos etc., aboboras, melões, melancias etc., porém a indolencia dos donos dos lugares, chega a tal ponto que muitas vezes passam com carne secca todo o anno, não tendo até um pescador ou caçador para lhes buscar mantimento fresco, e comtudo para fazer este serviço, não prejudicava do *picar seringa*.

E' desmaselo, culpavel indolencia.

A febre da *seringa* equivale aqui á do ouro n'outras partes, a mesma cousa; só se trata de explorar, nada de plantar, nem mesmo conservar!

E isto tanto grandes como pequenos seringueiros.

Temos notado que a viagem em vapor não é das mais convenientes para obter apontamentos, já porque pouca demora tem nos portos que vamos percorrendo, já porque não podemos dispor do tempo necessario para ver e estudar os costumes; mas esperamos poder fa-

zel-o, depois de chegarmos a Santo Antonio, onde o vapor nos deixa, donde seguiremos em canôa para as cachoeiras.

Hoje paramos sob rodas, para receber uns passageiros que vão destinados mais acima a casa do *patrão* do qual são *freguezes de seringa.*

Vimos a arvore *Assacú* cuja seiva passa por venenosa, e a ella attribuem as epidemias desenvolvidas dos lagos onde se estagna a agua, apodrecendo nella as folhas e galhos caidos com o tempo, desta e doutras arvores venenosas.

São estas arvores grandes e rodeadas de espinhos grossos no tronco e galhos.

A seiva é parda n'algumas, noutras colorida levemente. Willdenow, chama-lhe, *hura-brasiliensis.* E' caustica e prompto depilatorio.

Os selvagens usam do succo, em gotas, como purgativo, e com elle envenenam as aguas para matar o peixe que comem, que em geral, não sabem outra forma de pescar.

N'uma barraca onde hoje encostamos a tomar lenha para a machina, tivemos occasião de ver uma linda palmeira *tucuman*, (astro carium).

Servem suas fibras para fazer fio com que fazem as redes de dormir chamadas de *tucu-*

man, muito apreciadas; e dá cocos em cachos avermelhados.

Encontramos aqui um velho tapuyo fazendo chapeus das fibras, extrahidas dos foliolos, com rendados entremeados d'esta palha.

O dono da casa offereceu-nos um destes chapeus, de copa afunilada e de immensas abas á guiza de chapeu de sol, e nos disse elle que não havia guarda-sol ou de chuva mais proprio para quem viaja no sertão.

Os filamentos da palmeira tucum, *astrocarium vulgare*, são muito apreciaveis, para este genero de fabrico, como para redes e esteiras; é a arvore muito espinhosa, tendo uma linda copa, do centro da qual lhe espigam as folhas.

Vimos no Pará lindas *maqueiras* de dormir (redes), feitas das fibras desta palmeira, e se vendem por mais de cem e duzentos mil reis.

Algumas, nas varandas, teem desenhos muito originaes, de pennas de diversas cores naturaes, feitas pelos indios, não sendo muito vulgar encontral-as á venda pela estima e procura que têm.

Um pouco mais adiante d'esta barraca, tivemos de atracar a deixar mercadorias, feliz-

mente em occasião que dois tapuyos haviam apanhado um peixe-boi, *mamatus americanus*.

Não nos surprehendeu o tamanho por já nos haverem afiançado que os havia até de 6 metros!

Este teria quatro e meio. Pedimos para o abrirem alli, como costumam, o que fizeram a troco de uma garrafa de *cachaça*, e notamos então ser a carne parecida á de porco, egualmente as banhas.

O nome provem-lhe de ser a cabeça semelhante á do boi, nada mais; junto ao pescoço, curto, tem as mãos em forma de palmipede, tambem de braços curtos, e aquellas lhe servem de remos. D'elle se extráe azeite que serve para tempero e luz, e a carne dizem ser saborosa.

As femeas criam os filhos com o leite de dois peitos que tem.

E' d'este peixe que fazem a celebre mixira que no Pará é apreciada, mas que aqui n'este rio não fabricam. Consiste em coser a carne em pedaços e depois fritam-a, e quando esfriada depositam-a em latas com azeite ou manteiga da tartaruga, ou do mesmo peixe, e para que não se deteriore e possa durar muito, soldam as latas.

Tambem fazem a *mixira,* assado, em lingua geral, de tambaquí, tartaruga e d'outros peixes.

Uma lata de mixira de cinco galões, vende-se, o regular, por doze mil reis.

Hoje tivemos desarranjo na machina, motivo porque encostamos perto da bocca do *lago do Antonio.* Felizmente aproveitamos com a demora, porque tivemos tempo de ir dentro, ao *igapó,* lago, vêr a pesca do *pirarucú,* vastres cuvierü, o rival, aqui, do bacalhau.

Pirarucú, significa peixe pintado de manchas encarnadas: *pira,* peixe; *úrúcú,* vermelho.

O pescador mette-se na montaria ou pequena canôa, e quando só, rema na prôa, substituindo o companheiro pelo jacuman, remo que substitue o leme que amarra na ré. Evita fazer com a pá do remo, remo de mão, especie de pá de forno, com cabo de 3 a 4 palmos (que são os que por aqui usam), — o menor rumor possivel na agua para não assustar o peixe; em pé, na prôa, apenas o vê atira-lhe a haste com o bico *itapuá,* ferrão á guiza de farpa, e larga a linha como se costuma fazer na pesca da baleia, ficando uma extremidade presa, umas vezes no punho, outras na canôa.

É necessario muita experiencia para fisgar

o peixe, pois que este mal dá tempo a ser surprehendido, porque mergulha logo, e por isso o pescador apenas pode avaliar a direcção que elle toma, para o fisgar, pelo movimento que elle dá no impulso de mergulhar, deixando a cauda no ar no acto que entra a afundar-se, devendo equilibrar-se no impulso de arremessar a fisga para não cahir.

Fisgado o peixe, perde muito sangue e facilmente é puchado para a montaria; em terra é aberto e salgado.

N'este lugar vimos grande quantidade de papagaios e algumas guaribas (macacos), trepando, corridos e temerosos, de ramo em ramo, até se perderem de vista, seguindo em linha uns atraz dos outros, como soldados a um de fundo. E' curioso. Faziam uma grande gritaria quando os surprehendemos, e o mais notavel é que vimos um cavalgando, talvez o filhinho, pelo pequeno tamanho, agarrado ás costas do progenitor.

Eram de côr preta e castanho claro.

Na volta do lago, trouxe-nos o guia por outro caminho onde encontramos uma pequena barraquinha de palha, junto a um cristalino igarapé (arroio), assombreado por uma planta-

ção de bananeiras e junto uma racinha de macacheira. Ao lado da casa um gallinheiro, logo em seguida um forno tapado por cima por um *japá* ou tecto de palha.

No forno estava uma rapariga cosendo a farinha; não a vimos preparar mas ella nos disse a formula.

Que a mandioca se põe de molho por quatro a cinco dias, o que ella fazia no proximo *igarapé*, depois amassava-a na agua e espremendo-a no *tipity*, aproveitava o caldo. Secca no forno é joeirada no *urupema*, especie de peneira quadrada feita por elles de vergas de cipó ou talas de bambú; em seguida levava-a ao forno, para seccar.

E' esta a farinha de mandioca, o pão do Amazonas e em geral, do Brazil.

O succo da mandioca é venenoso, porém perde a acção secco pelo torrefacção.

Desta farinha, na falta de linhaça, se servem para cataplasmas, como da polpa da banana assada.

Esta planta cultiva-se muito em Cabo Verde, e em toda a Africa portugueza.

Da raiz da mandioca se extrahe tambem a tapioca, dissolvendo-se em agua fria as particu-

las da raiz depois de ralada, amassa-se bem, n'uma bacia, ficando o summo depositado, que é a tapioca, que depois de secca se reduz a pó desterroando-a com as mãos.

Para se tomar em caldos ou mingáu, deve-se torrar ao fogo para lhe evaporar o acido prussico que contem o succo.

Nesta occasião chegou da caça o homem d'ella com um tátú e um macaco vivo, mal ferido que nos deu.

Junto a esta barraca vimos a arvore sapucaieira, castanheiro, da familia Lecyttrideas muito grande e copada, e nos disse o rapaz haver muitas n'aquelle lago, e que aquella alli ficara quando fizera o pequeno roçado no matto, que não derrubára por lhe ser difficil, não obstante ser proveitosa pela castanha que dava, mas que temia, por velha, ser derrubada alguma vez, com o temporal, em cima da barraca.

Esta arvore é a que dá o ouriço da castanha que na Europa chamamos do Maranhão, porque primitivamente se exportava d'ali. Da casca da arvore, fazem a estopa chamada de *tacuris*, nome que tambem dão á arvore, para calafetar as canôas, amassando a pau as fibras como se faz ao linho, a ponto de poder

desfiar-se em estado de servir para tal mister. A circumferencia da copa d'esta não era menor de tresentos a quatrocentos metros, e altura trinta a quarenta.

Nos cocos ou ouriços, de que nos deram dois, verificamos conter quinze e dezeseis castanhas. São elles duros e é perigoso a qualquer abrigar-se dos temporaes debaixo d'estas arvores quando com os fructos, porque podem cahir alguns e matar, se apanham a cabeça. Como é difficil apanhar os ouriços nas arvores pela altura d'ellas, aguardam o tempo de sua cahida ou de temporal para os colherem no chão; a colheita é, geralmente, em fevereiro ou setembro.

Das amendoas pisadas dão alimentos aos porcos e gallinhas, e tambem fazem doce.

N'este lago dizem-nos ser esta, objecto de muito commercio e exportação para Manáos e Pará.

Nada mais podemos observar aqui porque o navio nos chamou, silvando, avisando-nos que se achava concluido o concerto e terminada a descarga de mercadorias, que não foram poucas, para as diversas barracas d'este lago. Aqui nos offertaram um cacho de bananas pequeninas, muito doces, que levamos para

bordo, chamadas *pacova inajá;* lingua indigena: pacova significa banana, a que na America hespanhola dizem — platano.

Desatracamos do porto e seguimos nossa viagem.

Continuamos vendo alguns jacarés a que faziamos fogo, mas não obstante a guerra que todos lhe fazem, é espantosa a quantidade que d'elles apparece por toda a parte.

Poucas horas depois, encostamos junto a terra com o unico fim de se colher capim para sustento dos bois de bordo, reservados para o resto da viagem.

Já por aqui nos começaram a apparecer os mosquitos a que chamam *carapanás,* tornando-se necessario, á noute, armar os mosquiteiros para se poder dormir descançado.

Dizem-nos que ha por aqui lugares, onde até para se comer, é necessario estar dentro de mosquiteiros. Não só a sua picada é insuportavel, como o zumbido de noute é incommodativo.

Pela tarde vimos passar muitos bandos de papagaios, e araras, de quando a quando, duas a duas, talvez por casaes.

Tanto uns como outros fazem seus ninhos

nos buracos dos páus, e na maior altura que podem, bem como em geral, só poisam nas partes mais elevadas das arvores; costumando comtudo, aproximar-se dos logares salitrosos, a que aqui chamam barreiros, onde fazem uma cantilena infernal pela manhã.

Dizem que só põem dois ovos de cada ninhada, que produzem um casal.

Pouco depois continuamos a derrota.

Vimos algumas palmeiras de assahy, que por aqui não são muito vulgares e não dão fructo todo o anno, como no Pará. Esta palmeira *euterpe oleracia*, não é muito encorpada, mas é elegante, produz cachos de bagos de onde se extrahe o afamado refrigerante *assahy*, de côr castanho escuro; e não são maiores que uma pequena avelã, de fórma espherica.

Costumam preparal-o deitando os fructos n'um alguidar ou gamella, com agua quente, *por algumas horas*, depois revolvem bem tudo, e quando esburgadas as bagas, coam a polpa por uma urupema, peneira.

Uns tomam-n'o assim, outros com farinha d'agua, ou assucar.

A arvore é elegantemente recta.

A bebida assahy é tão saborosa e aprecia-

da no Pará, que por ella se diz, que, quem vae ao Pará, parou, quem bebeu assahy, ficou.

Tivemos occasião de admirar de perto, já por vezes, esta esbelta palmeira.

D'ella, e de quasi todas as demais, é de que fazem as taboas de assoalho chamadas paxeubas para as habitações d'estes lugares.

Cortam as palmeiras em rolos do comprimento desejado, e depois racham-os, prestando-se estes paus a lascar perfeitamente rectos, como a arvore chué. Com elles cercam as casas e fazem gyráus (assoalhos); porém se estas ripas tem que soffrer pregos, deve-se berrumal-as, ou pregal-as emquanto verdes, porque seccas lascam, pois é mui dura a madeira, e não compacta; d'ella se extrahem filetes. N'algumas partes, é raro ver-se pregada á *paxeuba,* nome que lhe dão, quando em ripa não porque temam lascal-a, mas porque os pregos custam aqui bom dinheiro; e então são amarradas com o *cipó* timbótitica, que é o melhor, tomando o nome de embira, — corda.

Experimentámos por vezes na face das paxeubas seccas, metter a bala de rewolver, e nunca penetrou, resvalando sempre.

No emtanto, exposta ao tempo, apodrece prompto o amago d'ella.

Tambem se pódem aproveitar estas palmeiras para calhas, pois dentro são ôccas quando velhas, e o seu miolo é mui brando.

Acabamos de largar ferro no sitio *Carapanatúba*, celebre pela hecatombe aqui acontecida entre o portuguez Alvaro Cesar da Conceição, e o boliviano Manoel Telesforo Salvatierra, de que resultou a morte de onze pessoas, terminando pelo assassinato de Alvaro e fugida de Salvatierra para o rio Beni, onde ha pouco morreu devido aos ferimentos que recebeu, que jamais cicatrizaram; questão motivada por liquidação d'uma sociedade, em *seringaes*, de que foram socios.

Este logar foi maloca de indios *muras*.

Hoje encostamos, pela manhã n'uma barraca chamada *Pariry*, a deixar mercadorias, logar onde não se pára com *carapanã*; todos estamos desejando a prompta descarga para nos safarmos.

Junto do navio temos visto alguns dos *peixes bôtos*, o celebre *uyára*, da lenda dos indios.

Aqui vimos um cacho de bananas, demasiadamente grandes, algumas d'estas de dois

palmos de comprido, a que chamam *pacova grande*.

Compramos alguns ananázes abacaxis, que dizem ser os de melhor qualidade; bem como nos venderam um panneiro de goyabas, fruto, que já conheciamos, como outros tropicaes, na ilha da Madeira, de que fazem excellente doce, em Pernambuco e Ceará, havendo que notar, a criminosa indolencia dos habitantes d'este rio, que sendo pela abundancia, esta, uma fruta de que se não faz apreço aqui, pois se cria a arvore ao abandono no matto,— mandam vir o doce feito do Pará, para onde vae d'outras partes, para aqui o comprarem a 1$000 e 1$200 reis em latas de meio kilo!

Não admira, o milho e feijão, tambem se dá aqui por toda a parte, no entanto que o não semeiam, preferindo pedil-o do Pará, muitas vezes por preço desabrido.

Vimos algumas trepadeiras de flores muito chiques, e uma florida parasita n'uma alta palmeira tucuman.

Acabam de desembarcar os ultimos panneiros de farinha (d'agua), e alguns garrafões de cachaça, signal que pouca demora já teremos n'este ponto.

Os freguezes do *seringueiro* d'este lugar são todos indios mansos ou catechisados, das afamadas tribus mondúrúcús, valentes guerreiros d'outr'ora, e hoje os mais dedicados ao trabalho.

Este lugarzinho não é feio; é alegre e pittoresco, porém, a tal praga dos *carapanás* torna-o insupportavel.

Ao passarmos junto ás praias d'areia, temos sido picado por mais outro inimigo, o trombidium, vulgarmente — *pium*.

Estamos finalmente livres da praga dos mosquitos, não porque não continue a havel-os, depois que deixamos Pariry, mas porque, com a velocidade do andamento do navio, o vento os tem affastado.

Pouco depois de havermos largado d'aquelle ponto, avistamos um vulto atravessando o rio, da margem esquerda para a direita.

Não obstante com binoculo, não era possivel, pela distancia, distinguir-se se era jacaré ou algum páu, dos muitos que na occasião da enchente do rio, as aguas arrastam de *bubuia* em grande quantidade, tornando-se por vezes perigosa a viagem, jamais de noute.

Depois de diversas opiniões, o comman-

dante do vapor, declarou que: nem é páu, nem jacaré;— é um veado.

De facto, assim era.

O veado pretendia atravessar o rio para a margem opposta, porém, não podendo vencer a corrente da agua, vinha descaindo.

Então o commandante mandou arreiar a canôa (que, não obstante ter botes o navio, era esta sempre, por ligeira, que fazia o serviço); — e mettendo-se dentro tres marinheiros, foram agarrar o animal que trouxeram vivo para bordo, dando-nos um excellente jantar, posto tivesse havido a ideia de não o matar, mas como já era grande, não havia esperança de domestical-o.

Não tardamos a encostar n'outra barraca da margem direita, poucas horas á do Pariry, de forma que por motivo de se atracar por todas ou quasi todas as barracas, se tornam estas viagens mui prolongadas; e havendo nós notado que muitas vezes não havia motivo de taes atracações, disseram-nos, alguns empregados de bordo, que era costume, especialmente na proxima época da safra da gomma elastica, os capitães, ou commandantes dos vapores, atracarem em todas, ao beija-mão dos *seringueiros*,

para que estes tomem essa submissão em consideração, e prefiram o seu navio a outro para o embarque da gomma.

Isto é mais do que ridiculo; é caricato e improprio d'um digno leão do mar; mas, infelizmente, assim é, chegando até a pôrem o navio á disposição do *seringueiro*, para ir aqui ou alli, como se fôra qualquer canôa; e o pobre capitão, presta-se a tudo, se quer ter carga para o barco; de fórma que aqui é commandante *in nomine*, porque na realidade, os commandantes de facto, do vapor, são os praticos dos rios, e o chamado commandante, isto é o tésta, é apenas um accerrimo caixeiro da companhia proprietaria do seu vapor. Vimos alguns d'estes commandantes fazerem presentes aos seringueiros seus *freguezes*, de caixas de charutos e latinhas de chá especial, etc., mimo delicado para... lembrança de carga na epoca da borracha.

Chegava a tal ponto o abuzo de alguns *seringueiros*, que nos faziam esperar o navio, infructiferamente, simples e unicamente, para constar que o vapor esteve no seu porto, — ás suas ordens; e o pobre commandante soffre paciente, tudo isto, quando não os chama, ainda para palestras, embora veja a censura que

vae no rosto dos passageiros, quando não são *seringueiros*, com os quaes, no entanto, são orgulhosos do seu posto, quando estes não tem borracha para lhes dar para carga; e então é vel-os impavidos, com menos rasão do que Vasco da Gama!

Elles desacreditam-se mutuamente, a si e ao navio, quando algum collega consegue tirar-lhe algum freguez. Notamos isto, improprio d'um capitão de navios, mesmo de agua doce que seja.

O serviço de meza dos vapores, n'uns é pessimo, n'outros mau, indecentemente servido por criados mal limpos e em mangas de camiza, á fresca, e descalços. Fazemos excepção do nosso navio, onde, á hora da refeição, que era regular, os criados vestiam paletot, ainda que por cima de camisa suja.

Principiando pelo despenseiro de bordo, os criados são todos mal educados, e escusado será pedir-lhe uma pouca d'agua para lavar o rosto, que não a dão nem se importam de a pôr no camarote ou de fazer a limpeza d'este, nem o commandante, com as devidas excepções, tem o incommodo de ver ou saber qual o estado de limpeza do navio.

Devido ao calor insupportavel, ninguem se aproveita dos camarotes para dormir, posto que ainda que o queiram fazer, repugnam os ensebados colxões. Alguns navios teem lavatorio e banheiro, comtudo, em geral, andam em estado de não poderem servir, por absoluta falta de cuidado; é necessario que o passageiro vá ao deposito da agua encher um jarro, elle proprio, se quer banhar o rosto.

Isto porém, acontece com os que não são *seringueiros*, ou se o são em pequena escala que não faça a sua borracha volume no porão, do navio; do contrario o commandante procura, não lhes faltar em attenções, incluzivè pol-o na meza a seu lado, embora tire o logar a outros que entraram primeiro no navio, como vimos a cavalheiros que tinham direito a não ser incommodados por haverem embarcado antes. Na cabeceira da meza se juntam os *petiscos* e vinho especial para os *amigos*, e alli o commandante se desfaz em amabilidades e saudes com os *seringueiros*, não se lembrando que na meza vão mais passageiros, e o que é mais, usando muitas vezes de palavras bastante grosseiras, diante de senhoras, sómente com fim, de suas

pilherias, merecerem a risota dos homens da borracha,

Os factos que temos apontado, garantimol-os, e todos que alli teem viajado o sabem; não obstante, tem havido commandantes illustrados, dignos de toda a estima e consideração, mas estes, infelizmente são victimas, porque não se prestando a menosprezar a dignidade de seu officio, não tarda que as intrigas os façam demittir, porque entenderam que deviam cumprir com seu dever, não admittindo imposições, negando-se muitas vezes a dar as camarinhas que são no navio destinadas aos governadores dos estados e ás senhoras, a certos *seringueiros* que isso lhes impõem. Isto que dizemos é a verdade, pois sabemos, e é publico, que alguns commandantes tem feito contracto, até escripto, com *seringueiros* ou carregadores, obrigando-se-lhe, a fazer desconto nos fretes, dar-lhes passagem de graça, e camarotes reservados! Nós mesmos tivemos occasião de vêr, mais tarde, despojar-se da camara das senhoras, a espoza, aliás d'um *seringueiro* soffrivel carregador, de Matto Grosso, para ceder o aposento a uns pandegos, *seringueiro* em maior escala!

Váe por quem *dá mais*. E' negocio de regateiras.

Como temos dito, é tal a humilhação de alguns commandantes destes vapores, que até nas latrinas fazem distincções, reservando sempre uma, fechada, para os seus *amigos!*

Em geral, todos os habitantes do rio Madeira, quer naveguem em vapores ou canôas, vão sempre acompanhados por um pequeno cofre de latão, onde trazem o dinheiro e papeis, e ao embarcar ou desembarcar, lá vão elles com o inseparavel cofresinho dos encantos na mão, suspenso por uma argola na tampa.

Temos visto por estes logares algum gado vaccum, que progride mal e que aqui não passa de um objecto de puro luxo, pois é raro o dia do anno em que matam um boi, chegando a valer 150$ a 200$000 reis.

A falta de communicação de vias do departamento do Beni, de Bolivia, impede a importação de gado d'ali, onde se vende cada cabeça, feita, a 10 e 12$000 reis, e em que ha logares onde apenas se matam rezes para fazer tiras dos couros com que amarram os pacotes de borracha e saccos de couro, onde a conduzem!

Estamos encostados n'um logar chamado *Juma*, que foi propriedade do nosso amigo Alexandre José de Figueiredo, portuguez. Dizem que lhe provem o nome de haver sido por aqui a maloca ou residencia, da tribu *juma*.

Tem casa de telha, embarrada. Vimos algumas laranjeiras, arvores que por aqui duram poucos annos.

Estavam, no entanto, muito lindas, bem como limoeiros de raça gallega, extremamente carregados de fructo, o que temos notado em todos que havemos visto. Não ha por aqui outra qualidade de limões. Algumas limas tambem tinha o logar, e uma horta, o que é caso para admirar e denota alguma curiosidade, que não temos visto desde que entrámos nas aguas do rio Madeira, e raro era ver-se tambem no Amazonas, e quando isso, meia duzia de pés de couve como adorno de jardim.

Fomos ver o *defumador* onde preparam a borracha, que ficava proximo do matto.

Era uma pequena palhoça abarracada, coberta de palha de folhas de palmeira.

Não fazemos aqui a descripção da preparação da gomma elastica, porque nos reservamos descrevel-a quando pessoalmente virmos

pois actualmente não é a epoca da extracção da seiva, e por tanto não desejamos curar por informações, para não errarmos, como nos tem dito de certos viajantes que descrevendo o que não viram, são ingenuamente enganados, já por proposital informação, já porque não tiveram pessoa competente para os illucidar.

Como a gomma elastica é a principal fonte de receita do Amazonas, é justo que d'ella façamos circumstanciada e verdadeira descripção.

Este lugar tem diversas outras barracas de palha, onde vivem os seringeiros freguezes e rapazes.

Os *freguezes* são os que trabalham na extracção da seiva por conta propria, comprando as mercadorias ao patrão e vendendo-lhe a borracha depois de preparada; os *rapazes* ou *assalariados*, são tambem extractores do leite da siphonia elastica, mas são sustentados pelo patrão, e fazem-lhe todo o demais serviço, como remadores, canoeiros, carregadores, etc.

Temos notado que pelos lugares d'este rio apenas plantam a canna de assucar unicamente por gulodice, para a chuparem.

N'uma barraca aqui, nos offereceram e comemos *maniçova*, preparado composto de car-

ne ou peixe, envolto em folhas, como guisado, e um peixe *moqueado*, que comemos com *pirão*; este, farinha de mandioca amolecida n'agua ou em caldo, morno, em fórma de papas granulosas e duras.

Vimos aqui alguns indios muras aspirando o seu tabaco de paricá, pó produzido pela torrefação do fructo da arvore d'aquelle nome.

O paricá tem a sua historia, como as nossas vindimas, as desfolhadas do milho, a apanha da azeitona, etc.

Emquanto as velhas preparam o paricá, porque são ellas a quem cumpre fabrical-o, a tribu veste-se de galas por oito dias, embriagam-se todos com bebidas fermentadas, e preparam o *bejú*.

Logo no principio da festa começam por açoutarem-se mutuamente, com chicotes de couro ou de fibras vegetaes com pedras amarradas nas pontas, e assim, collocando-se elles de dois a dois, um de braços e pernas abertas em pé, e o outro de açoute em punho, mimoseia aquelle, depois este entrega o chicote áquelle para o fustigar tambem; e assim todos.

Quando já bem lastimados, vão comer e beber, terminando por cada um receber o seu

rapé de paricá que tomam por uns tubos apropriados.

Deste logar, fomos encostar e descarregar mercadorias n'outro porto a que tambem chamam *Juma*.

Tem este bastantes rapazes, indios, bolivianos e freguezes.

E' seu proprietario o boliviano Antonio Chaves.

Junto ao porto haviam uns galpões de palha, debaixo dos quaes alguns indios construiam batelões.

Tem casa de pedra e barro.

Aqui vimos as indias bolivianas, e até raparigas brancas, usarem a celebre *tipoi*, vestuario simples e commodo de que reservamos para mais adiante sua descripção.

Pela primeira vez comemos aqui a fructa do mamoeiro, de gosto e feitio aproximado do melão. Dizem ser fructa sadia e refrigerante. É amarella por dentro, e fóra quando madura, e suas sementes são em quantidade, menores do que as das ervilhas. As fructas e flores nascem juntas e proveem do tronco mãe; é a arvore copada, sendo poucas com galhos, e seu tronco occo está muitas vezes cheio d'agua que na

secca sustenta fresca a arvore. Com uma cutilada derruba-se, tão mole que é.

Tambem fazem doce da fructa. A arvore femea, é a que dá o fructo, cujas flores rebentam no tronco, a macha apenas dá flores em ramalhetes compridos.

Os indigenas brazileiros conhecem-a por *chamburù*; os bolivianos, lhe chamam *papaya*; e Linnio *Carica-papaya*.

O tronco é redondo e muito recto e toma a altura até 25 metros. Alguns comem o fructo cosido; nós o comemos crú. E' adocicado bastante. As flores são brancas. Regularmente está sempre dando fructo, porque tem grande ovario e gradual junto á copa. As naturaes, dizem que tem a propriedade de fazer amolecer de prompto a carne, juntando-a a cozer com a fructa.

Para comer-se fazem-se algumas incisões verticaes na casca do fructo, e depois deste por ali expedir lagrimas de leite, que é caustico, pode então comer-se.

As folhas são grandes e vão caindo á medida que a arvore vae crescendo, deixando o tronco nú, apenas copado.

Sempre que temos desembarcado por estes

portos, em todas as barracas que temos visitado nos tem offerecido chavenas de café, obzequio aqui em uso aos passageiros, sendo mais para notar, que junto á chicara ou depois do liquido tomado, café, guaraná, assahy, chicha, etc., offerecem egualmente cigarros, geralmente de tabaco fabricado em casa, para o que vem um *curumim* ou *muchacho*, com elles em um pires, e os competentes phosphoros. Sendo em casa de bolivianos, é mais commum o café, chicha ou guaraná. Em quasi todas as partes nestes logares, as mulheres dão o exemplo, fumando; o que não se deve estranhar porque o mesmo se dá, raras excepções, até com as senhoras, nas capitaes visinhas, usando não só do cigarro, mas de preferencia o celebre cachimbo, de não menos celebre cabo taquary, como o tabaco de corda...

Deste ponto levantamos ferro, o que pouco é costume, porque o ferro levanta-se no porto do Pará e só ali se torna a lançar, em geral aqui atraca-se o navio, passando espias para terra sendo amarradas nas arvores, para cujo fim o dono do logar, tem sempre prompto, apenas o vapor apita, lá ao largo, um rapaz para ir receber a espia e amarrar em terra em estaca ou arvore proxima, já destinada para tal fim.

Todos estes sitios tem seu pharol para de noute indicarem o logar do porto aos navios.

Fomos atracar junto á foz do igarapé de *Tres Casas*, onde vimos muitos jacarés que se affastaram com a chegada do navio.

Aqui termina o municipio e comarca de Manicoré, e principia a comarca e municipio Humaytá.

N'este ponto aguardavam o vapor alguns seringueiros do interior do igarapé, com suas canoas para n'ellas transportarem as cargas.

O nome d'este pequeno rio provem-lhe de ter havido em tempos, tres barracas junto á bocca.

Nas margens do igarapé fazem-se grandes plantações de tabaco, que é afamado, e folhas d'elle vimos a seccar em diversas barracas, á sombra para depois ser enrolado e *entanissado*, amarrado, bem apertado em rolos compridos de diversos pesos e tamanhos.

O tabaco é conhecido desde 1492 em que Christovão Colombo viu fazerem uso delle na ilha de S. Salvador, aos indigenas, fumando-o e mascando, donde elle trouxe aquelle uso á peninsula hispanica; e de Lisboa foram remettidos para França por Jean Nicot a Catharina

de Medicis, mulher de Henrique II, que era muito dada á botanica, por este seu representante em Portugal, as primeiras sementes, d'onde á planta lhe deram o nome de nicotina ou herva da rainha, em 1560, passando seis annos depois á Allemanha novas sementes; e no seculo XVI, chegaram tambem á Italia, em seguida á Asia, Africa, e pouco depois a Australia e Oceania. No entanto não affiançamos as datas nem o individuo importador primeiro acima mencionado, porque variam as opiniões. Dizem alguns que em 1569, Fernandes de Toledo o introduziu em Hespanha e Portugal, vindo da ilha de Tabago, donde é provavel se allumie o nome da planta do fumo; ilha que fica na costa de Venesuela e que pertence ás pequenas Antilhas. No primeiro de desembro de 1674, foi o tabaco arrematado pela primeira vez em França, findando o contracto, pelo seu limitado consumo, em primeiro de outubro de 1680, sendo livre a sua venda em 1720 até setembro do anno seguinte.

Em outubro de 1723 até 30 de egual mez de 1730, tomou conta e fez d'elle monopolio para se pagar de uma divida do governo, a companhia das Indias, que o fez circular em

maior escala; e em 1747 tornou a ser desempenhada propriedade do estado.

A primeira arrematação do tabaco em Portugal foi por 40$000 reis. O chronista hespanhol Rodrigo Garcia, que acompanhou Christovam Colombo na descoberta da America, conta o seguinte a respeito do tabaco:

«Poucos dias depois de haver desembarcado, encontrava-me uma tarde com outros companheiros na parte oriental da ilha de Ceuta, junto das margens do rio Cannáo, e todos occupados em explorar aquellas formosas margens, quando avistamos uma pequena povoação para a qual nos dirigimos logo.

«Muito nos surprehenderam os costumes dos seus habitantes, porém o que mais despertou a nossa attenção foi ver como aspiravam o fumo d'uma planta secca, chamada *cogiva* entre elles; a sua paixão por este vegetal era tão grande, que não só aspiravam o fumo pela bocca, mas tambem pelas narinas, etc.

«O instrumento pelo qual se serviam para aspirar o fumo, era um pau ôco, conhecido entre os indigenas pelo nome de *tabaco,* cujo nome nós applicámos depois á planta que elles denominam *cogiva.*»

Ha muito quem tenha o tabaco por venenoso e talvez não sem causa, são porém seus antagonistas, o café, o alcool e todos os excitantes.

O mais perigoso das producções chimicas do tabaco é a nicotina.

Já que fallamos da America e de Colombo, diremos alguma coisa sobre a descoberta d'aquella parte do mundo:

Christovam Colombo, como é sabido, era genovez, porém residia na ilha de Porto Santo, archipelago da Madeira, em 1470 onde casou com Philippa Perestello, filha do navegador portuguez Bartholomeu Perestello, de quem teve um filho, Fernando, e elle, o pae, esteve ao serviço da armada de Portugal. Affonso Sanches, piloto, natural de Cascaes, vindo acossado e doente de uma *longa viagem* d'onde lhe escaparam só dois ou tres marinheiros, foi arribado áquella ilha em 1486, onde falleceu com os companheiros por effeito da viagem, em casa de Colombo. Este, segundo alguns dizem, encontrou entre os papeis do piloto Sanches, o roteiro de *sua ultima viagem* que se suppõe ter sido á America do Norte, diario que forçosamente devia interessar a Colombo, como mari-

nheiro. Portanto era natural sua curiosidade em rebuscar os papeis d'aquelle. O que porém é certo, é que só depois d'isso, Colombo se lembrou de procurar protecção para tal viagem, que lhe foi recusada pelo seu proprio paiz natal, por D. João II, de Portugal e Henrique VII, de Inglaterra; valendo-se então de frei João Pires, confessor da rainha Isabel de Castella, quem intercedeu por elle para com ella, e ella para com seu marido, o rei Fernando d'Aragão, o catholico; fazendo-se á vella para oeste, Colombo, de Andaluzia, porto de Palos perto de Cadiz, com tres caravellas, no dia de sexta-feira 3 de agosto de 1492. Soffrendo avarias nas ilhas Canarias, as reparou em Tenerife, aportando 65 dias depois á ilha de Guanaham, na noute de 11 para 12 de outubro, guiado pela direcção de uma fogueira que ali avistou, feita pelos indios, ilha que baptisou por S. Salvador, porque na realidade foi sua salvação tel-a visto, pois seus marinheiros já se conspiravam contra elle por tão longa viagem, havendo Colombo pedido o praso de mais um dia, findo o qual não apparecendo terra, promettia voltar, mas, avistando aquella ilha das Lucaias ou Balrama, nas Antilhas, ali fundeou; porém só em 1496 é que a 13 de ju-

nho, descobriu o continente americano, percorrendo em 1498 e 1502, a costa septentrional da America do sul, da foz do Oringo até á costa dos Mosquitos, a qual, esta, foi a sua ultima viagem.

Depois voltou glorioso a Hespanha onde o aguardavam as intrigas e invejas de seus emulos, que o poseram a ferros, morrendo em 20 de maio de 1506, com 70 annos.

Hoje jaz na cidade de Havana.

De entre os livros escriptos por seu proprio punho, vimos nós um na bibliotheca colombina, em Sevilha, onde elle desenhou as tres caravellas d'essa viagem, e uma carta geographica, tambem d'elle, da *ilha hespañola,* que é aquella onde aportou, hoje chamada S. Domingos.

Até á data d'esta viagem de Colombo, diz o sr. visconde de Santarem, na sua obra *Essai sur l'histoire de la cosmographie,* e outros, «a America do Norte não era conhecida,» porém isto não obsta, porque havendo Sanches fallecido e seus companheiros, e sendo Porto Santo uma ilha deserta como ainda hoje é mal povoada, ficou o segredo só em poder de Colombo, havendo comtudo ha pouco tempo, em

1882, apparecido um documento que prova o contrario da asserção que o sr. visconde affirma, que é o seguinte:

Ao sr. Luciano Cordeiro, secretario da sociedade geographica de Lisboa, foi communicado pelo illustre açoriano o sr. Ernesto do Canto, em 1882, uma descoberta importantissima feita por um sabio estrangeiro seu amigo, sr. Harrisse. Tracta-se de uma narrativa da viagem de Gaspar Corte Real em 1501, e de um grande mappa *remettido de Lisboa* em *1202* com as descobertas d'este navegador que não abrangem só a terra do Labrador e da Terra Nova, mas *toda a costa* dos actuaes Estados-Unidos e da Florida. E', segundo opinião auctorisada «o documento hydrographico e cartographico mais importante que até hoje se tem descoberto para a historia do Novo Mundo,» e concorre para confirmar a opinião sustentada pelo sr. Luciano na obra *De la part prise par les portugais dans la découvert de l'Amérique,* de que foram os portuguezes, os primeiros descobridores da America do Norte.

Já em 1490, João Ramalho, portuguez, genro de Tebiriça e chefe de indigenas caraibes, habitava este paiz no lugar hoje conhecido

por Cananea, justamente dois annos *antes* do descobrimento de Guanahani por Colombo.

Vimos tambem em Tres Casas plantações de canna, feitas unicamente com o fim de aproveital-as em chupadelas!

A canna de assucar é oriunda da India, d'onde foi transportada para a Arabia, Syria e Egypto, mas já no tempo das cruzadas começou a ser mais conhecida, sendo plantada na ilha de Rhodes, Malta e Sicilia.

Da India a levaram os portuguezes para a ilha da Madeira em 1420, e d'ahi para o Brazil em 1531, Martin Affonso.

Na Madeira, em 1501 se fabricavam já 63.800 arrobas de assucar, segundo Barros, dando cada espaço de tres leguas occupado de canna, 60 arrobas ao quinto; e Bluteau diz, na mesma ilha, chegaram a haver 150 engenhos que davam um producto de quatrocentas mil arrobas. A primeira canna cultivada no Brazil, foi em S. Paulo.

Em 1666, o conde de Castello Melhor, ministro de estado, a mandou plantar no Pará, indo da ilha da Madeira, e d'aqui foi tambem para as de S. Vicente e Canarias.

No continente portuguez, é plantada nos jardins onde vegeta perfeitamente.

No Pará vae-se desenvolvendo esta industria, e ali vimos preparar o assucar no engenho, pela seguinte forma:

Ajuntam-se as cannas em molhos e mettem-se na prensa donde o succo começa a derramar-se no respectivo reservatorio.

Este succo coze-se em caldeiras ou tachos até tomar a consistencia de *ponto*, escumando-se de quando a quando, e misturando-lhe leite de cal para clarificar o assucar; e depois tirando-se do fogo se faz resfriar em vasilhas com ralos, donde filtrando-se o liquido, deixa o assucar depositado, em bruto, a que chamam mascavado, o qual depois é clarificado com sangue de boi, carvão de ossos ou agua de cal, resultando portanto o assucar refinado, sendo porém o grosso o que vae ao mercado em maior escala, e que é consumido no interior dos estados do Pará e Amazonas.

Da planta se extrae tambem a aguardente conhecida na Europa por aguardente de canna, e aqui por *cachaça*.

A mais apreciada do Pará é a do engenho

do snr. Fortunato de Sousa, a qual é commummente chamada *cachaça do Fortunato.*

O preço do garrafão ou frasqueira de vinte e quatro litros, regula de 6 a 7$500 reis.

A raiz da canna, permanece na terra até trinta annos, pouco mais ou menos, conforme a qualidade da planta e do solo.

Para destruir o *borer*, ou larva que damnifica a canna, alguns plantadores, usam de mergulhar em agua sufficientemente quente, as cabeças da planta; outros cortam os primeiros rebentos quando já com tres mezes, junto á terra, queimando-os para evitar a communicação quando por descuido, ficam entre a plantação.

Com a demora do navio n'este lugar de Tres Casas, temos sido mortificados pelos mosquitos *pium* e *maruim*, que tem invadido o vapor, cuja mordidella nos causa pruridos e empolhas na parte offendida.

Dizem que são venenosos por se alimentarem do succo ou folhas do assacuseiro, e assim nos parece pelo effeito da picada, deixando a pelle na parte dolorida, com umas manchazinhas ou pontos negros, durante dias.

Alguns passageiros para não agravarem as

feridas coçando, polvorisam-as de cinza de tabaco, outros calçam luvas; são insupportaveis, e rios ha onde se anda constantemente de véo e se come dentro de mosquiteiros pela abundancia e incommodidade d'esta praga e do carapaná, mosquito de maiores dimensões.

A' terra não se póde ir passear porque temos o *mucuim* que vive no capim, agarrando-se e introduzindo-se nas pernas, fazendo-nos rascar constantemente.

Este animalsinho é quasi imperceptivel, apenas se conhece attendendo muito na parte mortificada, se acha um ponto encarnado.

Nas margens d'este igarapé ou riosinho que dá navegação para o interior de Tres Casas, encontrámos um arbusto espinhoso e sensitivo, que apenas era tocado fechava as folhas de forma de palmito.

Temos notado a grande quantidade de mercadorias que aqui tem desembarcado, entre ellas milho, café, feijão, arroz etc., o que demonstra a incuria dos habitantes do Amazonas em geral, pois que importa generos do Pará, que os recebe da Europa, e outros pontos, quando aqui estavam no caso de os exportar, visto que tão uberrimos são estes terrenos

para estes generos alimenticios de primeira necessidade.

A borracha, effectivamente, tem dado fabuloso rendimento ao Pará e Amazonas, porém tem supplantado toda a industria e agricultura, inconveniente que só mais tarde se ha-de sentir quando esgotadas as arvores da seringa, e só então se conhecerá que muito mais se perdeu do que se lucrou, quando a falta d'aquella obrigar os habitantes á cultura que hoje poderia ser prospera e desenvolvida.

Effectivamente temos notado que se póde viver por aqui dispensando-se auxilio estranho, e jámais quem não for ambicioso.

Diz-se que o caboclo do Amazonas tendo uma rede, espingarda, anzóes e viola, nada mais pretende.

A rede para dormir, espingarda para caçar, anzóes para pescar e a viola para dedilhar o *camaleão*.

N'uma pequena derrubada de floresta, planta banana, macacheira, feijão, milho etc., emfim o preciso para se alimentar, que o terreno tudo lhe dá. Tem caça no matto e peixe no rio, nada mais necessita.

Faz a sua farinha de machaceira, toma seu

chibé, farinha com agua, e assim passa o dia, tocando viola nos intervallos e balouçando-se na rede, onde muitas vezes prende a linha do anzol, deixando ao peixe o cuidado de o avisar que cahiu na isca, pelas sacudidellas que lhe dá.

Porém a providencia que de nada se descuida, preveniu esta indolencia, mandando a formiga saúva, que em uma noute deixa as arvores, plantações, hortas e roça, sem uma unica folha e fructos, e vae andando, depois de ter devastado tudo, obrigando a nova sementeira.

Muitos processos chimicos se tem estudado para evital-as, como a formiciga capanena, mas nenhum tem dado efficaz resultado.

Infelizmente não são só os generos alimenticios que se importam sem necessidade, é tambem a madeira!

Para o Pará vem da Europa muitas taboas de pinho de Flandres para armarem as caixas onde se exporta a borracha, taboas já no devido tamanho, quando d'ahi podiam empacotar aquella materia em caixas de taboas de cedro, de cuja venda até tiravam producto, por ser madeira apreciada para certas obras em Europa.

E' o cumulo! Vem madeira para um paiz onde ella tanto abunda.

Vamos passando junto ao *Crato* que foi presidio em tempos coloniaes.

Obtivemos alguns apontamentos historicos que vamos referir:

O governador do Pará D. Francisco de Souza Coutinho, creou na bocca do rio Jamary, onde havemos de passar, uma colonia em 1782, composta de indios e degredados, sob a inspecção do ouvidor do rio Negro dr. Luiz Pinto de Cerqueira, que foi substituido, por doente, pelo capitão Marcellino José Cordeiro; outros dizem que em 1798; — sob a denominação de *San João do Crato;* dando-lhes instrumentos de lavoura e sementes, mas passados quatro annos soffrendo de febres, e depois de haverem morrido muitos colonos, este capitão, expoz ao governador a inconveniencia d'esta povoação em tal clima, e então elle mandou-a remover para o lugar onde actualmente existe apenas o nome que deram á primitiva, que hoje é lugar particular.

Para alli, e aqui foram mandados muitos degredados que na maior parte morreram de febres, e o proprio capitão d'ellas falleceu em

1807, já n'este lugar, onde havia fundado a nova povoação a 14 de agosto do anno transacto.

Não foi só o fim da edificação da primitiva colonia crear um presidio de degredados, mas sim, egualmente, foi estabelecida tambem para auxilio dos viajantes e facilidade de communicações com a capitania de Matto Grosso; no entanto não progrediu durante esses quatro annos, devido ás febres endemicas, que ainda hoje ali tem fama; e transferida para o lugar de que hoje fallamos, não teve melhor sorte, pois quando já então apenas aqui existia um sargento commandando alguns soldados, este que constantemente se via victima das febres intermittentes, entendeu que o meio unico de se ver livre d'alli, visto que não attendiam á sua rendição, foi pegar fogo aos pardieiros que alli havia, barracas de palha, e retirar-se attribuindo o incendio a um ataque de indios, o que depois se soube não ser verdade, segundo affirmaram os soldados, que em geral antes querem um mau destacamento que um bom regimento, como elles dizem na Europa.

Este sargento chamava-se Manuel Baptista Carvalho.

Desde então, até hoje, o governo abandonou estes lugares que chegaram a ter honras de freguezia por provisão de 4 de julho de 1859. Hoje, tanto um como outro ponto, são sitios particulares, de seringueiros; e n'elles não existe indicio algum de taes colonias.

O lugar da primeira fundação, bocca do rio Jamary, ainda hoje é muito sugeito ás febres, morrendo grande quantidade de gente ali todos os annos, mas por forma alguma arredam pé de lá com a febre-mania da borracha, por ser alli um dos lugares de melhores seringaes, — a tal ponto que agora se vê o que talvez então lá não houvesse — uma casa de telha.

Hoje este lugar é propriedade do nosso amigo José Bernardo Ferreira, que n'elle tem um pessoal de mais de duzentas almas empregadas na extracção da gomma elastica,

Tem uma bonita casa de vivenda.

D'aqui seguimos para a villa de Humaythá, distante meia hora de viagem d'este lugar do Crato.

HUMAYTHÁ

Preço da passagem de Manaos a esta villa, 77$000; do Pará 167$000 reis.

Acha-se situada na margem esquerda do rio Madeira, n'um terreno bastante elevado.

Foi este lugar fundado em 1869, pelo cidadão portuguez, José Francisco Monteiro, natural do Porto, que a baptisou com aquella denominação em memoria da tomada da fortaleza de Humaythá do Paraguay, pelas tropas brazileiras. A lei provincial n.º 790, de 13 de novembro de 1888, transferiu da missão de San Francisco para aqui, a freguezia que alli existia abandonada.

Por decreto n.º 32 de 4 de fevereiro de 1890, foi elevada a villa, ficando constituindo patrimonio d'ella, uma area de um milhão de metros quadrados de terreno, a começar no lugar denominado Crato, principiando o municipio da bocca do igarapé das Tres Casas inclusivè, até á fronteira de Bolivia.

No mesmo anno, por portaria de 6 de maio, sob n.º 40, foi creado aqui um termo, e em maio de 1891, comarca do Alto Rio Madeira.

O terreno da villa é muito accidentado e

serpenteado por igarapés no tempo das chuvas, dando-lhe portanto, um aspecto risonho e agradavel. Tem alguns estabelecimentos commerciaes e artisticos, um bom paço municipal, uma capella com a invocação de Nossa Senhora da Conceição do Behén de Humaythá, duas escólas publicas, para os dois sexos, uma boa typographia intitulada *Humaythaense*, prélo Marinoni, cadeia de pedra e barro, etc. E' o lugar illuminado a kerosene, por dezeseis lampeões collocados em columnas de madeira.

Em qualquer tempo, os vapores encostam perfeitamente ao porto, saltando-se para terra simplesmente por prancha. Tem umas trinta casas bem caiadas, cobertas de telha, e suas ruas e praça capinadas.

Nos arrabaldes já se nota alguma agricultura, café, macacheira, milho, feijão, etc.

Como todas as terras do interior, vive da borracha.

O rendimento municipal ascende a trinta e oito contos.

O cemiterio, acha-se collocado ao fundo da villa, espaçoso e gradeado de ferro na frente.

Se conseguir como pensa, ligar-se com o Estado de Matto Grosso e Bolivia, por meio de

uma linha ferrea, em substituição da malfadada de Santo Antonio, poderá vir a ser uma povoação importante, como ponto obrigatorio de embarque e desembarque.

Humaythá, segundo Keller, está a 40 metros sobre o nivel do mar, e a 7° 31' 3"-4-S.

Nos fundos da villa tem um pequeno campo, que tivemos occasião de visitar, campo natural, onde apenas existe, aqui e alli, alguma arvore; e ainda por detraz d'este, tem um outro mais extenso, talvez proprio para agricultura ou fazendas de gado.

Um pouco acima da villa, desagua no Madeira, um igarapé denominado *Behén*, abundante de peixe, cujas margens veem-se semeadas de barraquinhas de palha.

Como o vapor tivesse demora em Humaythá, fomos por terra até á foz d'aquelle riosinho, sendo-nos convidado, n'uma d'estas barracas pertencente á snr.ª D. Carmen Jimenis, boliviana, alguns copos da popular bebida chamada *chicha*, de milho fermentado.

Pareceu-nos agradavel, e d'ella pedimos a receita que é a seguinte:

Bota-se o milho de molho até inchar e grellar, amassa-se, leva-se ao fogo em tacho com

agua; tomando certa consistencia, tira-se e lança-se em vasilhas deitando-se-lhe assucar; tapa-se por tres a quatro dias até fermentar, e depois pode beber-se.

Tambem se faz chicha de banana, arroz, macacheira, etc.

Colhemos outras receitas que aqui deixamos.

A *chicha* dos indios, preparada por elles, é *mascada*, é por esta forma confeccionada:

Torra-se o milho, amassa-se ou socca-se, assim bem machucado, juntam-se os indios sentados em volta de gamellas onde põem esta massa, e a levam em bocados á bocca, mascando-a; com esta massa juntam outra de milho crú, previamente pisado e amassado com agua fria, em seguida leva-se ao fogo até reduzir, seguindo-se o resto da preparação da primeira receita para fermentar.

A *chicha colha*, é feita por outra forma:

Pisado o grão mistura-se-lhe agua, leva-se ao sol a seccar por seis dias, depois bota-se ao fogo a coser com agua, e quando já toma certa consistencia, bota-se para outra vasilha, esfriando, e então se *mastiga*; bate-se com agua fria e volta ao fogo até reduzir a quarta parte;

assim tira-se e filtra-se, deixando-a quatro dias em garrafões bem tapados a fermentar.

Bebe-se depois.

A *chicha crusenha*, feita no departamento de Santa Cruz, é a usada nas classes mais decentes por não ser *mascada*. E' assim feita:

Põe-se o milho de molho por tres dias até grellar, lava-se em quatro aguas, expõe-se ao sol, secco é amassado o grão, esmigalhado deita-se em vasilha com agua e se leva ao fogo até reduzir á quarta parte; tira-se e mistura-se-lhe assucar, passas de uvas, canella ou maní, torrado reduzido a pó, o qual tem um gosto a pinhão; e assim se deixa até crear gordura na superficie, e depois toma-se.

A *chicha somó*, prepara-se por esta fórma: Esmigalha-se o milho, aparta-se a casca, leva-se ao fogo a ferver com agua até amolecer bem; tira-se, lança-se em vasilhas, a esfriar sem fermentar, e bebe-se como refresco, addicionando-se-lhe assucar, etc.

É mais simples a *chicha de banana*: põe-se esta fructa a coser até ficar bem espapaçada ou amassa-se a punho, tira-se e côa-se guardando-a em vasilhas tapadas por dois a tres dias até fermentar, bebendo-se depois.

A *chicha de macacheira* prepara-se descascando a raiz ou batata da macacheira levando-se ao fogo com agua até amolecer bem, tira-se, *mastiga-se* a terceira parte, e depois de amassar com as mãos a outra parte, mistura-se tudo, côa-se e se leva de novo ao fogo; cosida, tira-se, esfria-se e guarda-se por quatro dias a fermentar, podendo então tomar-se.

Todas as chichas são embriagantes.

A *chicha de arroz* é preparada cosendo este, tira-se e amassa-se, volta ao fogo a reduzir, tira-se, esfria-se e espera-se que fermente por quatro dias, deixando-se em garrafões bem tapados para depois se beber.

Pouco depois apitava o vapor chamando os passageiros, e nós retiramo-nos agradecidos da obsequiosa attenção que nos dispensou aquella senhora, sendo mimoseados com elegantes bouquets de flores mimosas do seu jardim, por uma gentil e graciosa menina que com ella vivia.

Mais um copo de chicha e partimos.

A chicha não é uma bebida moderna, pois já d'ella faziam usos os incas.

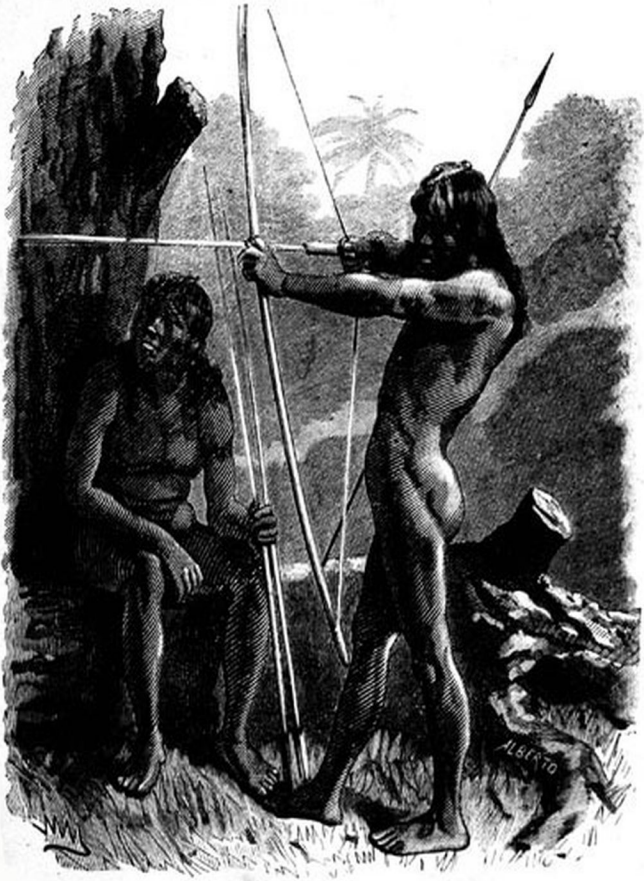
No museu do Rio de Janeiro, salão n.º 9, armario n.º 2, existem duas taças onde os sa-

cerdotes do templo do Sol, no Perú, tomavam aquella bebida.

Sahimos de Humaythá, e meia hora depois encostamos no logar *Paraiso*, propriedade de D. Santos Mercado, boliviano, um sitiosinho de perspectiva agradavel tendo na frente uma rua de laranjeiras e por detraz das casas de habitação do dono, que são de taboa, cobertas de telha, vê-se um immenso goyabal, cujo fructo aproveita o gado vaccum, quando d'elle se podia fabricar doce e deixar de o importar para consummo d'este rio, como fazem, do Pará.

Na frente das casas de residencia principal, ha um jardimsinho como ainda não vimos outro n'este rio, com varias plantas e alguns coqueiros com fructo, e mais além um grande bananal.

Nos fundos d'este logar, depois da floresta, ha grandes campos habitados pelos parintintins que os percorrem em distancia de muitas leguas, pelo que todos estes sitios estão sempre sujeitos a estes barbaros, que ainda ha pouco, segundo nos disse o cidadão Costa e Silva, sub-delegado de policia da Villa de Humaythá, atacaram uma barraca de seringueiros que dista de Paraiso meia hora de viagem



INDIOS PARINTINTINS

Desenho de A. Ramalho. *Gravura de Caetano Alberto.*

para o centro, matando cinco pessoas, entre as quaes duas raparigas, levando a cabeça d'uma, como costumam em signal de victoria, para nas suas barracas dansarem e cantarem á roda d'ella, em infernal vozeria.

A policia seguiu para alli com uma expedição de tropa e paisanos com o fim de perseguir estes selvagens, mas não os encontrou nas suas habitações, d'onde havia pouco tinham sahido para outras partes, por bons caminhos abertos por elles no matto, que, de espaço a espaço se perdem em labyrinthicas veredas com o fim de desviarem a pista de seus perseguidores.

De Paraiso seguimos para *Mirary*, onde deixamos bastante carga e tomamos lenha, e d'aqui fomos a *Pasto Grande*, o lugar mais antigo na exploração da gomma elastica.

As casinhas d'este sitio, acham-se todas em linha e caiadas, tendo no centro a casa do dono do lugar, o nosso amigo commendador Manoel Pereira Gonçalves, a qual é de frente de azulejos e coberta de telha, como o armazem e escriptorio, de madeira, cuidadosamente pintada, tendo na frente uma taboleta com o nome do lugar.

As demais barracas são cercadas de paxiúba e cobertas de palha de palmeira.

Em frente a este lugar, na margem opposta, habitam os terriveis selvagens anthropophagos, chamados *parintintins*, com os quaes ainda não foi possivel entrar-se em relações de permuta ou de amisade.

São demasiado traiçoeiros, mas dos mais valentes e arrojados, havendo em tempo chegado a atacar Pasto Grande, para onde passaram o rio em suas ubás, quando ali morava o nosso amigo José Francisco Monteiro com sua familia, a quem de noite surprehenderam, não lhe dando mais tempo que o necessario para conduzir esposa e filho, e mettel-os em uma sua canôa, voltando com seus companheiros a casa a combater os selvagens.

Estes indios preferem morrer de fome e não viver entre os de outra raça, mesmo com os brancos, como tem succedido, quando n'estas refregas alguns ficam em poder dos vencedores.

Tem nas suas *malocas* roças de milho, macacheira, banana, canna, etc., e domesticam diversos animaes selvagens que criam como *cherimbabos*.

Aguçam suas flechas de bico de tacuára, com dentes de animaes, por lhes serem desconhecidas nossas ferramentas, porém já hoje fazem uso de algumas que tem roubado nas barracas que atacam. Nas suas malocas tem sido encontradas redes feitas por elles, bem tecidas, de fibras de *naycema*.

Affirmam alguns que estes selvagens habitavam em tempo as margens maritimas, por se ter encontrado em seu poder, figuras de peixes que só lá podem haver.

São estes indios robustos e bem delineados, e as mulheres tem formosos e compridos cabellos que lhes descem até abaixo da cintura, e untam o corpo de *urucú*, arbusto de lindas flores branco-rosadas, cujo fructo está envolto n'uma capsula cheia de espinhos, contendo sementes encarnadas, que são as que dão a côr com que elles se pintam, fructo que aqui se emprega na arte culinaria para colorir as comidas e que se applica tambem na tinturaria. Pintam tambem o peito com tinta azul que extráem da fructa do genipapo e de outras plantas do matto.

Na vasante das aguas, que é quando po-

dem passar para as margens do Madeira e de outros rios, por se acharem seccos os ribeiros pois pouco usam de barcos; — vem então pescar na bocca de um igarapé que fica um pouco acima de Pasto Grande, chamado Tambaquí.

Em 1870, o negociante portuguez Antonio Martins d'Oliveira, achando-se no matto caçando, foi surprehendido por elles; attrahido por canto de aves que elles imitavam com o fim de o enganarem até ao alcance de suas flechas, que elle não via; caminhando de arma em punho, procurando a caça, em vez d'esta, avistou um tucháua, todo emplumado de vistosas e longas pennas na cabeça e cintura, batendo fortes palmadas no peito, em signal de guerra ou ataque, emquanto os outros, aproximando-se, retesando os arcos, dispararam flechas. Então Oliveira, intrepido e corajoso, engatilha sua arma, aponta e faz fogo sobre o chefe, matando-o.

Os selvagens vacilam, disparam setas ao acaso, emquanto Oliveira faz novas descargas com que estira mais alguns, — elles, afinal, fogem ficando comtudo, o valente portuguez ferido no braço direito e incapaz de poder usar da arma mas os parintintins, covardes, já ti-

nham felizmente desapparecido, quando então sua victoria seria certa.

Estes selvagens pertencem á raça *mundurucania*.

A unica tribu que elles respeitam é a dos *mundurucús*, hoje quasi extincta por haver fraternisado com os brancos, e portanto em caminho de civilisação.

O nosso navio vae navegando á vista de diversas barraquinhas de palha espalhadas pelas margens do rio, vendo-se nos terreiros dellas, jardinsinhos e quantidade de *curumins*, rapazes, uns nús outros em camisa; em outras, pequenos *giráus*, palanques de paxiúba, contendo panellas, latas e outras vasilhas, com pés de flores.

Vamos atracar.

Estamos no lugar *San Roque de Calama*, propriedade do nosso amigo D. Ramon Roca, subdito boliviano, que os parintintins tem atacado por vezes, obrigando o proprietario a levantar aqui uma casa de madeira coberta de telha, de um andar, donde se pode avistar todo o roçado em volta do edificio, pois que até mesmo em pleno dia, estes selvagens aqui tem feito victimas, como na manhã de 9 de maio de

1887, achando-se ausente o dono da casa, um grupo talvez de sessenta selvagens, cahiram de subito sobre uns pobres rapazes bolivianos que se achavam em cima de uma barraca cobrindo-a de palha, frechando-os e obrigando-os a fugirem e tomando as demais barracas, roubaram e mataram quantos encontravam.

Uma senhora boliviana acompanhada por duas raparigas, correu para o rio e ali, com a cabeça á flor d'agua se escondeu; um caixeiro por nome Francisco Furtado, paraense, correndo pretendendo refugiar-se, cahiu, elles cercam-o, mas passando no rio, na occasião, do lado opposto, uma lancha a vapor, intimidaram-se; ouvindo-lhe os apitos deixaram-n'o para se reunirem aos demais que saqueavam as barracas, ferindo a flexadas todos que encontravam, pois infelizmente, só mulheres se achavam no lugar

A uma rapariga que de joelhos lhes pedia por suas filhas, esmigalharam-lhe o craneo a pancadas, mulher do caixeiro, senhora hespanhola, morreu quatro dias depois, victima de estucadas de frecha.

No momento que estes sanguinarios selvagens estavam no auge da matança, Messias Casanova, boliviano, unico homem que ali se

achava, e que percorrera as barracas procurando balas para seu rifle, conseguindo encontral-as, dispara um tiro no tucháua, matando-o, tendo tambem já antes sido ferido, ao occultar sua mulher D. Linde, entre uns colchões.

Apóz aquelle tiro os indios surprehendidos, fugiram.

Um rapazinho, tendo-se occultado debaixo de um oratorio, não obstante os selvagens terem-n'o visto, quando admiravam a imagem da Santa, escapou talvez por se haverem esquecido d'elle.

D'esta vez as victimas foram umas cinco.

Vamos fazer aqui uma transcripção das paginas do Almanach Madeirense, de 1890, de um artigo relativo a este caso, que não deixa de ser interessante, devido á penna e observação do medico que o assigna:

«No dia 23 de junho do corrente anno, (de 1887), pude obter um membro amputado depois da morte de um Indio da tribu Parintintins que atacou um dos estabelecimentos de extracção de gomma elastica no Rio Madeira, confluente do Amazonas, estabelecimento de nome «*Calama*», pertencente a um dos subditos bolivia-

nos n'este Rio, o snr. D. Ramon Roca. Pelo extraordinario de suas fórmas e grandeza, foi considerado, pela curiosidade publica, um dos pontos mais dignos de attenção do desastre sanguinolento que teve logar n'aquelle sitio no dia 9 de maio do corrente anno. Ainda me considerava hospede do snr. D. Ramon, que com tanta fineza me acompanhava na lancha em que eu ia ás Malocas dos Indios Torás, no Rio Machado, quando se dava em sua casa, de onde acabavamos de sahir, a invasão dos indios «Parintintins», onde falleceram e foram feridos muitos civilisados e tres indios. Esta tribu é antropophaga, e seus descendentes são robustos, sagazes e considerados inteiramente indomaveis. Já se tem aprisionado alguns vivos e morrem todos; diz o vulgo que de raiva.

«Um dos dois penis que vimos (o que não foi examinado minuciosamente) media, 0,30 do angulo pubiano onde foi cortado, até á sua extremidade livre.

«Podia ter uma circumferencia de 0,10 na extremidade livre e de doze na extremidade pubiana.

«O orificio prepucial ficava a dois centime-

tros da extremidade livre. E esta extremidade que era feita por um prolongamento da pelle, tinha um caracter todo esponjoso. Todo, ou quasi todo o tecido epidermico era coberto de pellos longos, dispersos, que se tornavam mais espessos á medida que se dirigiam para a extremidade pubiana.

«O segundo membro que obtivemos por intermedio do abastado commerciante o snr. commendador Manoél Pereira Gonçalves, e que melhor podémos estudar, por que nos foi permittido leval-o até o Humaythá onde nos auxiliou o distincto pharmaceutico o snr. Gusmão, mesmo em caminho para esta capital, para onde não nos foi dado trazer tal curiosidade, tinha menor comprimento e mais diametro.

«Tinha sido cortado a alguma distancia do pubis, por isso que pouco pello tinha, e seus corpos cavernosos já faziam um só corpo todo compacto, o que se não dá no angulo peniano onde as raizes se separam, deixando no intervallo o ligamento suspensor, as arterias e veias dorsaes, o que não encontramos.

«As dimensões d'esta parte eram as seguintes: da extremidade pubiana á livre era de

$0^m,15$ depois de retrahido como o encontramos dentro do alcool, e de $0^m,17$ depois de uma leve tracção; a circumferencia era de $0^m,12$ no tronco e de $0^m,12\frac{1}{2}$ na extremidade livre.

«A' primeira vista o corpo que examinavamos parecia-nos uma pata de tartaruga; era disforme e só não parecia a entidade anatomica que representava. A extremidade livre, que devia ser a glande, era formada de um prolongamento da pelle inteiramente continua no seu bordo direito e face posterior, e chanfrada em seu bordo esquerdo e face superior; esta chanfradura dava-lhe um caracter especial que fazia lembrar uma verdadeira glande e eram em numero de tres, o que lhe dava quatro labios; todos que o viram entenderam ser a glande, o que effectivamente era. Na região onde se devia achar o meato urinario, encontrava-se um tecido esponjoso na continuação da mesma pelle e não lhe encontramos nem um vestigio de orificio. A pelle estava mais ou menos negra, e muito encolhida e endurecida, tendo uma outra chanfradura ou prega no sentido do grande eixo da verga e no logar que devia corresponder á urethra.

«As chanfraduras esquerda, superiorès, eram ao contrario no sentido do menor diametro, um pouco de cima para baixo e de traz para diante.

«Ahi, na extremidade superior da primeira, (de cima para baixo) notei depois de algum trabalho, um pequenino orificio que mal deixou passar uma «tenta-canulla», e que depois conheci estar em communicação com o canal da urethra, com a qual ainda se confunde; depois de longo trabalho consegui sem dilacerar, ou distender este orificio, até dar passagem a meu dedo index, o qual me trouxe o conhecimento, depois de profundamente introduzido, de um corpo central em fórma de glande. Com um exame mais detido, chegamos mesmo até a vel-a, a qual tinha uma côr rosea, e um meato urinario perfeito.

«Da extremidade da glande á extremidade livre da pelle, havia $0^{m},08^{1}/_{2}$, havendo da glande á outra extremidade do corpo cavernoso $0,^{m}06$.

«Pareceu-me muito difficil, senão inteiramente impossivel, a sahida da glande pelo orificio prepucial.

«Ao menos, não nos foi possivel fazel-a sahir mesmo com muitos esforços. Não sei como

seria possivel a união sexual n'estas circumstancias; algumas pessoas do logar referem que ellas a executam, pouco a pouco, em certa posição extravagante.

«Muitos dias e tentativas dizem ser precisos para esta consumação. Os corpos cavernosos pareceram-me regulares e a verdadeira urethra estava em sua face posterior. A explicação que podémos dar do grande desenvolvimento do prepucio é o ter esta tribu o habito de trazer a verga toda intaniçada, depois de repuchado o prepucio e dobrado sobre ella, circumstancia que explica a esponjosidade da extremidade livre, a chanfradura da face posterior, etc.

«E foi assim, envolvidos em palhas e cipós, que foram encontrados os que descrevemos.

«E como esta pratica tenha remontado de longos annos, já houve tempo sufficiente para que se estabeleçam factos de herança de paes a filhos e netos.

«Aproveito a occasião para referir o que nos narrára em presença de alguns companheiros de viagem, o respeitavel commerciante d'aquelle Rio, o snr. Monteiro: — Ha indios, como elle já viu, cuja parte aqui descripta póde vir até ao pescoço.

«O snr. commendador Manoel Pereira Gonçalves, residente em Pasto Grande, no Rio Madeira, e pessoa illustrada, muito contribuiu com o valor da sua amizade e sympathia para que eu escrevesse estas linhas no seu interessante annuario.

«Sergipe, junho de 1888.

Dr. Ullysses Faro.»

Nós tivemos occasião de ver este membro de que falla o dr. Ullysses, porém, mais tarde verificamos em outros indios, não ser exacta a crença do doutor, sendo este membro o unico que até hoje se tem visto assim disforme.

Pouco adiante d'este logar está a foz do rio Machado, onde entramos a deixar mercadorias na primeira cachoeira, chamada de S. Firmino. O nome indigena de este rio é *Gi-paraná; gi,* machado, *paraná,* rio. E' habitado pelos selvagens Parintintins, acará-pirangas, murucujús e jama-jamas, estes mansos.

Voltando do rio Machado, passamos a atracar na extincta *Missão de S. Francisco,* que foi aldeamento dos indios aráras e turás.

Chegamos aqui na feliz occasião em que a rapaziada se divertia em folgado *sairé*.

N'esta occasião passava a procissão com o andor cheio de bolos de mandioca e outros, enfeitado de flores e papeis de cores garridas, a que chamam o sairé, conduzindo-o para uma barraca que servia de capella tambem adornada de muitas fitas e pannos de varias e vivas cores, onde ao fundo se via um improvisado altar com um sancto em painel, rodeado de velas.

No pateo ou atrio havia um alto mastro enfeitado de folhas e flores, encimado com uma bandeira onde figurava um santo pintado; e mais alem uns canos de espingarda seguros por pregos a um tronco, serviam de morteiros, que se fizeram ouvir ao sahir da procissão.

Resada uma ladainha, por falta de padre para dizer a missa, voltou o andor para a casa da festança, sendo depositado no altar que tambem ali havia.

Começou a dança de roda e libações de cachaça, ao som do popular e indispensavel tambor sambá, de fórma de tubo, comprido, com uma pelle n'um extremo, onde um indio

velho afamado musico do logar, sentado n'elle repenicava com os dedos, pancadas ora em cheio ora em falsete.

A freguezia que aqui existia, fundada em 1871, florescente até 1881, foi em 1888 transferida para Humaythá,

Passamos por outros diversos logares sem importancia commercial ou historica; n'alguns atracamos para deixar alguns volumes de carga ou receber lenha, no que perdiamos bastantes horas; e n'outros para receber passageiros, quando para isto não se parava apenas sob rodas.

Das barracas das margens, de noute e mesmo de dia, costumam, para chamar o va por para receber carga ou passageiros, dar tiros.

Este systema de signaes, por vezes tem sido fatal.

Achavamos mais acertado que estes quando de dia, se fizessem por meio de uma bandeira convencionada, e de noute comuma luz de côr.

Hoje paramos no meio do rio para levarmos uma canôa grande de tolda de madeira, a reboque para Santo Antonio.

Este barco a que chamam *coberta* é de um

negociante ambulante ou *regatão*, e n'ella vae seu estabelecimento. Por falta de vento não sobe á vela, como no Amazonas, jamais que as muitas voltas do rio, impedem a ventilação; por aqui, por tal motivo, sobem sempre a reboque dos vapores e descem, na correntesa das aguas ajudadas por remos de voga, encostando por todos os portos e barracas, onde o regatão faz o seu negocio geralmente a troco de borracha, tabaco, cacáu, peixe secco, etc.

Tomada a canôa a reboque, seguimos viagem, passando e encostando em varias barracas e logares menos importantes, já para tomarmos lenha, já para deixar mercadorias.

Estamos á vista do logar *Abêlhas*, sitio onde se passa com precaução por ter o rio algumas pedras, e que é propriedade dos nossos amigos snrs. Gonçalves & Amaral, com uma elegante habitação.

Daqui seguimos a *Bôa Hora*, um sitiosinho alegre, de casa de telha com algum gado no campo ou rossado, onde tomamos leite.

Deixamos carga e seguimos.

Hoje chegamos á foz do rio *Jamary*, lugar de que já fallamos ao tratarmos do *Crato*.

Ha na bocca d'este rio um fructo de arvo-

re, a que chamam *fava grande*, muito util e infalivel na cura de impingens, quando pisada e collocada a massa sobre a enfermidade, conforme nos affirmaram pessoas que d'ella se tem servido com proveito.

Aqui desembarcaram muitos passageiros, patrões e rapazes que vão para o centro deste rio *cortar* seringa.

As febres intermittentes ainda hoje aqui fazem muitas mortes, como antigamente. O interior d'este rio é muito povoado de selvagens.

Aqui foi frechado o seringueiro Manuel Thomaz de Lima, junto ao olho no lado da fonte direita, cuja ferida não cicatrisou mais como tivemos occasião de ver, e de que falleceu, annos depois.

Em 1735, estabeleceu n'este rio o padre jesuita João de Sampaio, uma aldeia de indios nas cachoeiras, d'onde por assaltada por vezes pelos selvagens *muras*, foi mudada em 1742, para junto de Borba.

Estamos a oitenta e poucos kilometros de Santo Antonio.

Nos terreiros das barracas que temos avistado, continuamos a ver jardinsinhos suspensos em giráus, com plantas dentro de panellas, em

cascos de tartarugas e até em canôas ou montarias velhas que servem de canteiros.

ILHA DE TAMANDUÁ

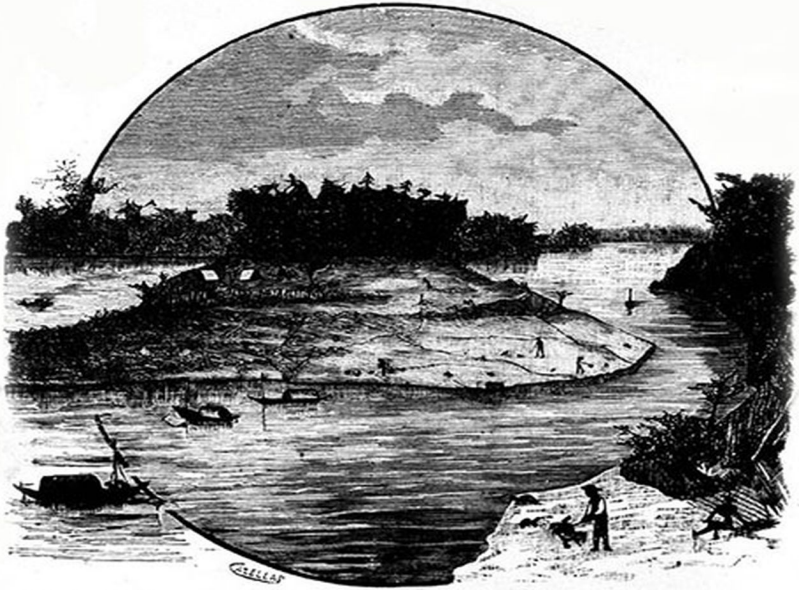
Vamos passando junto da ilha e *praia de Tamanduá*, cuja visita aqui representamos celebre pelas innumeras tartarugas, ordem dos chelonios, queaqui vem desovar quando a praia apparece, de agosto a novembro.

É aqui que os habitantes do rio Madeira fazem seu abastecimento de tartarugas para ter carne fresca quasi todo o anno.

Nos tempos em que era permittida a viração formava-se na praia uma especie da *bivac*, onde se destacava a barraca do commandante, de palha, como todas as dos demais individuos que se dedicavam á colheita d'estes amphibios.

As tartarugas começam a subir á praia depois do escorecer e vezes antes na força do calor, em numero de milhares, trepando pela arreia.

Depois de haver na praia um numero sufficiente, começava a *viração*, voltando-as então de



AMAZONAS — ILHA E PRAIA DE TAMANDUÁ OU ILHA DAS TARTARUGAS, NO RIO MADEIRA.

Desenho do natural de Bernardo da Costa e Silva — Gravura de Caetano Alberto

cerem, e lhe deitavam no cercado bananas, goyabas, etc., para seu alimento.

D'ahi viam comendo, e posso assegurar que é uma carne muito agradavel e saborosa, fazendo-se do seu lombo bellos assados no casco; cosidos e ensopados excellentes, bem como apreciavel sopa e bôa mexira. Devido á immensa quantidade que apparece na praia, muitas chegam a desóvar, mas ainda d'estes ovos são poucos os que germinam, porque os procuram nas covas para comer, e tambem fazer manteiga d'elles, — a conhecida manteiga de tartaruga, — que se presta para temperos e luz, tendo a vantagem de não crear rença.

E' facil dar com o ninho dos ovos, posto que a tartaruga depois de os pôr em numero de oitenta a cento e vinte, tapa a cova com areia, mas da-se-lhe perfeitamente caça porque este amphibio ao subir á praia e ao retirar-se para a agua, deixa signal mui visivel na areia, de sua passagem, pegadas parallelas, e então seguindo-se estas que terminam onde estão os ovos, cava-se e lá se encontram. Quando tem chovido, depois das posturas, então é difficil dar com os ninhos, porque a agua tem apagado os signaes, e só assim podem escapar os ovos,

mas muitas vezes são os animaesinhos depois de sahirem da cova, ainda objecto da caça, e são muito apreciadas estas *tartaruguinhas*, como lhe chamam, que comem cosidas, mas eu não sei que proveito auferem em exterminar estes reptisinhos, pois que em tal estado não tem carne que possa alimentar mesmo em grandes quantidades.

Era tal a devastação, como dizemos, que ultimamente se tem sentido a falta de tartarugas, porque, com difficuldade, conseguiam escapar uma ou outra.

Quando de regular tamanho são muito apreciadas para assar no proprio casco.

As tartaruguinhas são bastante procuradas no Pará e em Manáos, para onde as levam nos vapores dentro de dornas com agua e... até nos banheiros dos passageiros, que n'essa epoca não teem elles onde lavar-se!

No convez dos navios, tambem conduzem centenares de tartarugas para os pontos intermediarios dos rios e da capital.

Finalmente, está calculado que, das tartarugas que se apanhavam não se aproveitava metade.

O macho da tartaruga, o *capitary*, é muito

mais pequeno que ella, e algumas pessoas só comem a sua carne depois de o castrarem; tornando-se então mais saborosa e menos nociva, porém fazem esta operação na occasião de matarem o animal, de forma que nos parece não pode adquirir a virtude, que julgam resultar na operação.

A sopa de caldo de tartaruga, é egual á de gallinha, e o proprio caldo e a carne, são aconselhados pelos medicos para doentes, como analepticos, etc., não tendo o mesmo prestimo o capitary.

As costas do casco d'estes amphibios não são aproveitaveis por se não prestarem como as do mar, para as mesmas applicações, e os veios que tanta elegancia dão ás outras, não se distinguem n'estas nem á acção da transparencia; porém, as do jabuty, tartaruga terrestre que se encontra nas florestas, parece-nos que poder-se-hia aproveitar; sendo egualmente sua carne mui saborosa, como o caldo d'ella.

O ovo de tartaruga é perfeitamente redondo, e do tamanho do de gallinha; sua casca é flexivel em qualquer estado, e cede á pressão.

Picado espirra uma albumina muito transparente e branca, liquida, e não se presta para

fritar, nem contem membrana interna como os de gallinha.

Algumas pessoas costumam seccal-os ao sol para os conservarem por alguns mezes, ficando então a casca contrahida e evaporada quasi toda a albumina.

O processo para a preparação da manteiga dos ovos de tartaruga, é o seguinte:

Junta-se certa quantidade de ovos dentro de uma tina, montaria ou canôa, alli os pisam a pés, e depois de bem machucados, misturam-lhe um pouco de agua, deixando-os assim por algum tempo, e logo que a natureza expulsou d'elles toda a materia que não é gordurenta, escumando a manteiga que se acha na superficie, deitam-a em grandes tachos que levam ao fogo para purificar, e feito isto, emquanto está meio liquida, despejam-n'a em potes ou em garrafões; e assim a levam ao mercado.

Porém, a melhor manteiga de tartaruga para temperar e frigir, é a extrahida da gordura das proprias banhas d'ellas.

Com a elevação a villa da freguezia de Humaytá, passou a posse da praia e ilha de Tamanduá, para a camara municipal d'esta vil-

la, a qual antes pertencia a Manicoré; tendo sido nomeado no primeiro anno para aquella praia commandante o fiscal das praias do municipio, cidadão Bernardo Silva, levando sob seu commando algumas praças municipaes, com o fim de evitar a devastação e abuso, de que temos fallado.

A uns quatrocentos metros acima da ilha de Tamanduá, lado esquerdo, afundou-se por bater de encontro a umas pedras que alli ha, uma lancha a vapor, de guerra, vinda de Santo Antonio onde se achava em serviço da ultima commissão de estudos da estrada de ferro de aquelle logar a Bolivia.

A lancha perdeu-se totalmente salvando-se a guarnição, e o engenheiro Leitão da Cunha que ía para Manáos, doente de febres intermittentes, tendo de regressar em canôa a Santo Antonio. Falleceu pouco depois, concorrendo para abreviar seus dias o haver-se molhado completamente no rio.

Uma lapide no *cemiterio* de Santo Antonio, indica a sua ultima morada.

Diz um dos nossos praticos que ámanhã cedo estaremos em Santo Antonio, ultimo porto onde chegam os navios de certo callado,

não podendo continuar a navegação por causa das cachoeiras ou açudes do rio; viagem que depois é feita em montarias, canôas ou batelões.

É tambem d'ali para cima a viagem mais incommoda e perigosa, por termos que passar em lugares frequentados por selvagens, e necessidade de dormir nas redes amarradas nas arvores da floresta; mas no entanto, deve ser mais interessante e rica de episodios e mais favoravel á analyse, pela facilidade de encostarem-se aos barcos em qualquer parte do rio.

O rio está regularmente cheio.

Tanto o Amazonas como seus afluentes são sujeitos a enchentes periodicas annuaes. Nos Andes o degelo tem lugar em janeiro, e vão as aguas engrossar o Amazonas em fevereiro, até meado de março.

As enchentes em geral não vem precipitadamente, mas graduaes, de forma que é facil prevenirem-se os habitantes que com ellas podem soffrer; e quando chegam ao estado normal, assim se conservam as aguas por algum tempo, vazando tambem com regularidade diaria.

Geralmente, de seis em seis annos, ha cheias grandes; tem-se notado.

As tartarugas na enchente fluvial, retiram-se para os lagos e alli permanecem até á vazante, ficando muitas presas nos «*igapós,*» lagos por vezes sem sahida, onde então os mariscadores as fisgam com facilidade, com suas frechas de bico em farpa, ytapuá de forma quadrilonga, de dentro das canôas, d'onde lh'as atiram com força, expedidas com a mão, indo arpoal-as no casco; occasião em que largam a corda que acompanhou a flexa, deixando aquella preza ao punho do braço pela extremidade; e depois do reptil perder a coragem pela hemorragia que soffre, abranda a carreira que tomou para o fundo do *igapó,* e o pescador então vae colhendo a linha; suspende a tartaruga e a mette na canôa. — Da mesma forma pescam o *capilary.*

Estes reptis assim mariscados, não são susceptiveis de aturarem muito tempo vivos, por ficarem feridos, por isso só os de *viração,* aproveitam para os viveiros ou dispensa domestica, como os da praia de Tamanduá.

De madrugada chegaremos ao lugar de Santo Antonio.

Por julgarmos interessante aos nossos lei-

tores os promonores que o commandante da praia de Tamanduá communicou em relatorio á camara municipal d'este municipio, aqui o transcrevemos por nos ter sido obsequiosamente offerecido d'elle uma copia, pelo nosso amigo o commendador J. F. Monteiro, mui digno presidente da citada municipalidade.

RELATORIO
DO
FISCAL DAS PRAIAS DO MUNICIPIO DE HUMAYTÁ

Apresentado á Intendencia Municipal d'aquella villa

Cidadãos:

Não havendo chegado no mez de agosto proximo passado, ao porto d'esta villa, devido á secca do rio, nenhum dos vapores da linha do Madeira, só me foi possivel seguir viagem em canôa tripulada por seis remadores, em 26 de setembro, acompanhado dos respectivos guardas municipaes, onde chegamos depois de seis dias de viagem.

Apenas ali, mandei construir na praia, no planalto superior da ilha, uma barraca de palha para abrigo, vigia e moradia dos guardas, em cujo lugar podiam com toda a facilidade, disfructar e fiscalisar todo o areal, sendo de noute a praia rondada, apenas sahiram as primeiras tartarugas.

Por informações a que procedi, tive conhecimento que alguns individuos aproveitando-se de minha demora involuntaria na chegada áquella ilha, haviam não só colhido algumas tartarugas dos boyadores, como espantado outras, com o fim de ellas se estramalharem pelas demais praias do rio, onde, por não serem fiscalisadas, podiam elles a salvo fazer sua pescaria ou *viração,* como de facto fizeram: pelo que julgo de futura conveniencia, que ao fiscal das praias d'este municipio, e especialmente ao commandante da de Tamanduá, se facilitem elementos para que, durante a epocha da desovação d'estes amphybios, possa fazer algumas visitas de surpreza, ás demais praias.

Outro inconveniente que prejudica e afugenta as tartarugas dos *boyadores* de Tamanduá, é a fundeação dos vapores, especialmente de noute, nas suas proximidades, quando de

subida ou volta do porto de Santo Antonio, o que era de utilidade evitar em beneficio publico.

Os úrúbús (corvos), e jacarés, são outros tantos inimigos que conviria afastar da praia pois não só devoram os ovos como a creação, quando esta sahindo das covas procura metter-se na agua.

Os úrúbús tem até chegado a afastar a areia dos ninhos picando os ovos e deixando-os a descoberto.

Em volta da praia muitos peixes aguardavam soffregos, a creação que lhe ia cahir nas garras, como as piranhas, etc.

Finalmente, não obstante todos estes graves inconvenientes, a desovação das tartarugas foi regular, porém inferior aos demais annos, n'aquella praia.

E' de absoluta necessidade que o commandante da praia de Tamanduá, siga para ali no meado de agosto, para evitar que as tartarugas sejam perseguidas e espantadas dos *boyadores*, pelos mariscadores e outros individuos mal intencionados, e que ali permaneça até á completa innundação da referida praia, em dezembro.

A desovação das tartarugas teve logar em

dias alternados, na parte inferior do taboleiro da praia, o qual ficou innundado com os primeiros repiquetes do rio, pelo que supponho que muitos dos ovos não tiveram tempo de germinarem, deteriorando-se.

Como não ignorais, nos demais annos, as tartarugas costumavam subir por toda a praia até junto da ilha, porém, este, pelos motivos que relatei, limitaram-se á parte inferior do primeiro taboleiro, como vos expuz já.

Durante todo o tempo que me achei na fiscalisação da praia de Tamanduá, não houve a menor occurrencia em opposição ás posturas regulamentares d'ella, e todo o serviço correu regularmente, cumprindo-me levar ao vosso conhecimento que os guardas sob minhas ordens, desempenharam cabalmente os deveres a seu cargo.

Nada vos proponho sobre a conveniencia de facultar ao povo uma moderada *viração* de tartarugas, de futuro, para seu alimento, que até ha pouco tem sido o principal, por isso que se tem a praia de Tamanduá como dispensa ou açougue, dos habitantes do rio Madeira,— visto estar prohibida por lei do Estado; no entanto seria louvavel proporcionar ao publico esta fa-

culdade, visto que actualmente os viveiros são inexgotaveis em attenção á presente população, não prejudicando de futuro, logo que se prohiba e evite totalmente, como agora, a devastação de tartarugas, ovos e creação, — como era costume anteriormente pelos motivos e meios que deixo dito, taes devastações como pelas que morriam asphixiadas nos corraes, aos milhares; expostas a um sol ardente e amontoadas, abusos que fiz evitar este anno, segundo vossas instrucções.

Cumprindo-me agradecer-vos a confiança com que me honrasteis, confiando-me a fiscalisação d'este serviço, felicito-vos, por este se ter terminado sem a menor novidade.

Saude e Fraternidade.

Aos cidadãos superintendente e intendentes do municipio d'esta villa.

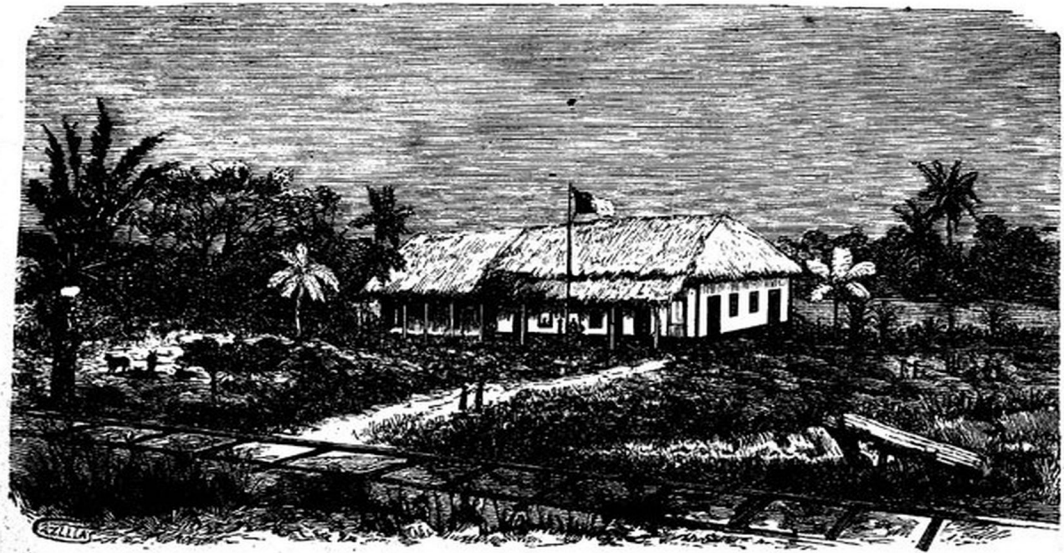
Humaytá, 27 de janeiro de 1891.

O fiscal das praias do municipio, commandante da de Tamanduá,

B. Silva.

TERCEIRA PARTE

DE SANTO ANTONIO DO RIO MADEIRA A BOLIVIA



CASA DE BERNARDO SILVA, EM SANTO ANTONIO DO RIO MADEIRA

Desenho de B. da Costa e Silva *Gravura de C. Alberto*

SANTO ANTONIO

HOJE, ás tres horas da madrugada, fomos despertados em nossas redes, pelo murmurio de aguas que se debatiam entre fraguedos.

Haviamos terminado nossa viagem de vapor.

Estavamos no porto de Santo Antonio e a tres mil kilometros do Oceano Atlantico, e a cincoenta milhas da foz rio Madeira.

A gravura junta representa os armazens, casa commercial e de vivenda do nosso amigo e patricio Bernardo Silva, que fez construir n'este lugar por indios bolivianos; em cuja casa estivemos hospedado esperando o dia de partida em canôa, para as cachoeiras.

Aqui aproveitamos a occasião para agra-

decer-lhe as muitas e generosas attenções e obsequios que nos dispensou durante a nossa permanencia a seu lado.

Ao raiar da manhã, o vapor das aguas em revolução, formava um espesso véu, que, com difficuldade nos deixava penetrar a vista por entre elle, desapparecendo com lentidão, deixando-nos então descortinar a queda das aguas que nos ficavam pela popa.

Pouco depois, saltavamos em terra indo mais de perto observar a cachoeira o que só pudemos conseguir, para a vêr toda, do lado superior do porto chamado das canôas, onde estas atracam, vindas de cima, a tomar ou deixar carga para os vapores,

D'ahi, vimos, no centro desta cachoeira, uma ilha coberta de mattaria secular e frondosa, e a seus lados debatia-se a agua em cachões, revolvendo-se por entre os penedos.

E' medonho o precipicio, no entanto, por elle passam canôas tripuladas por homens!

No centro da ilha hoje impenetravel por emaranhada de cipós e espinheiros, dizem haver um cemiterio onde se enterravam os catholicos empregados na construcção da malograda estrada de ferro.

Vimos aqui na floresta uma arvore collossal toda abraçada pelo *apuiseiro*, especie de cipó que á maneira que vae engrossando se enrosca nas arvores que por fim mata, ficando elle vegetando em seu lugar.

Tentamos penetrar nas margens de um igarapé que ha no fundo do lugar para seguirmos além, mas não pudemos conseguir por nos impedir um grande e fechado bamburral, posto nos servissemos de facas de matto e terçados, mas parecia interminavel, pelo que desistimos.

Aqui nos mostraram a *moronoboca*, Mart.. arvore donde extrahem resina, para na falta de breu, calafetarem as canôas, segundo já dissemos, como na da estopa se servem das fibras da casca da arvore *tacury*.

Vimos aqui um indio marcando roupa branca com o caroço do *abacáty*, fructa saborosa, quando com assucar; o qual nos convenceu que é indelevel o summo do caroço como tinta, mostrando-nos alguma roupa velha marcada que nem a agua nem o tempo havia apagado. Este desenhava as lettras, e pondo o caroço debaixo do pano, furava com uma agulha o desenho, cujas formas iam escurecendo á medida que as picava e o summo penetrava.

Este succo é effectivamente superior a todas as tintas de marcar roupa pela conveniencia de a não deteriorar. Extrahido este summo pelas formas scientificas devia ser bastante vendavel, mas ainda não houve quem se recordasse disso, posto ninguem ignorar esta applicação.

Tambem nos lembramos que em vez da lenha que consomem os vapores, podiam substituil-a pelo caroço da palmeira inajá, e outros, com que defumam a borracha, por alimentar um calor mais forte que a lenha, e talvez egual ao carvão Cardiff, caroço que tanto abunda por toda a floresta do paiz, e que certamente ficava mais barato, attendendo á sua força calorica, visto que o milheiro de achas de lenha custa de vinte e cinco a quarenta mil reis.

O pobre indio que acima vimos marcando roupa, appareceu hoje de tarde mordido por uma *raia* quando no rio ajudava a arrastar um batelão para terra.

Foi medicado pelos companheiros com uma pomada feita por estes, de pó torrado da cauda da mesma raia, que haviam morto, amassada com alguns pingos do assacuzeiro, collocada

como cataplasma sobre a ferida, que é mui difficil de cicatrizar, pelo que dizem.

Suppomos porém, que, se esta pomada tem a virtude de curar é devido á seiva do assacú, que é caustica, e não ao pó torrado do rabo da raia.

Vimos hoje deslisar-se estorcendo-se por entre as pedras da cachoeira e impedida violentamente pela queda das aguas, uma grande ilha de *mururé*, e *muiys*, plantas aquaticas, que por vezes durante a viagem desciam o rio; algumas atravessavam-se na frente do nosso vapor impedindo a marcha, sendo necessario arrear a montaria das talhas para que os marinheiros fossem desviar aquellas ilhas fluctuantes da prôa do navio. Temos visto grandes ilhas destas de *cannarana*, e outras plantas de mais de cem metros de circumferencia, boiando.

São um perigo na navegação de canôas, especialmente de noute, sendo necessario, ao verem-se ao longe estes grupos, desviar d'elles a tempo, pois são muito frequentes nas enchentes.

Na praia estão-se calafetando batelões preparando-os para a viagem das cachoeiras, bem como abrindo um tronco de pau, a fogo, para

casco de uma canôa pequena, porém todas as embarcações n'estes rios, são feitas assim, de casco inteiriço, depois é que n'elle collocam as cavernas e pregam as *falcas*, taboas lateraes superiores das embarcações.

Dizem-nos que para os lados de traz d'este lugar de Santo Antonio, hoje completa floresta, existe enterrada grande quantidade de dynamite e polvora grossa que era destinada para rebentar rochedos na via da estrada, e d'esta ainda ha pouco haviam barricas armazenadas que desappareceram por roubos e explosão.

A ser assim, é um precipicio que póde causar ainda alguma fatalidade.

Ha n'este lugar uma auctoridade policial, o snr. João Baptista Alvares, sub delegado do districto de Santo Antonio, a cargo de quem se acha officialmente entregue o material das extinctas companhias do caminho de ferro; — o qual é aqui o unico morador residente ha annos, tendo vindo com os primeiros emigrantes da referida estrada, occupando desde então até hoje aquelle cargo official.

Santo Antonio é um lugar que existe hoje, de nome.

Tudo em ruinas!

Apenas ha um caminho trilhado, do porto dos vapores ao das canôas.

O nosso vapor parte depois de deixar as mercadorias para os seringueiros das cachoeiras.

Existiam em Santo Antonio, no tempo da nossa primeira viagem, em 1882, algumas casas de madeira cobertas de zinco que pertenciam á fallida companhia do ferro via *Madeira & Mamoré*.

Umas foram moradia dos empregados, outras, armazens, escriptorios, hospital e botica.

Visitamos então o primeiro armazem, completamente arrombado e por conseguinte roubado; comtudo, ainda alli encontramos quantidade de fardas velhas inglezas, chapeus ordinarios de palmeira, cachimbos de gesso, infinidade de massos de alfinetes oxidados, grande numero de caixas grandes com tabaco de pasta, certamente para mascar, que os inglezes ou norte-americanos importaram; muitas caixas de chá, algumas intactas, mas, naturalmente deterioradas; um montão de latas de farinha de milho e muitas outras conservas; muitos objectos de uso d'estas emprezas etc.

No escriptorio d'este armazem vimos muita

quantidade de livros de notas dos engenheiros, papel e enveloppes, timbrados com o nome da companhia; dispersos pelos armarios e mezas, e pelo chão, fragmentos de mappas, que, quem sabe, quantas vigilias custaram a seu auctor para andarem depois em pedaços por alli; reguas partidas, caixas de tintas, pinceis etc., etc.

No andar superior, muitas peças troncadas de apparelhos telegraphicos; na botica, em baixo, junto ao balcão da loja, vidros com remedios n'uma excellente estante portatil.

Proximo a este grande armazem, mas todos juntos ao porto dos vapores, havia outro onde ainda existia a machina de serrar madeira, com bastantes aprestos, ao lado o armazem das locomotivas onde se achava uma muito bem conservada, por estar ao abrigo, na qual se lia — *Madeira & Momoré* — e no lombo do tubo da machina — *Coronel Church* — emprezario engenheiro.

Esta machina tinha uma grande sineta que não tardou a ir parar ao mesmo destino dos demais objectos...

N'este mesmo largo havia uma padaria e cocheira com muitos arreios de carro, que se achavam quasi podres, naturalmente por não

haver em que aproveital-os. Não seria moeda corrente, como os demais artigos.

Mais adiante, havia outra grande casa n'um alto, que desfructava toda a entrada do porto, e n'ella eram os escriptorios principaes da companhia no primeiro andar, e no segundo, residencia. As portas estavam cahidas, as secretarias, aliás importantes, arrombadas por selvagens... civilisados; mappas até queimados, estantes partidas, finalmente, vandalismo cruel.

Ao fundo d'esse alto, haviam mais casas de moradia, percebendo-se ainda vestigios de chalets e de um jardinsinho; ao fundo, junto á floresta, talvez uma casinha campestre, de portas e janellas de venesianas, tudo cahindo, despedaçando-se.

Pelas ruinas notava-se que devia ter presidido gosto á formação d'aquella villasinha, que morreu... antes de nascer. Algumas arvores fructiferas ainda se encontravam no meio de matto; nas casas do hospital completamente em terra, ainda vimos algumas camas apodrecidas.

Segundo nos disseram então, vimos isto, mas já não vimos nada. Assim devia ser; no

entanto, era para lastimar ver perto de dois mil contos perdidos, completamente desperdiçados em casas, utensilios, machinas em quantidade já cercadas de matto; navios perdidos, como o que no porto existe no fundo, que por abandono culposo, foi a pique em 1878, com um vapor dentro em peças de cujo navio na secca se veem os mastros!

Immensidade de rodas de arame telegraphico, rimas de barris de pregos desbajando-se aquelles de podres, já envolvidos nas trepadeiras; uma lastima.

E' uma villa mettida a saque, abandonada dos habitantes e dos ladrões, depois do roubo.

Trilhos e folhas de zinco para telhas, ferramentas, instrumentos de engenharia, estes já apenas existiam em partes incompletas, aquelles, os trilhos, por pezados, não os levavam ás costas, os assaltantes.

Hoje apenas trilhos alli existem; das casas nem um prego!

Descendo da principal elevação de Santo Antonio, onde dissemos se divizavam restos d'um jardim, ha uma ladeira que nos conduz a uma nascente de agua frigida e cristalina, assombreada no val por frondosas arvores onde o sol

mal penetra. Dizem que aqui foi frechado pelos selvagens um irmão dos empreiteiros, outros, que foi mais adiante, junto ao porto das canôas.

E' a melhor agua que temos tomado desde o Pará, sendo inalteravel com o nitrato de prata como tivemos occasião de experimentar ao servirmo-nos d'ella na photographia.

Daremos alguns apontamentos historicos sobre a projectada estrada de ferro que devia partir de Santo Antonio á cachoeira Guajará Mirim, com 153 ½ milhas.

Em 1867 os engenheiros Kellers, fizeram sondagens do porto d'este lugar até á cachoeira referida, e tiraram uma planta (que foi a primeira), para uma estrada de ferro; outra, apenas collocando trilhos nos lugares encachoeirados, planos inclinados, para por elles *varar* os barcos, trabalho que orçavam em novecentos contos; outro, em vinte e um mil, canalisando as aguas com represas de comportas, e ainda outro, em oito mil contos na extensão de 153 milhas, d'uma estrada de ferro economica.

O governo imperial nada mais fez; porém, d'estes dados serviu-se o coronel de engenheiros Church, cidadão norte-americano, para or-

ganisar uma empreza que teve por titulo *Madeira & Mamoré Rail-Way Company*, e contractou com a empreza *Public Works Construction* a construcção da estrada por seiscentas mil libras, e por decreto de 20 de abril de 1870 foi concedido previlegio d'esta construcção, por 50 annos, a este coronel. Dois annos depois, deu principio a seus trabalhos, a empreza que elle organisou, mas não tardou a rescindir o contracto, allegando que a extensão a edificar era maior que a constante dos estudos que serviram de base ao contracto, e assim o demonstrou, mandando por sua conta faser novos estudos de Santo Antonio a Guajará-mirin, sendo estes, na verdade, os unicos que merecem credito, segundo se diz, por se ter percorrido todo o terreno que até então, em partes, havia sido estudado por calculos!

As plantas da empreza Public Works, existem em poder do governo, que, não obstante, annos depois, mandou *estudar* esta estrada pela Commissão de estudos da Estrada de ferro do Madeira e Mamoré, auctorisada pela lei n.º 3141 de 30 de outubro de 1882 e com instrucções approvadas por portaria de 25 de novembro de 1882, tendo por objecto o estudo prelimi-

nar para a determinação do melhor traçado de uma estrada de ferro entre Santo Antonio e a Cachoeira Guajará-mirin. Partiu da côrte a 10 de janeiro e começou os seus trabalhos em Santo Antonio, a 20 de março de 1883.

Depois de 16 mezes de estadia n'este lugar, retirou a companhia em janeiro de 1874, o pessoal que tinha mandado, isto é, o que restava poupado das febres!

Então, a companhia organisada pelo laborioso coronel George E. Church, notando, em vista d'estes estudos, que era necessario maior capital, pediu ao governo imperial, que lhe concedeu, garantia de 7 % no praso de 30 annos, sobre o novo capital de 400 mil libras, mas isto só tinha lugar, depois de esgotadas as primeiras 600 mil que se achavam depositadas na Inglaterra. Com esta garantia foi a empreza da estrada adjudicada a P. & T. Collins, da Philadelphia, em 1877; e de novo, em fevereiro do anno seguinte, paralisaram os trabalhos por falta de meios dos empresarios, visto que se achavam em questão, em Londres, com os primeiros contractantes pelo motivo exposto já; de fórma que, não lhes foi possivel satisfazer os pagamentos aos novos contractistas, que

em maio do seguinte anno, depois de 15 mezes de trabalho, abandonaram tudo, retirando-se, bem como o principal empreiteiro Collins.

O movimento d'esta linha estava calculado em 46 mil toneladas e 25 mil passageiros, e o seu rendimento liquido, em 12 %.

Devia ter começado em 1882 e concluido em janeiro de 1884.

A Bolivia era quem mais lucrava com esta estrada, avaliando que as mercadorias importadas pagam, pela costa do Pacifico, até á cidade de La Paz, 400 mil reis por tonelada, emquanto por aqui não excederia de 100 mil reis.

De fórma que, o decreto 6.357 de 18 de outubro de 1876 que prorogara o praso da construcção já até 20 de abril de 1884, fica caducado como o privilegio da estrada, visto não se levar a effeito no prazo marcado, segundo declarou o acto do governo de 10 de setembro d'esse anno.

Comtudo fizeram 10 milhas de linhas, e exploraram 50.

Seis milhas chegaram a ser percorridas com a locomotiva, e mais já com trilhos assentes que ainda hoje se veem pelo matto.

Dissemos acima, o custo de uma tonelada.

de frete para la Paz; pois para Cochabamba, onde é o emporio do commercio de Bolivia, quanto custará, indo da Europa, costa do Brazil, passando o cabo de Horn, á vista dos patagonios, subir a parte occidental da America para ir desembarcar, ainda no Perú ou na Argentina, donde então se transporta em cargas de mulas, atravessando a cordilheira dos Andes, luctando com feras e selvagens, até que por um feliz acaso chega ao seu destino. Por la Paz, pelo Pacifico, porto de Arica, gastam-se tres mezes.

Pode imaginar-se qual seria a importancia commercial se houvessem bons caminhos, em vista do movimento actual não obstante as difficuldades e perigos. As minas de Caracoles e de Potosi, as mais ricas de prata, de Bolivia, e do mundo, renderam em 1872 a elevada somma de $6.759,000.

De janeiro a agosto de 1881, não obstante a guerra do Chile com a Bolivia,—entraram na alfandega do Rosario, de procedencia boliviana, 817 mil kilogrammas de mineraes, no valor official de 6.200:000 patacões.

Ora todo este movimento deixa de ser feito

pelo Amazonas, unicamente por falta de boas vias de communicação.

De forma que, com as viagens que hoje se fazem pelo Mamoré, Guaporé e Cochabamba ou pelo Pacifico, portos de Buenos-Ayres, Arica, Cobija, etc., gastam-se noventa e tantos dias, emquanto que em estrada de ferro pelo Madeira, como se projectava, podiam as mercadorias chegar da Europa ao centro da Bolivia em menos de um mez, (isto contando com a incrivel morosidade dos vapores do Pará a Santo Antonio); logo havia economia de tempo e na importancia dos fretes, além de se evitarem os perigos e naufragios de batelões nas cachoeiras do Madeira e do caminho dos Andes, onde a carga vae em cima de mulas.

A cachoeira que se denomina de Santo Antonio, em frente d'este lugar parece que já foi conhecida pelos naturaes por *Aroyá*, e os navegadores de então lhe chamavam *Aroeira* ou *S. João*. D'aqui ao primitivo Crato, de que já tratamos, distam 12 leguas.

Está Santo Antonio na latitude 8° 49′-2″6 e longitude 21° 29′-8″ do Rio de Janeiro, segundo o engenheiro Keller, de quem já fallamos,

a 61^{m}, 6 acima do nivel do mar, outros lhe dão 76^{m}; — e na distancia, diz ainda o dito engenheiro, de 901 kilometros da foz do Madeira e 2533 do Pará, mas outros calculam do Pará a Santo Antonio só 2200 milhas.

Quasi ao cimo do porto, está uma arvore com immensidade de ninhos de japim ou chéchéos, a qual de dia serve de signal do porto.

Estes passarinhos são dignos de descripção, mas principiaremos por dizer que são cruelmente perseguidos a *tiro* pelos soldados do destacamento, cujo *quartel* se acha perto n'uma barraca de palha, verdadeiro galpão, onde entra a chuva e o vento por todos os lados, e que feita por elles, nunca mais se deram ao incommodo de remendar.

Os passaros, de cor preta, branca e amarella, são os mais estimados, conhecidos por *japins;* os de cor preta e encarnada, são pouco conhecidos; estes aqui, tem a plumagem preta das azas e peito amarello; mas o curioso d'estes passarinhos, são seus ninhos industriosos, cylindricos, de dois palmos de comprido, sendo o fundo mais largo para comportar com commodidade os filhinhos; no cimo do ninho, que é dependurado nos galhos da arvore, está a

abertura que dá entrada ao passaro, e geralmente, procuram arvores altas para os fabricarem, e em lugar onde hajam cabas ou abelhas, que defendam sua habitação, dos homens e animaes selvaticos. Quasi sempre este ninho, curva um pouco na parte superior da entrada que é lateral, formando um pequeno cotovello. São construidos de fibrasinhas de capim ou feno mui flexiveis, de folhas de bananeira desfiadas ou de diversos cipós; sendo para notar, que embora a obra não esteja terminada, desde que lhe fazem o espaço da entrada, servem-se logo por ella, para trabalharem o resto da edificação.

Vimos aqui vender alguns por dez mil reis.

São difficeis de domesticar, quando grandes, e os pequenos necessitam muita paciencia a criar em casa.

Imitam o canto de todos os passaros e de outros animaes, pelo que são muito estimados.

A barranca do porto tem cahido muito com as enchentes do rio e enchurradas do lugar, a ponto tal que muitas pilhas de trilhos da malograda estrada, se hão afundado com o desmoronamento do porto, tendo apparecido algumas traves e ferros d'uma ponte que n'elle ha-

via n'esse tempo, para facilitar a descarga do material. Um pouco mais adiante, mas já na altura da barranca, vê-se hoje uma arvore que, naturalmente, sendo n'esses tempos de menor diametro, haviam amarrado no tronco d'ella uma corrente, hoje, tendo engrossado, já a casca encobre a amarra, que lhe fica dentro, vendo-se em partes as pontas pendentes.

Foi n'este lugar o primeiro estabelecimento dos jesuitas em 1728, sendo portanto tão antigo como o Crato; e foi fundado pelo missionario João de Sampaio, sendo ainda a este padre que se deve a fundação de *Sapucaia-oroca* ou Santo Antonio de Borba.

Ha em S. Antonio, um lugar a que chamam cemiterio, unicamente porque n'elle se enterram os cadaveres humanos, e porque n'elle se vê o symbolo do christianismo, não porque esteja vedado ás injurias das feras, nem deixe de estar tão arborisado como a proxima floresta, e tão cheio de capim como outro qualquer sitio agreste. Por cima de algumas campas que vimos, passeiam as onças e cães, talvez desenterrando cadaveres, e o gado pastando.

No entanto, é este lugar considerado, Santo Antonio, como ponto militar de fronteira, e aqui

tem o governo um *destacamento* de tres a quatro soldados, que nada tendo em que occupar-se, nem sequer limpam o carreiro, unico de communicação com o porto, nem capinam a relva do *cemiterio*, já que n'estes lugares os soldados até prestam o serviço de carregadores de navios. Já n'este ponto militar, esteve commandando o destacamento composto de *um* soldado, um anspeçada que nem ler sabia, de forma que era necessario andar a pedir o favor a qualquer passageiro de, por elle, pôr o visto nas guias da carga de transito.

Na occasião que aqui desembarcamos, não aconteceu isso, porque havia um segundo sargento que nos appareceu a bordo do vapor, de banda á cinta, sem meias e de... chinellos!

A justiça e destacamentos são fornecidos, e de nomeação, da capital do Amazonas que recebe os rendimentos e impostos d'estes logares, quando segundo os limites, antigos que ainda regulam todo este territorio das cachoeiras, que o Amazonas conhece só para nomeações e receber a receita, — pertence ao estado de Matto Grosso, que diga-se a verdade, pela falta de communicações faceis, deve abandonar a ideia de tomar a si esta região.

Por decreto de 25 de janeiro de 1873, foi creada aqui uma meza de rendas de primeira ordem, mas não chegou a installar-se cá e sim em Manicoré, por não haver quem se prestasse a ser empregado d'ella, tal é o clima.

N'este logar passa-se muito contrabando, pois as mercadorias que vem em transito para Bolivia posto que sejam, nem sempre, acompanhadas até aqui por um empregado d'alfandega, tem que ficar em terra para dividir os grandes vultos maritimos em pequenos fluviaes, que possam não só transportar-se ás costas de indios com facilidade na passagem por terra, mas tambem nas cachoeiras, onde as canôas egualmente são arrastadas ou alliviadas para seguir os canaes. São muitas as mercadorias aqui vendidas apenas o navio deixa o porto, e posto haver o commandante de destacamento encarregado d'esta vigilancia do fisco, este umas vezes não sabe ler, outras qualquer *lembrança* lhe serve, de forma que na volta do vapor, vezes ha em que o empregado da alfandega, se torna, é convidado a beber um copo de cerveja, innocentemente, da carga que a viagem passada deixou em transito, que tambem algumas vezes, por falta de canôas que a transpor-

tem, está mezes soffrendo desfalque em prejuizo fiscal no armazem de deposito particular.

Outras vezes voltam os volumes intactos d'aqui para baixo em canôas, ou ficam pelas proximas cachoeiras, sendo os principaes contrabandistas as auctoridades á sombra de cuja vara fazem o negocio com mais segurança.

Isto ninguem nos disse, todos aqui o sabem e vimos nós.

No porto superior, junto a um *igarapé* onde houve uma ponte provisoria de madeira, por onde passava a estrada de ferro, e onde chegou ainda a circular a locomotiva a vapor, — cujos trilhos hoje apenas se vêem suspensos por ter desapparecido a ponte, queimando os indios a madeira para fazer seus cosinhados; — vêem-se numerosas canôas dos seringueiros das proximas cachoeiras que vão a este ponto receber as mercadorias que seus aviadores do Pará, lhes mandam para mantimento e começo do fabrico da borracha, a qual depois aqui trazem para embarcar nos vapores que mensalmente vem a este lugar, um particular, que é o nosso, e os demais das companhias ingleza do Amazonas, limitada, que por contracto com o governo

que a subsidia, se obrigou a mandar aqui um navio todos os mezes ou do Pará e Amazonas.

Immensidade de indios bolivianos se vêm descarregando volumes do vapor para terra, que conduzem para o porto das canôas, uns, levando-os nos hombros, outros, em cima de umas carretas da fallida companhia, que rodam ainda sobre os trilhos da locomotiva conduzindo os fardos e caixões, ao referido porto, onde o capitão ou piloto da canôa, com alguns indios, vae acommodando-os dentro d'esta; e outros carregando tambem seus batelões com carga de transito para o rio Beni, departamento do mesmo, na visinha republica de Bolivia, ou até mesmo ao departamento de Santa Cruz de la Sierra, d'onde ainda vão para o interior; outros para o proximo estado de Matto Grosso.

As mercadorias que o navio trouxe para aqui, são no valor superior a cem contos, segundo se verificou por curiosidade, pelas facturas fornecidas aos destinatarios; no entanto, nem todos os mezes ha este movimento, o que agora é devido a ser principio de fabrico, e portanto necessidade de *avuar* os seringueiros que tem que ir para o interior do sertão, que sómente voltam duas ou tres vezes por anno, a le-

var mercadorias e trazer a borracha fabricada, porque na vasante, poucos rios do interior dão passagem ás montarias, e por lá vive esta gente, abandonada ás febres.

É muita a quantidade de gente, n'esta occasião, em Santo Antonio, na maioria indios bolivianos, tripulantes e seringueiros, moços dos patrões que aqui se achavam tambem recebendo suas cargas. Estes indios são todos fanaticos, e pertencem a diversos povos da provincia ou departamento do Beni, subjugados á educação dos missionarios. São mui submissos. Aqui mesmo tivemos occasião de vêr castigar um por haver roubado um garrafão de cachaça ao patrão, que o fez amarrar a um poste, mandando por um seu *mayordomo* (capataz), dar-lhe cincoenta *guascadas* com umas corrêas de couro, que trazem para este fim. O misero ficou em estado lastimoso, como se prevê, e impossibilitado de prestar serviços por longos dias. No entanto ha aqui auctoridade brazileira, militar e civil que não só fecha os olhos a estes depravados crimes de *senhor* contra *escravo*, mas apoia até para não desgostarem os patrões com quem negoceiam.

A auctoridade civil, representada na pes-

soa de um subdelegado, subjuga a militar, um pobre sargento, quando não soldado, sem voz activa porque está não só debaixo de suas ordens, como vive do credito do seu estabelecimento, e que lhe suspende a ração, se aquelle pretende fazer respeitar seu decoro!

O subdelegado, consente tudo, porque, á sua vez, vive d'estes patrões que lhe fazem gasto na tenda. Ahi está porque a auctoridade da roça, não pode ser justiceira por falta de independencia.

Outro pobre indio vimos castigar por haver fugido ao patrão que lhe dava maus tractos, não o poupando ao trabalho mesmo quando doente. O patrão reclamou a busca delle ao subdelegado, e este mandou tripular uma canoa do *senhor* onde metteu soldados que foram já a grande distancia, agarrar o *criminoso* que trouxeram preso, e depois de bem surrado foi mettido n'um quadrado de trilho da estrada de ferro, que serve de cadeia, sem resguardo da chuva nem do sol, onde ficou passando noites e dias!

Isto é barbaro e repugnante.

Depois foi o pobre rapaz entregue ao patrão para receber novo castigo d'este.

Outros não podendo supportar as reincidencias de fugidas, vendem os infelizes, *passando* a conta, como elles dizem, que não é mais que uma escriptura de venda, que o comprador se obriga a pagar, contas phantasticas, de contos de reis (é facto), que o indio ignora. Os miseros nem mesmo tem o direito livre de procurar patrão, nem lhe é admittido, caso podessem, pagar sua conta, mas sim ha de ir para onde o mandam, para casa de algum patrão que convenha ao *senhor* garantindo o debito daquelle.

O indio que foge é entregue, porque, se algum dos seringueiros ou negociantes se nega a fazel-o á casa donde fugiu, fica na collisão, dando-se identicos casos com rapazes delles, de não lh'os entregarem tambem, por isso teem concordado proteger-se mutuamente nestas entregas; e mesmo, se não o fazem lá vae o subdelegado ordenar por meio de *um officio* acompanhado de soldados, intimar a entrega forçada de um homem livre, pois não se protesta contra auctoridades da roça; e se o rapaz deseja pagar o que deve, para recuperar sua liberdade, o patrão nega-se a receber, porque o exige para a vingança e exemplo dos demais!

Isto é mais que escravidão, é o poder do forte contra o desamparado da lei, da propria auctoridade cumplice no crime.

Parecerá isto incrivel a quem por estes lugares não tenha vivido e visto; não é, é a realidade neste pallido reflexo que acabamos de expôr, porque nos centros, ahi matam-se os infelizes indios a chicote como cachorros, e vamos proval-o com uma peça official.

A auctoridade não protege por estar subjugada ao proveito proprio, pelo que não larga a pasta que lhe garante os interesses.

O indio não tem meios, nem o deixam sahir da vista do patrão, jámais se d'elles desconfiam que pretenda queixar-se, portanto são-lhe vedadas as exposições de suas queixas á auctoridade independente e superior que reside a centenares de leguas; e assim soffre resignado, até que dão cabo d'elle.

Sabemos que alguns d'estes infelizes tem tentado embarcar nos vapores que aqui vem, com o fim de ir pedir providencias á auctoridade superior, e posto pagarem sua passagem, alguns commandantes de vapores se tem negado a dar-lh'a a reclamação do patrão seringueiro a que elles accedem para não incorrer

no desagrado d'estes, negando-lhes porisso borracha para carga.

E são estes vapores subsidiados pelo governo!

Finalmente, como isto parecerá incrivel a quem por alli não tem transitado, e para que não se julgue de parcial esta narração, melhor é que por nós falle o proprio presidente da provincia de Manáos em officio que transcrevemos, o qual devemos á obsequiosa bondade do commerciante, cidadão B. Costa que aqui foi vice-consul de Bolivia;— ao chefe de policia de Manáos, servindo este aviso aos colonos que pretendam vir para cá, visto que, n'estes desertos, a crueldade não vae só até aos indios, mas até a brancos desprotegidos da justiça, que pelos taes *patrões*, merecem a mesma classificação e tractos se não se submettem aos mesmos serviços dos indigenas ou protestam contra tão barbaros factos.

Devemos ainda accrescentar que estando em lugares onde os vapores não vão, como para o interior de rios, querendo retirar-se não tem como, visto que não ha caminhos por terra, e por agua, necessita gente para remar,— e que por alli não ha, porque os *patrões* por preço

algum cedem rapazes com medo que lhes fujam ou os seduzam de sua posse, quanto mais para este fim;— e assim o infeliz fica á mercê do tigre! Alguns porém tem chegado a fugir em paus que botam ao rio, resolução desesperada, porque sendo o rio encachoeirado, a morte é certa ao passar as catadupas, mas n'este caso a morte é um allivio.

Vamos dar publicidade ao dito officio, não antes sem declarar que em vista da exposição d'elle e de particulares, depois de vermos que os proprios que se dizem civilisados — são mais selvagens que os indios das florestas, — estivemos, isto baixinho para nós: com ideias de terminar aqui nossa viagem e não seguir ávante, porém, movidos pela curiosidade, continuaremos. Deve notar-se do dito officio que muitos desgraçados soffreram e morreram, antes de chegar seus queixumes ao então presidente da provincia, e que depois d'isso: ficou tudo... como antes!

Isto foi peor porque os patrões ficaram mais furiosos.

Já se vê, por felicidade, ha humanitarias excepções, patrões que tratam os rapazes até

como filhos, o que é justo porque são elles que lhes facilitam os meios de vida.

A presidencia da provincia de Manáos, em 5 de janeiro de 1878, dirigiu ao sr. dr. chefe de policia o seguinte officio:

«A viagem que acabo de fazer ao rio Madeira trouxe-me a convicção de que presentemente, nenhuma parte da provincia precisa mais do que aquella de auctoridades policiaes intelligentes, activas e escrupulosas no cumprimento dos seus deveres.

«Os actos mais reprovados, crimes de toda a ordem, desde a injuria e a ameaça até ao roubo e o assassinato, são alli diariamente praticados, sem que as auctoridades a quem incumbe velar pela ordem e tranquillidade publica, pela vida, liberdade e propriedade do cidadão, tomem delles conhecimento, e empreguem os meios legaes de que dispõem para que seus autores sejam processados e devidamente punidos!

«Desta culposa indifferença das auctoridades locaes pelos delictos, tem resultado para a população do Madeira uma vida verdadeiramente excepcional, que contrasta de modo singular com a indole em geral pacifica de nosso povo

e com a civilisação já tão adiantada do nosso paiz: vida continuamente agitada, cuja feição caracteristica é a desordem, vida em cujas relações não preside a lei, mas sómente a força bruta e material que ha completamente substituida o dominio d'aquella, constituindo-se direito.

«De tão deploravel estado de cousas as consequencias inevitaveis são as que tive occasião de observar por mim mesmo: os crimes reproduzem-se em escala sempre progressiva, os costumes pervertem-se, as acções mais offensivas a moral e a lei passam por perfeitamente licitas, desde que se appoiam na força material; a condição do pobre é a mais precaria possivel; porque, sempre a mercê do interesse e dos caprichos dos poderosos, seu direito não encontra garantia, seu trabalho não tem futuro. Se lhe ordenam, obdece, se resiste é *barbaramente* castigado, ou immediatamente expulso do humilde tecto em que se abriga.

«Se succede fallecer alguem de posição social mais elevada, deixando alguns bens de fortuna, o primeiro individuo que se julga seu credor ás vezes sem o ser, mal tem noticia da morte transporta-se a casa do finado, com se-

quases armados, e ahi, *a titulo de pagar-se*, apossa-se de quanto lhe cae nas mãos, dinheiro, borracha, fazendas; destroe os papeis que encontra e expulsa da mesma casa as pessoas que a occupam, sejam, ou não, parentes e herdeiros do defuncto.

«É emfim, o saque, a pilhagem, o roubo executado a mão armada, em pleno dia, na presença de testemunhas, e, pode-se accrescentar, sob as *vistas da auctoridade!*

«De um attentado desta natureza tive eu mesmo occasião de vêr um exemplo em minha descida de S. Antonio para Baétas no logar Pariry, resideneia do ha pouco fallecido José Ricardo de Sá, cuja casa foi saqueada por um dos seus intitulados credores, de nome Raphael Bento Carolino e outros; e cujos filhos, expulsos do tecto paterno, apresentáram-se-me a bordo do navio reclamando justiça!

«Do tratamento barbaro a que estão sujeitos n'aquelle rio os desfavorecidos da fortuna e dos abusos de todo o genero de que são, constantemente victimas, offerecem mais numerosos exemplos os bolivianos que habitam os districtos policiaes do Crato, Abelhas e Santo Antonio.

«Segundo informações que colhi attinge a perto 4,000 o numero d'estes estrangeiros que teem emigrado da terra natal para aquella parte da provincia, com o intuito de explorarem os ricos productos naturaes que encerra divididos em duas classes distinctas a dos patrões e a dos peões ou aggregados, não differe a sorte d'estes ultimos da de escravos, e de escravos de senhores crueis e deshumanos.

«Percebendo diminuto salario, mal alimentados e ainda peior vestidos, são obrigados a um serviço pesadissimo, que lhes é distribuido por tarefa, e do qual tem de dar conta, quer possam, quer não, sob pena de serem castigados com *açoites*, cujo numero varia segundo a gravidade da falta e a indole do feitor que os applica. Mais de um d'esses infelizes ha succumbido, segundo me informaram, a tão barbaros castigos; e eu tive occasião de vêr em outros os signaes irrecusaveis das sevicias atrozes que lhes inflingiram. Se qualquer d'esses miseros, para subtrahir-se aos máos tratos que recebe, foge da companhia do seu patrão, arma-se este e dá-lhe caça de barraca em barraca, até que o agarra e fal-o voltar ao seu poder. N'estas occasiões e por tal falta, é que o castigo ordi-

nariamente excede a tudo quanto se pode imaginar de rigoroso e severo. Estive por muito tempo na crença de que esse indios bolivianos, aggregados de compatriotas seus domiciliados no rio Madeira vinham de sua patria, como me informou n'esta capital, em julho do anno proximo passado, o snr. vice-consul da Bolivia contractados por estes para o serviço da lavoura d'aquellas fertilissimas regiões; e que, mais tarde, as abandonaram arruinando completamente seus nascentes estabelecimentos, seduzidos por extractores de borracha, nacionaes e portuguezes, que os internavam por vil salario nos seringaes, onde muitos em breve tempo perdiam a saude e a vida.

«Para evitar a continuação d'estes abusos e garantir n'aquelle rio o desenvolvimento da lavoura, de que tanto carece, recommendei então ás auctoridades policiaes d'alli, que dentro dos limites da lei e de suas attribuições, procurassem conter os especuladores que por esse modo compromettiam a fortuna alheia e os interesses publicos ligados á emigração boliviana.

«Verifiquei, porém, com a viagem que acabo de fazer ao Madeira, serem inteiramente inexactas as informações que me deu o dito vice-

consul da Bolivia, (o sr. Ignacio Arauz), e improcedente a reclamação que me dirigiu, e que motivou aquelle meu acto; por quanto, nem os emigrantes bolivianos trazem *contractados* por titulo juridico os indios que os acompanham, nem fazem da lavoura sua principal e habitual occupação.

«Todos elles se empregam exclusivamente na extracção da gomma elastica, e porque com mór damno que proveito para o paiz, por quanto, ou por falta da necessaria pratica, ou por excesso de ambição, têem quasi que inutilisado completamente os numerosos seringaes que exploram. Outro sim, verifiquei que a fuga d'aquelles indios não era devida a sedução dos nacionaes, que geralmente os consideram todos trabalhadores inhabeis e d'elles se não utilisam; mas sim aos maus tratos de que já fallei, contra os quaes não encontram outra garantia além da fuga e esta mesma precaria.

«O exemplo dos bolivianos, que a impunidade accoroçôa, dando-lhes talvez a crença de que no imperio lhes é licito fazer quanto lhes permittem ou toleram as leis e costumes do seu paiz, muito tem contribuido para o deploravel

estado que observei em todas as relações da vida no rio Madeira, ao qual urge pôr cobro para honra das nossas instituições e da nossa civilisação, e para o bem do desenvolvimento futuro d'aquella rica e interessante parte da provincia.

«O meu fim com esta longa exposição sobre a actual situação do rio Madeira, é, inteirando-o da verdade, demonstrar-lhe o interesse que me inspira e o empenho que tenho em melhoral-o, tomando todas as medidas legaes que me parecerem mais adequadas á realisação d'este empenho.

«A primeira das providencias que cumpre tomar, e que muito recommendo a v. s.ª é a escrupulosa observancia dos seus deveres por parte das auctoridades policiaes, já na indagação e averiguação dos delictos, isto é na instauração dos respectivos inqueritos, desde que d'elles tiverem conhecimento, já na circunspecção e prudencia de todos os seus actos (que não excluem a energia, quando fôr precisa), de modo que sejam por todos olhados como garantias de ordem e segurança, e não como fautores de barulhos e querellas.

«Consequentemente, fica v. s.ª na intelligen-

cia de que deverá velar com particular cuidado sobre o procedimento futuro dos seus delegados n'aquelle rio, a quem fará sentir os relevantes serviços que prestarão á causa publica, se, bem se compenetrando da importancia da missão que lhes incumbe, procurarem unicamente na lei e na justiça os meios de desempenhal-a; e por outro lado, a grave responsabilidade em que incorrem, e que lhes fará effectiva, se, esquecido dos deveres que lhes impõe os cargos que occupam, d'estes se prevalecerem para promover *interesses particulares;* ou continuarem a olhar com inqualificavel indifferença as scenas que por alli se dão todos os dias, e que deixo fielmente descriptas. A proposta da demissão das auctoridades que assim procederem confio que será acto successivo ao exacto conhecimento que tiver v. s.ª adquirido do seu irregular procedimento.

«As propostas que de ora em diante me fizer v. s.ª para auctoridades policiaes do Madeira, confio egualmente que mais do que nunca, serão precedidas de todas as informações que lhe fôr possivel colher sobre a idoneidade dos propostos, isto é, sobre sua capacidade e costumes; devendo v. s.ª recusar *in limine* aquelles

que solicitarem as nomeações, porque ordinariamente os que se empenham pelos cargos teem em mira mais o interesse proprio que o publico.

«Fica v. s.ª desde já auctorisado a transportar-se áquellas paragens sempre que julgar conveniente a sua presença alli, dando-me sciencia previa de sua viagem, e solicitando todas as providencias que excederem as suas attribuições e a gravidade das circumstancias exigir.

«Termino manifestando-lhe a convicção de que v. s.ª prestando particular attenção aos negocios a seu cargo do rio Madeira, desenvolverá toda a actividade e zêlo que hão caracterisado seus actos, em ordem a ser brevemente restabelecido n'aquella vasta região o benefico imperio da lei; sobre este melindroso assumpto chamo egualmente n'este momento a attenção das auctoridades judiciarias da comarca, a quem v. s.ª coadjuvará, sempre que for precisa essa coadjuvação, no cumprimento dos seus deveres.»

Depois da leitura d'esta peça official, cujas providencias não passaram da reclamação do

officio, porque a auctoridade evita metter-se com *selvagens civilisados;* — diremos, como nos disseram ao admirar os roubos nas ruinas de Santo Antonio: «sabemos de muito, mas muito mais ficou por dizer». A variante não é sensivel, mas o resultado é o mesmo, apenas apropriado á materia.

Nós, ficaremos tambem por aqui, visto que a nossa missão não é a de apresentarmos ao leitor, um relatorio descriptivo d'essas barbaridades, jamais que se o fizessemos, nada adeantariamos em favor dos infelizes martyres, antes talvez, como aconteceu com o resultado d'aquelle officio: — enfurecer os *patrões*, que amiudaram os castigos nos desgraçados, como sempre acontece quando se principia a cura e depois se abandonam os remedios sem ella restabelecida.

E' porém de nosso dever, e n'isso temos muito prazer e satisfação, declarar em seguida ás nossas notas e ao assumpto d'aquelle officio, que actualmente estão moderados aquelles castigos em virtude d'estes lugares terem sido ultimamente habitados por *patrões* bolivianos, brazileiros e portuguezes de alguma illustração, e haver-se desenvolvido muito a popu-

lação n'estas paragens e com ella o commercio e civilisação.

Eis o que diz o engenheiro Julio Pincks, que andou em estudos na estrada de ferro de Santo Antonio, no relatorio que apresentou ao governo, em 1884, a pag. 57, com relação ao destino que tivera o resto do material das companhias fallidas:

«Desde o começo eu vi as hostilidades que me aguardavam por parte d'aquelles que julgavam que a minha presença alli ia destruir certas esperanças, que alguem lhes deu para a futura construcção, com todo seu sequito de lucros faceis; e, para tudo preparado, não estranhei que se negassem até vender-me remos que me faltavam, pelo que vi-me obrigado a mandar fazel-os a facão pelos operarios.

«Os homens encontrei após oito mezes de ausencia completamente transformados.

«O proprio logar onde desembarcamos ao chegar tinha *mudado de aspecto!*

«Todas as casas americanas com excepção de uma, aquella que o anno passado eu havia occupado com o observatorio, *tinham desapparecido*, mas em compensação tinham sido con-

struidas pelo *snr. subdelegado* outras tantas casinhas novas com o material *tirado* das casas derrubadas *propositalmente,* provavelmente com a *intenção louvavel* de conservar o maior tempo possivel os restos e materiaes da empreza Collins, de cuja guarda *elle* se achava encarregado.

«Tambem n'esse intuito sómente, *agglomerou* nos *seus* armazens particulares, quantidade enorme de *ferramentas, portas, janellas, taboas e telhas de zinco,* e estou certo que os credores da empreza serão bastante gratos a essa *auctoridade* por ter-lhe sabido *guardar* tão bem a sua propriedade.

«Outro tanto não posso dizer dos materiaes da nossa commissão, verificando-se que, meia hora depois da sahida do vapor em que me retirei com a commissão em setembro do anno passado (1883), foi *arrombada a casa* onde eu tinha mandado reunir os nossos instrumentos, materiaes, medicamentos, etc., etc., casa cujo aluguel a commissão pagava e *cuja chave se achava nas mãos do mesmo subdelegado,* sendo d'ahi *roubados* diversos instrumentos, apezar da proximidade das casas e, o que é mais de admirar, de ser *elle o unico morador de Santo Antonio.*

«Cousas incomprehensiveis!...

«Apenas um dos seus caixeiros despedidos declarou que, se quizesse fallar, podia revelar o segredo d'esse e de outros phenomenos, e outras historias de instrumentos que *elle* tinha *encaixotado* e *remettido* para o Pará.

«Mas nunca se pôde tirar esse negocio a limpo e a commissão *ficou sem alguns* dos seus sextantes e aneroides, etc., tal qual como os credores dos Americanos *hão de ficar sem* os seus materiaes.»

Adivinhou; tudo foi roubado, hoje não existe nada!

Entre o elevado numero de indios, estavam tambem muitas indias, alguns d'aquelles trajando a vestimenta de casca de pau, a que chamam *bibóse*, especie de estopa que extraem da casca do turury os indios baures, sem mais preparo que batel-a para ficar flexivel, com dũas costuras dos lados no lugar de enfiar os braços, sem mangas, e curtos, até ao joelho, n'elle mettem a cabeça, e assim o trajam.

Egual uso tem algumas tribus de negros africanos, cujo vestido denominam *mbuzu*.

As raparigas, essas usam a *tipoi*, uma espe-

cie de habito de frade de chita, sem mangas que egualmente enfiam pela cabeça; apenas com dois talhos lateraes onde entram os braços que ficam nús. A *tipoi*, quando não apertada na cintura, o que não usam, faz de quem a veste, uma especie de estatua a que o cinzel apenas aperfeiçoou a cabeça deixando em bruto o corpo. Todo o esmero das indias consiste no penteado de seu bello e liso cabello preto o qual apartam em duas bellas tranças, a que chamam *partidos*, que deixam pendentes pelas costas, enfeitadas nas estremidades com fitas de cores garridas a que denominam *ariches*, outras usam egualmente d'esses *partidos*, em vez de cahidos, em volta na cabeça, por cima da testa passando junto da nuca, o que lhes dá uma graça e elegancia caracteristica de seus costumes, que não temos visto nas do Brazil, mas notamos assim tambem usarem alguns mouros na costa de Marrocos.

Usam ellas no pescoço muitos rosarios, e mesmo os homens, e até, brincos tambem alguns d'estes, e em uma das indias vi eu, uma moeda de ouro no rosario, de D. Maria I com data de 1796, e n'outras diversas do seu paiz e estrangeiras, que trazem por adorno; e como são de

prata tem valor aqui, embora estrangeiras, de forma que os maridos d'estas indias, quando lhes falta o dinheiro, recorrem ao expediente de tirarem estas moedas dos seus rosarios e dos das suas raparigas, para na folga, com elles comprarem cachaça, com que o casal se embriaga, de sucia com os demais, fazendo entre a libação, suas danças originaes onde entram os *cascabeles,* guisos, que usam nas danças, pregados em correias e estas afiveladas nas curvas das pernas, que elles, ao pularem fazem tinir de envolta com seus gritos desabridos... selvagens.

Apenas elles chegam a este logar armam seus acampamentos provisorios, de ramagens de palmeiras, ao abrigo das quaes dormem, tendo por cama uma tosca rede; outros um couro de boi, e para evitar os mosquitos, aqui e por onde andam, usam da *toldeta,* mosquiteiro, dentro do qual se acommodam com a cama.

Debaixo das ramadas fazem a sua comida, suspendendo a panella n'um páu transversal apoiado nas extremidades por outros ao alto de forquilhas nas pontas, como os nossos pescadores costumam nas praias, ficando suspensa a panella.

O seu pão é a macacheira e banana crúa, cosida ou assada, servindo-se do platano (banana), partida ao comprido, depois de lhe tirarem a massa, para o effeito de colheres, para comer o arroz, depois de cujo serviço as... comem tambem.

A comida d'estes pobres é arroz e carne secca, geralmente em estado deploravel, pois vem do sul do Brazil para aqui. Um d'estes patrões vimos nós comprar algumas saccas de carne podre a um negociante que lh'as vendeu baratas pelo estado em que se achavam, observando-lhe o patrão que a carne já não merecia o dinheiro que pedia por ella; — o negociante lhe disse que os cães ainda a comiam bem, visto ser para isso, que o patrão dissera compral-a. Observou-nos um negociante de bordo que este sujeito costumava comprar generos deteriorados para a sua gente, o que mal acreditamos, mas depois vimos que effectivamente a carne não fôra para os *perros,* mas para os infelizes indios!

As indias usam de um oleo que extrahem do caroço de palmeira, que chamam *cuse,* para untar o cabello, o que na realidade lhe dá muito brilho e conservação, mas tambem um forte

cheiro nauseabundo que é de insupportavel olôr.

Quando se banham acocoram-se, sentam-se em cima dos calcanhares suspendendo a *tipoi* na cabeça, onde fica em forma de turbante; lançam com a *tútúma* (cuia), a agua pelo corpo, com excepção da cabeça, e depois com um pequeno movimento, levantam-se e cae a tipoi cobrindo-as naturalmente.

N'este porto de Santo Antonio esteve em 1885, o conhecido vapor *Arary,* que metteu a pique o *Purús* em 1870, como já dissemos, permanecendo como deposito fluctuante da companhia ingleza de navegação a vapor do Amazonas, limitada, a cargo do snr. Bernardo Costa commerciante e agente da dita companhia n'este logar, onde a esforços d'este snr. não se afundou por um rombo no casco em occasião de tempestade.

Tres dias depois da nossa chegada a Santo Antonio, ás 7 horas da manhã, despedia-se d'este lugar, a silvos de apito e cumprimentos de bandeira, o nosso vapor *Elias.* Havendo concluido o desembarque da carga, retirava-se para o Pará, d'onde devia voltar a receber borracha, dois mezes depois.

Ao vel-o largar não deixamos de soffrer um certo sentimento... Íamos ficar sós n'esta região tão pouco acreditada pelas auctoridades do estado.

Neste dia assistimos a uma chusma de casamentos presididos por um padre que tinha vindo a bordo do nosso vapor para effectuar estes actos, que só de tempos a tempos tem logar.

Os contrahentes, todos indios, foram collocados em fileira dentro duma barraca de palha onde o cura os casou por junto, dispensando toda a sorte de documentos que em geral são indispensaveis nas terras cultas, porém, effectivamente, nesta gente e nestas paragens, ha toda a difficuldade em observar taes preceitos e obter esses documentos, porque mesmo nas suas missões em geral, não existem livros de assentos de baptismo. Os baptisados são feitos pela mesma forma, e as creanças o são muitas dellas, depois de 10 e 12 annos de edade, já porque seus paes vivem para os centros do sertão, já porque raras vezes no anno por estas regiões apparecem padres que não abundam neste bispado do Pará e Amazonas, onde o anno passado, para toda esta immensa região

destes dois estados, incluindo as capitaes, apenas haviam doze presbyteros.

Finalmente, n'esse mesmo dia, ás 12 horas da tarde, dirigimo-nos ao porto das canôas para embarcar na que nos estava destinada propriedade de D. Chaves de Nuflo, boliviano, a quem vinha recommendado, negociante importante que desde ha annos transita estas cachoeiras até ao Pará, onde vae vender sua borracha e comprar mercadorias. E' um distincto e perfeito cavalheiro lhano e muito amavel, tendo a condescendencia de nos transmittir muitas particularidades que aqui deixamos descriptas.

De Santo Antonio seguimos mais de kilometro e meio por entre matto; por cima da ponte de que já fallamos, da estrada de ferro, com destino ao porto das canôas, onde deviamos embarcar, e ahi se achavam, não só seus remeiros, como os dos demais bolivianos seringueiros, terminando sua refeição, visto que sómente tarde haviamos de encostar para cearmos e dormir.

Pouco depois, cada tripulante tomou seu lugar, de remo em punho; o piloto a canna do leme, e largamos.

O preço da passagem do Pará e Santo Antonio, é de 190$000 reis, e vice-versa 180$000 reis.

O itenerario de Santo Antonio a Santa Cruz de la Sierra, que vamos seguir, é o seguinte:

	DIAS
De Santo Antonio a Villa Bella, alfandega da fronteira boliviana .	24
De Villa Bella ao povo Exaltacion .	24
De Exaltacion a Trinidad, capital do departamento do Beni . . .	10
De Trinidad a Loreto , ...	2
De Loreto a Quatro Ojos. . . .	3
De Quatro Ojos á cidade de Santa Cruz de la Sierra capital do departamento do mesmo nome, incluindo os dois ultimos dias por terra	3
De Santo Antonio a Santa Cruz :	66

Um pouco mais adiante foi necessario passar espia no barco porque este, a remos, não avançava, evitando assim que recuasse precipitando-se sobre uns penedos que se achavam abaixo da correnteza.

Cachoeira Padre Eterno. — Felizmente pas-

samos sem novidade esta cachoeira, devido á muita pratica dos tripulantes, mas perdemos bastante tempo de navegação. Ao escurecer abeiramos para cosinhar e amarrar nossas redes, o que fizemos em pascana, roçado de occasião.

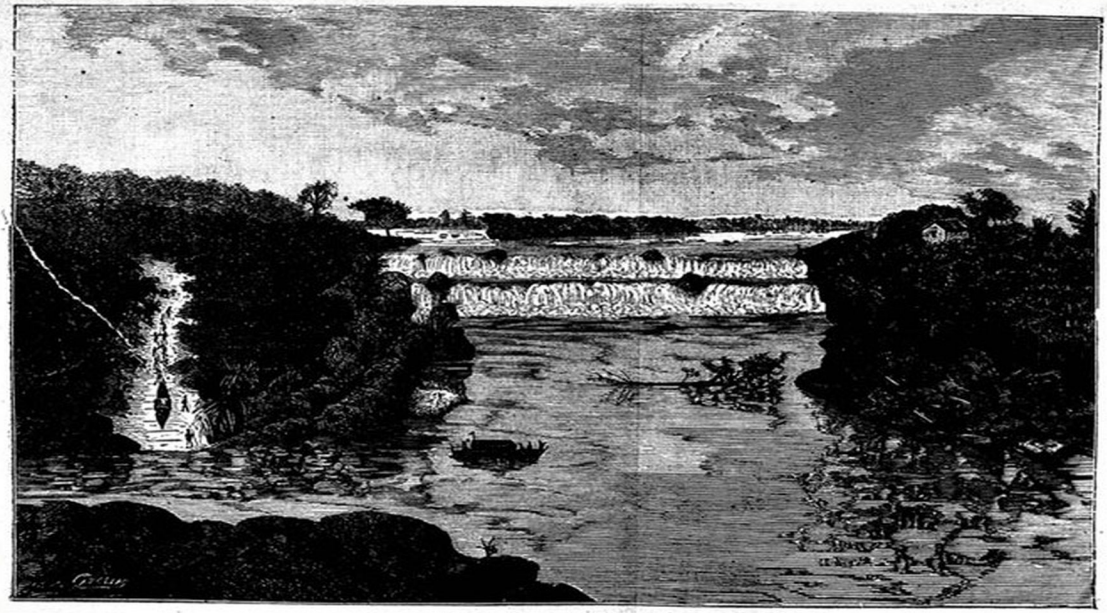
Cachoeira do salto de Theotonio.—Ao romper da manhã seguimos viagem com destino á celebre cachoeira conhecida por *Salto do Theotonio*, collocada a 9ϕ° 1'-45" lat., e long. 21°-20'57".

Muito antes de aqui chegarmos, ouvimos o ruido da queda das aguas. Navegamos então encostados á margem esquerda, onde o rio é manso.

Pelo meio dia chegamos á praia que se achava do lado de baixo da cachoeira, onde tivemos de descarregar inteiramente as canôas; porque alli havia necessidade d'ellas passarem vasias á espia entre um estreito e pequeno canal pedregozo.

Almoçamos na praia, e emquanto os rapazes transportavam aos hombros e a pau e corda, a carga para o lado opposto da cachoeira, fomos nós observal-a.

Junto á cataracta, do lado direito, fica um



AMAZONAS — CACHOEIRA DE THEOTONIO, NO ALTO RIO MADEIRA

Desenho do natural de Bernardo da Costa e Silva. *Gravura de Caetano Alberto*

alto monte cheio de arvores frondosas e impenetraveis, havendo do porto, por alli, um *varador* por onde se passa para o outro porto superior, e por aqui se *varam* ou arrastam as canôas e se leva a carga, como demonstra a nossa gravura. N'esta vereda collocaram os tripulantes muitos roletes de pau para, por cima d'elles, passarem as embarcações, impulsadas a braço e espia, por meio de uma talha segura a um grosso tronco de arvore que ficava na maior altura da vereda, d'onde depois esta descae para o lado opposto, sendo aqui necessario, devido á inclinação da serra, segurar os batelões com espia pela ré, para não irem de escantilhão, vereda abaixo. Passada a canôa por este declive, bota-se então em nado, ficando já a cachoeira do lado de baixo, mas muito perto, sendo preciso todo o cuidado com o barco para não ser arrastada pela correnteza para a catadupa onde seria envolvido e desmantelado no precipicio.

A queda da agua d'esta cachoeira está calculada de uma altura de cincoenta palmos, e forma uma linha quasi recta d'uma a outra margem, e com uma especie de dois planos, ca-

hindo a agua de um para o outro e d'este para o leito do rio.

No tempo de cheia quasi nivela as aguas superiores com as inferiores, porem é forte a correntesa, e não produz tanto ruido; no secco, é quando ella se demonstra tal qual é, em toda sua nudez, podendo observar-se perfeitamente; no entanto, em tempo algum offerece passagem.

D'este lado, donde se acha o porto superior, está uma barraca de palha onde se recolhem as mercadorias e passageiros, e n'ella nós nos accommodamos, porque este serviço de transporte de canôas e mercadorias por terra, occupa, geralmente, dois dias.

Comemos peixe fresco, pois junto ao porto inferior, encontram-se muitos que os rapazes até matam com pancadas de terçado, e outros pescam á linha, havendo no tempo secco um pequeno lago entre pedras, onde os peixes ficam detidos no descer das aguas; então se colhem com facilidade e alli são *moqueados*, como chamam os indios, ao assado, durando por esta forma muito tempo, sem que o calor os deteriore.

Encontramos n'este lugar, lá ao fundo da barraca, mas mal vista, uma baunilheira, infelizmente sem favas, mas dizem-nos que não é raro encontrarem-se por este rio, bem assim a salsa parrilha de que por estes lugares fazem uso, tomando-a em cosimento, o que certamente produzirá melhor effeito de que essas drogas de botica, quando adulteradas. Ha aqui mesmo junto á barraca muitos mamoeiros e até com fructo, naturalmente alguem que por aqui comeu algum atirou com as sementes n'este logar.

Esta paragem, não ha muito, foi frequentada por selvagens *caripúnas*, e ainda por vezes se tem notado signaes de sua passagem.

Ha por aqui algumas das apreciaveis arvovores de construcção, páu d'arco e acariúba, acuaricuára, etc.

O rio, no espaço da cachoeira tem 250 braças de largo.

Por casualidade conheci hoje um peixe de que tenho ouvido fallar tanto, a que chamam *puraqué*. É do feitio da lampreia, porém possue a propriedade de própagar choques electricos, de cuja vantagem elle se vale para se defender dos inimigos, sendo perigoso aos nadadores, e nau-

fragos, porque sua descarga electrica, póde não só atordoal-os, mas até matar.

Um dos nossos tripulantes que hoje foi pescar, encontrou este peixe ao alcance do terçado, e dando-lhe com elle na cabeça, deixou cahir a arma insensivelmente, ao lagosito de que fallamos, onde depois vi o peixe. Era que a electricidade d'elle se communicou ao terçado e d'ahi á mão.

Pela descripção que d'elle faz Linnêo, é este o seu *gymnotus electricus*.

Nos lagos que se acham entre as pedras, os nossos rapazes tem morto muito peixe com um vegetal que foram buscar no matto, a que chamam timbó-cipó, ou *cururú-apé*, que os envenena.

Os tapuyos do Amazonas tambem usam para este fim do leite da arvore assacú, ou das folhas da planta conabi, que os embriaga ou da casca da arvore andá-assú, que os mata.

Esta noute pouco dormimos aqui, não só pelo murmurio das aguas da cachoeira que nos incommodava, como pelos rugidos de uma onça que nos pareceu andava perto.

Além d'isto tivemos de deixar as nossas redes de dormir, correndo para a agua, por ter

sido a barraca evadida por essas malditas formigas caçadoras, em numero de milhares, que alastraram o chão e subiam por toda a parte, de forma que nós só paramos no rio emquanto os pobres indios, soffrendo-lhe as mordeduras, as queimavam a fogo de kerosene.

Só assim desappareceram.

E' historico este lugar.

Esta cachoeira chamava-se *Natal*, mas em 1758, ao passar por aqui o doutor juiz de fóra de Matto Grosso, de descida d'este estado, então capitania, chamado Theotonio da Silva Gusmão, irmão mais novo do celebre padre Gusmão, o voador, fundou aqui uma colonia de indios pamas que o acompanhavam, a quem deu ferramentas etc.

Foi este Gusmão que reconstruiu a capella de Santo Antonio, então de palha, da capital de Matto Grosso, em 1755.

Segundo o engenheiro Ricardo Franco, sua latitude é de 8° 52′ e longitude 21° 30′-57″ O., e 83,^{m}40 sobre o nivel do mar; mas outros divergem; e dista 4 leguas de Santo Antonio.

Theotonio, reconhecendo a necessidade de um estabelecimento de viveres para mantimento dos passageiros, escreveu á sua fa-

milia participando-lhe que ia viver aqui, que o lugar era um paraizo, e convidando-a a acompanhal-o, como de facto; transformando-se de letrado em negociante, em agosto do anno referido de 1758; e denominou a colonia *Nossa Senhora da Boa Viagem*, mas pouco depois falleceu; pelo que nos convencemos que padecia dos orgãos mentaes, de contrario não só não diria que o lugar era um paraizo, como não chamaria aqui sua familia. Depois de estar aqui o governo o nomeou Ouvidor de Matto Grosso, em attenção a seus serviços, e elle recusou para não deixar o seu *paraizo*. O sitio além de agreste, é pedregozo, é sezonatico, esteril e avisinhado de selvagens, que ainda hoje por cá fazem das suas. Que fariam então! Da colonia não ha vestigios, do nome falla apenas a historia; e de que existiu aqui, não contaram os avós aos filhos e estes aos netos, d'aquelles, porque poucos ou nenhuns aqui nos deram noticia de tal, e nós não o saberiamos se não foramos anticipadamente prevenidos d'isso; no entanto esta gente que por cá habita perto, nem sequer ainda se lembrou de investigar d'onde provém o nome da cachoeira.

Que de privações e fadigas aqui passaria o

doutor, e fallecido elle, a familia, ameaçada de selvagens, sendo como então era, tão falto de navegantes este rio, até se poder retirar.

Restou-lhe a gloria de ter soccorrido os viajantes d'então, os quaes em sua memoria, denominaram a cachoeira *salto do Theotonio*, não porque elle tivesse cahido na asneira de a saltar, como cahiu na patetice, não só d'aqui ficar, mas na doidice de mandar vir de Lisboa a familia para cá.

Não existem vestigios da sua sepultura.

No entanto, depois d'elle, ainda o engenheiro Ricardo Franco intentou resuscitar a aldeia em 1802; e em 1814, por carta regia de 6 de setembro, o governo mandou novamente creal-a com o nome de S. Luiz, mas não teve effeito, talvez por não haver quem quizesse habitar no paraizo do doutor Theotonio.

Quem conhecer esta cachoeira ha-de fazer ideia dos trabalhos e constancia dos portuguezes, ao transportar por ella a pezada artilheria que ainda hoje existe no forte do *Principe da Beira*, no rio Guaporé, no visinho estado, ou n'este, se considerarmos como de direito, este territorio mattagrossense.

Junto ao porto de embarque ha uma pe-

quena extensão de lagedo, tornando-se insupportavel na força do calor, pisar ali, mas os pobres indios tudo soffrem resignados, passando a essas horas por elles, carregados de mercadorias.

Debaixo de uma copada arvore que ha na descida para este lagedo, está uma nascentesinha de agua limpida e fresca, assombreada pela dita arvore, donde o navegante se deve prevenir com ella para viagem, porque não é facil encontral-a mais cristalina, mas só da barrenta do rio.

Um *curumim*, rapaz, da nossa tripulação, apanhou no matto um *jabuty*, especie de kagado, casco bastante abaulado, cuja carne é saborosa.

Conta-se que este animal pode supportar fome por longo tempo, e dizem os tapuyos que é tido em muita estima, pois dá felicidade a quem o enterra junto da porta, como o uirapurú, espavorindo a *caipora*, infelicidade.

Para demonstrar até que ponto vae o espaço de tempo que pode viver sem alimento, basta dizer, como por aqui se diz: o jabuty, só teme a arvore taperibá, porque se ella lhe cae em cima, elle não tem mais esperança que

aguardar que apodreça para poder retirar, como lhe acontece com os demais páus por fortes que sejam, — pois o taperibáseiro, ainda que não é madeira dura, cahindo não apodrece, — rebenta; por isso teme-o o jabuty.

Vêem-se aqui entalados nas pedras muitos cedros trazidos pela enchente.

Muitas vezes nos illudimos com estes madeiros, parecendo-nos canôas que desciam o rio com remeiros e tolda, tal era a configuração dos ramos e das raizes ao lume d'agua, que só a certa distancia se conhecia o engano.

No dia seguinte chegaram a Theotonio os nossos companheiros de Santo Antonio, com suas canôas, e nós seguimos viagem com proa ao sul. Ao meio dia encostamos n'uma barraca chamada S. Luiz, onde pela primeira vez comemos carne de anta, o maior animal do Brazil, do tamanho approximado á novilha. É de corpo arqueado, cabeça volumosa e comprida, orelhas redondas e levantadas, pernas e mãos curtas, olhos pequenos, pequena cauda e pello pardo escuro.

Só de noute sae de seu covil, procurando os barreiros salitrosos, onde collocados n'uma arvore, os caçadores as esperam, deixando em

baixo uma pequena luz que as atráe, e d'alli lhe atiram ou a fazem cahir em armadilha ou poços como na caça dos elephantes. Sustenta-se de vegetaes e procura muito as terras humidas. É veloz na carreira e de bastante força; e dizem que perigosa, arremettendo contra o homem.

Acham alguns insipida sua carne, mas eu affirmo o contrario; é porém, um pouco secca e segundo dizem, muito prejudicial á syphilis. Aqui costumam *charqueala*, cortal-a em pedaços finos, carne em tiras, que põem ao sol por que d'esta forma não se corrompe.

Tem vinte cinco dentes incisivos e bastante afiados e ella tem a propriedade nictalopia.

Os habitantes d'estas regiões apreciam muito a banha d'este mammifero, a qual extrahem de uma protoberancia, que se lhe acha no pescoço, que derretem e guardam em garrafas.

Dizem ser infallivel nas dores rheumaticas.

É tambem conhecida, n'algumas partes, por *tapir*, e facil de se domesticar quando nova. Aqui vimos uma, ainda pequena, agarrada no matto por armadilha, pelo dono d'este lugar, o primeiro homem que aqui notamos dedicar-se á cultura de plantação, arvores fructiferas e hortaliças, pois seu pequeno lugar está muito bem

cuidado. Tambem é seringueiro, mas em pequena escala, dedicando-se nas horas vagas na construcção de canôas e criação de animaes domesticos, *cherimbabos*, como papagaios, jacamins, mútúns, patos, gallinhas, etc., d'estas vendem-se por aqui por quatro e cinco mil reis cada uma. O jacamin domesticado, cria os pintos da gallinha.

Aqui, admirando o aprumado de uma alta arvore, fui para lhe tocar, mas o proprietario me dissuadiu da ideia; e batendo-lhe com o terçado que levava na mão, fiquei admirado de sahir uma nuvem de formigas do tronco, das quaes cahindo-me uma na costa da mão, me fez um dolorido que só passado talvez meia hora, terminou!

Era a formiga da arvore do *novato*, e effectivamente, o velho sertanejo não cae na ignorancia que eu cahi.

A arvore chama-se vulgarmente *páu formiga* ou formigueiro, e tambem *taixi*: pena é porém estar minado d'estas formigas porque são varas muito altas, direitas e elegantes, que só com difficuldade se podem derrubar sem ellas ferrarem suas mordidellas, pois ao cortar o páu, lançam-se d'elle sobre o cortador.

Cachoeira Morrinhos. — D'ali seguimos á cachoeira conhecida por *Morrinhos*, a qual offerece tambem bastante trabalho na sua passagem, havendo necessidade de alliviar os batelões de metade da carga e passal-as á espia.

Nós saltamos e fomos por terra esperar as canôas da parte de cima.

Ainda que, com todas as precauções, entrou bastante agua dentro do nosso batelão, no momento em que á espia o faziam subir pelo canal da margem esquerda, de bastante declive.

Aqui nos adoeceu, pela vez primeira, um indio tripulante, de febres intermittentes. Veremos quando chega tambem a nossa vez.

Applicou-se o quinino, na forma um pouco mais activa do que mandam os formularios, porque esta gente já está tão acostumada a esta droga, que necessita augmentar a doze, para fazer effeito.

Um vidrinho de 28 grammas, e geralmente falsificado, custa por aqui 12 e 13 mil reis, e o pobre indio ou freguez, paga tudo, pois que os remedios vão á sua conta, como muitos dos mantimentos e todo o vestuario, ganhando apenas vinte mil reis por mez os homens e

dez as mulheres, descontando-se-lhes os dias de doença, mal fica para o tabaco que fuma, e que custa aqui a tres e quatro mil reis a libra, assucar 1$000 reis o kilo, arroz 500 reis, banha de porco, lata de cinco libras 5$000 reis, bolacha 1$000 reis o kilo, farinha, panneiro 12$000 reis; chita, metro (ordinaria), 1$500, café, kilo 1$500, etc., etc. Isto é uma amostra para se poder avaliar qual o resultado que póde tirar um *rapaz* ou *freguez* com mercadorias a 200 %. Estão sempre com o immortal *debito*, sempre escravos, sempre sujeitos ás injurias que mencionamos; verdade é que por sua vez o mesmo acontece com os patrões — quanto ao debito — com os aviadores.

Da cachoeira Morrinhos fomos amanhecer, depois de haver dormido no matto, — a casa d'um seringueiro hespanhol o snr. D. Luiz Serrate, cujo logar toma o nome da dita cachoeira, o qual nos contou que por vezes tem sido victima dos selvagens que lhe tem posto fogo á barraca, na sua ausencia.

Duas horas depois de largar d'esta casa, tivemos que encostar, porque o dono da canôa necessitava de fallar com o de outra que descia. Pouco tempo estivemos parados, e depois

que nos separamos disse-me o dono de uma das canôas que nos acompanhava, que n'aquella que descia, iam quatro indiosinhos de *presente* para um sub-delegado de policia.

Depois soube que haviam sido comprados a 200$000 reis cada um, no rio Beni. D'estes infelizes um era rapariga, pouco depois morreu, e outro companheiro; os outros dois fugiram por terra indo ter a seus lares, por matto, que nunca antes haviam andado!

A viagem tem-se tornado um pouco penosa para os pobres remeiros, poisque a agua corre com muita força.

Temos visto alguns patos bravos, e um dos tripulantes matou um no rio.

O calor está insupportavel e posto vamos em mangas de camisa, não deixamos de ir constantemente transpirando, jamais que vamos ao abrigo do sol ardente, dentro do *japá*, tolda de palha do camarote, que é em forma arqueada aberta pela frente e retaguarda; depois os mosquitos *mucuins* e *piuns* ou *burrachudos* não nos largam, especialmente as mãos e orelhas, sendo pouco o tempo para, de leque na mão, os afugentarmos por momentos. Principiamos usando um véu, mas ainda que muito

transparente, fazia-nos transpirar por demais, já levamos as orelhas e as mãos inchadas.

Alguns indios remeiros, vão sem camisa. Parece que n'aquelle coiro não penetra a picada do *pium* ou *mucuim*, que fazem uma penosa comichão.

Admira-nos como estes bugres não são victimas constantes de constipações, pois vão ensopados, transpirando, mas estão tão acostumados que já o corpo se não resente nem mesmo dos aguaceiros que de quando a quando apanham. Levam quasi toda a viagem a cabeça sem chapeu, exposta aos raios do sol ardente; mas ainda isso não é nada: quando encostamos em qualquer parte, o primeiro que fazem é deitar-se á agua a refrescar o corpo, completamente alagado de suor.

O doente tem passado melhor.

Ao seguirmos junto á margem ouvimos um ruido sobre folhas seccas; o nosso piloto foi observar.

Era uma manada de porcos bravos que passava a que aqui chamam *catitús*.

Fez-lhe fogo e matou um, mas temendo ser perseguido pelo bando, retirou para bordo e desatracamos, seguindo viagem.

Dizem que é necessario toda a precaução n'estas caçadas, porque andam sempre em grupos e atacam os caçadores que só se podem livrar delles trepando para qualquer arvore, donde lhe fazem fogo sem receio.

Nestas alturas adoeceu um tripulante com tétano, enfermidade que por vezes apparece por esta zona, caracteristica pela dureza e tensão convulsiva dos membros musculares.

Ficou com os queixos fechados e duros os musculos da cara, tetano trismo.

Immediatamente D. Nuflo lhe introduziu na bocca, que forçou por meio do cabo de uma colher, uma certa quantidade de chá quente com algumas gotas de aconito; e egualmente lhe deu a cheirar, ou por outra, lhe encostou ao nariz um frasco com ether sulfurico, com o que o rapaz fez alguns movimentos de cabeça. Untou-lhe as faces e fontes com oleo electrico, e collocou-lhe synapismos nos braços, pernas e nas plantas dos pés.

Passadas duas horas estava completamente bom.

N'esta região ha duas estações, a do verão que tem principio em julho e termina em janeiro, e a de inverno que começa em fevereiro e

termina em junho. Em geral, com pouca variante, as primeiras chuvas vem de outubro até novembro; epoca em que cessa a vasante das aguas, para pouco depois virem os conhecidos *repiquetes* durante 15 a 20 dias, epoca então das febres, porque começam sahindo dos igapós as aguas podridas pelas folhas e animaes mortos, devendo portanto, evitar-se a agua dos rios para beber. O clima deste rio é geralmente humido e quente, e a transição porque passa d'um momento ao outro, é o motor de tantas enfermidades. Um momento está um calor abrasador, logo cáe chuva torrencial.

Este mez que atravessamos, maio, é a melhor epoca de viajar nestes logares por ser a mais temperada e salubre. Geralmente a falta de cuidado do recem-chegado, dá logar a seus padecimentos, porque se expõe a todo o perigo, deseja comer de tudo quanto para elle é novidade, não evita as intemperies etc., concorrendo para isso, depois de doente, faltarem-lhe todos os recursos, remedios e dieta.

E' prejudicial, e a todos, a carne de porco manso ou do matto, *taititú*, fructas embora sasonadas, e expor-se ao rocio da noute, especialmente na estação invernosa é questão de morte

apanhar as primeiras chuvas. Os medicos aconselham banhos todos os dias de manhã cedo e á noute, mas infelizmente por cá sómente se podem tomar nos rios, por falta de agua de nascentes, e portanto, aqui necessita toda a cautella por causa de cobras, raias, jacarés, candirús, piranhas, etc.

Os indios tem mais o inconveniente costume de se banharem após a comida, e até muitas vezes quando estão com o accesso da febre, para refrescarem!

Para substituir a banha de porco no tempero da comida, é preferivel a manteiga de tartaruga, de que já fallámos, e que não deixa de ser mais saborosa.

Ao escurecer encostamos para preparar a ceia e accommodarmo-nos até ámanhã seguir viagem, n'um pequeno lugar onde havia uma barraca de palha abandonada, coberta totalmente de trepadeiras; offerecendo vista pittoresca, mas incapaz de se habitar, porque n'estas tapéras costumam viver as viboras, e não havia pouco que matamos uma das temiveis cascaveis, que, segundo um indio disse, tinha oito annos, porque em cada annel que formava na cauda, contava um.

Foi aqui onde colhemos os melhores ananazes, pois n'este logar os havia em quantidade, porém poucos maduros, assim como muitos cachos de bananas e limões.

Soubemos que este sitio foi perseguido pelos selvagens e a familia que aqui morava teve que fugir, abandonando o lugar.

No dia seguinte fomos atracar na barraca da boliviana Jacoba Vejarano, onde almoçamos, para em seguida partir.

Tivemos ainda que dormir na barraca de um *freguez*, indo no dia immediato ficar no lugar chamado *Liverpool*, do boliviano Isaac Hurtado, d'onde sahimos no dia seguinte de manhã a almoçar na de *Santa Rosa* e fomos pernoitar no lugar *Carmen*, propriedade de Tristan Roca, tambem boliviano, que fica junto á ilha *Sant'Anna*, um pouco acima da foz do rio *Geci-paraná*.

Este rio está collocado a 9° 19'-9'' lat. e long. 21° 42'-20'' do Rio de Janeiro.

Acima d'este lugar foi onde os *caripúnas* mataram traiçoeiramente o boliviano Gregorio Soares, que alli passava com sua canôa.

Carmen, é um lugarsinho risonho e pitto-

resco, d'onde se disfructa o rio até muita distancia.

Encontramos aqui bellos cajueiros carregados de fructa, de cor amarella e encarnada, de succo adstringente, excellente, para limonadas.

A amendoa ou semente, que nasce adiante do pericarpo, parece um feijão grande. Na Africa portugueza dá-se perfeitamente esta arvore.

Sobre a utilidade do cajueiro na industria, escreve o seguinte um distincto chimico industrial de França, tratando dos mordentes de tinturaria:

«O melhor dos mordentes conhecidos para os pannos pretos, é sem duvida o cosimento das cascas das amendoas de um fructo que existe na America do Sul, conhecido pelo nome indigena de cajú. Estas amendoas não só dão ao panno um mordente muito mais seguro e mais nitido do que as galhas, como comparadas com estas em quantidades eguaes, lhes excedem quatro vezes em tanino. Este genero, ainda que assás preferivel, não concorre ao nosso mercado nem me consta que os naturaes d'essa região façam esse genero de commercio.»

Um viajante illustre, que percorreu grande parte do Brazil affirma tambem que a resina do cajú é optima para substituir a gomma com que os encadernadores collam os livros, pois tem a propriedade de ser respeitada pelos insectos, que se envenenam com a absorpção d'ella. Gonçalves Dias, no seu *Diccionario da lingua tupy* confirma tal opinião, accrescentando que essa resina já era, no seu tempo, empregada para tal fim no Maranhão, terra natal do poeta.

E' bom que os nossos agricultores fiquem sabendo que, além de prestar o fructo d'essa arvóre para doce, xarope e vinho, podem lucrar com a arvore nas referidas applicações industriaes.

Ha tambem aqui lindas plantas de algodão, desprezadas, nascidas ao acaso, e, no entanto, podia elle dar margem a uma industria importante, e de pouco cuidado, visto que vejeta por todo o Amazonas sem a menor cultura. Ha diversas qualidades; o herbaceo e o arbusto gossypuim indico, ou algodão arvore, sendo este o que temos visto pelo maravilhoso valle amasonico.

Dizem que a primeira qualidade é a mais apreciavel e productiva, sendo planta annual

que não cresce mais de quatro palmos; o chamado arbusto, que permanece na terra até dez annos ou algodão arvore, que por aqui se encontra despresado, cresce até tres e mais metros.

Os mexicanos já no tempo de Montzuma, penultimo imperador indigena do Mexico, cultivavam o algodão, e Cortez levou d'aquelle imperio alguns pannos a Carlos V, e nos seculos X a XIV, já em Cordova, Granada e Sevilha, se fabricavam fazendas d'este genero, tempo em que Veneza e Milão começaram tambem a tecel-o, vindo da Asia e Syria; emquanto na China só trabalharam n'elle desde 1318, e nos Estados Unidos apenas no ultimo terço do seculo passado é que Elinhiney ahi desenvolveu esta industria.

No Brazil, como em Africa, só nos fins do seculo tranzacto é que d'elle fabricaram em larga escala, sendo comtudo uma industria tão antiga, que, conta Herodoro, já os indigenas, quatrocentos annos antes de Christo, usavam d'elle.

No Egypto e Arabia estes tecidos eram tambem já conhecidos de tempos remotos.

Pertence á familia das malvaceas. As capsulas ou casulos, abrem-se na epocha da matura-

ção da semente, e então se vê que suas fibras adherem por uma extremidade á periferia das sementes do tamanho de um quarto de ervilha.

Sem duvida é originario das Indias.

As folhas e flores são emollientes, e nas menstruações difficeis emprega-se aqui a infusão dos caroços ou sementes; sendo tambem a raiz diuretica, bem como a infusão das flôres e folhas se applica nas dysenterias e irritações pulmonares. A sua flôr é uma rosa branca singela que toma tom colorido quando se approxima a murchar. Na Andaluzia, em Cadiz, vimos nas praças publicas lindos algodoeiros em flor.

N'algumas provincias de Hespanha vegeta perfeitamente, como na Persia, Turquia e Italia.

Pelas suas flores é um bonito arbusto para jardim.

O proprietario d'este logar, D. Tristan Roca, nos recebeu com muito agrado, offerecendo-nos, em honra de nossa chegada, alguns *guainos* e um *baile suelto* á moda de sua terra, que muito nos pareceu uma imitação do fandango hespanhol; e é provavel, visto que os bolivianos, d'estes conservam usos e costumes, especial-

mente os naturaes de Santa Cruz de la Sierra, cidade fundada por aquelles.

Nos bailes familiares, existe o costume de *obligar*, geral em toda a republica boliviana e nas demais limitrophes, consistindo em que a pessoa *obligada* bebe uma quantidade egual á que bebeu a offertante, podendo aquella *obligar* a outra, e assim vae correndo a roda, com risco pelas repetições, de turbação de cabeças. Entre os indios chega a tal ponto este costume, que resulta por fim, em embriaguez e pancadaria.

A orchestra constava de harmonica, rebeca e violão, e, de quando em quando, *os mosqueteiros*, pessoas que de fóra assistem ao baile, ou mesmo as do baile quando não dançam, batem palmas a compasso do baile, cantando.

O senhor Roca, teve a amabilidade de nos brindar com algumas vagens de baunilha, de que tem varios pés no seu quintal, onde os vimos com fructo, enredados n'umas laranjeiras, pois são plantas tão trepadeiras como é a hera em Europa, e como ella tem gavinhas ou raizes adventicias, servindo-lhe para se segurarem na arvore por onde se enroscam, e para por ellas se alimentarem, pois que, mesmo cortando

AMAZONAS — FLORIDA

Dezenho do natural de Bernardo da Costa e Silva. *Gravura de Caetano Alberto.*

a baunilheira por partes, continua vegetando, devido a estas raizes que lhe ficam ainda sugando o tronco que as sustem.

Para se não rachar a vagem, e perder, por conseguinte, o succo d'onde provem o aroma, devem-se colher um pouco verdes e seccar na sombra, cobrindo-as com alguma camada gordurosa; e depois se guardam em vasilhas hermeticamente fechadas, com assucar em pó para as conservar.

Tem este senhor um bom *seringal*, e vimos no seu logar um pessoal de indios como ainda não temos notado n'estas cachoeiras.

D'aqui seguimos para *Florida* cujo lugar collocado n'um alto, se avista d'este, o qual aqui reproduzimos na gravura respectiva.

Junto ao porto de Florida, anteriormente chamado *Santa Cruz*, corre um igarapé de agua limpida, e na bocca pesca-se em diversas epochas, sendo tanta a abundancia de peixe, que a fazem a tiro.

Atravessa este arroio uma ponte natural, um grosso páu que cahiu da margem esquerda.

Aqui, de manhã, apparecem quantidades infinitas de uma qualidade de papagaios a

que chamam os bolivianos *taréches*, cujo bico é mais arqueado e feio do que os dos communs. São difficeis de domesticar e nunca chegam a fallar.

Encontramos aqui muitos indios bolivianos doentes de febres, que ha pouco haviam chegado de seus povos, para o fabrico da gomma elastica.

Temos notado haver n'este lugar muitos arbustos de *anil*, que nascem expontaneamente por qualquer parte. Foi em tempos uma industria importante, a do anil, pois em 1786 a 1797, forneceu o Brazil ao laboratorio de Lisboa, de conta da fazenda real, dez mil e tantos kilos, e a cultura particular chegou, no mesmo periodo, a mais do que isso.

Hoje ninguem faz caso d'elle, no Amazonas, porque a borracha supplantou-o, como ao cravo, etc., mas em 1787, era elle objecto de recommendação official, pois n'esse anno o ministerio da marinha e ultramar, officiou ao governador da capitania do rio Negro (Manáos), animando essa industria e fornecendo a formula de seu fabrico.

Os indios servem-se do anil bravo para envenenar o peixe nas aguas.

Temos gasto de Santo Antonio aqui, sete dias de viagem; em montaria, bem tripulada, são tres, e d'aqui para baixo, da mesma forma, fazem dia e meio, conforme as correntezas da enchente.

As noutes tem estado de um luar aprazivel, deslumbrando-nos com a vista phantastica das florestas prateadas pela lua, reflectindo nas aguas espelhando-as, luar que temos aproveitado para navegar, livres do ardente sol e da praga dos mosquitos e quejandos.

Pela vez primeira vimos aqui o preparo da borracha. A força da colheita, começa depois do mez proximo, em que os igapós e estradas (veredas dos seringaes, abertas a terçado), estão já enchutas das aguas da inundação periodica.

A arvore chamada vulgarmente *seringueira*, (porque d'ella se extrahia a gomma com que se fizeram as primeiras seringas de borracha), é a *siphonia elastica* da sciencia, donde provem a principal riqueza do val do Amazonas e Pará.

E' indigena dos lugares humidos e alagadiços, vive sem cultura alguma e vegeta no emaranhado matto virgem. O *seringueiro*, o extractor, para colher o seu producto, apenas tem por trabalho abrir uma *picada* ou vereda, para

seguir ao lugar onde se acham as arvores, que por serem semeadas pela natureza, estão em geral, a bastante distancia umas das outras; então chegando-se á arvore, dá-lhe o seringueiro um golpe, ou mais, com um pequeno machadinho apropriado, que leva de casa, conforme a circumferencia da arvore pode ou não supportar estas *sangrias*, deixando a aparar a seiva uma tigellinha de folha que espeta por baixo perto do golpe, e se ésta de barro, segura-a á arvore com a mesma materia, que leva para tal fim. Este processo sendo menos prejudicial á arvore, é, comtudo, menos adoptado, por mais *trabalhoso*.

O extractor, ou *seringueiro*, levanta-se pela manhã cedo, e depois de tomar o seu café e seu trago de *cachaça*, finalmente depois de *matar o bicho;* — marcha para a *estrada* com um balde de folha ou uma lata de dois galões que foi de kerosene, ou de dez libras se era de manteiga de porco; e de machadinho na mão, terçado á cinta e arma ao hombro, lá vae sugar a arvore.

Como junto da siphonia já tem as *tigellinhas* (porque a cada arvore é anticipadamente distribuido o numero de tigellas que ella pode

necessitar nos golpes, — a que chamam *intigellar a estrada);* — dá o golpe e deixa a vasilha espetada por baixo d'este; e assim caminha golpeando as arvores, de que resulta, como vimos, estas estarem cobertas até á altura em que recebe os cortes, de cicatrizes ou borbulhas; pois todos os dias são repetidos em diversos lugares.

Depois de haver assim *cortado* toda a *estrada,* que nunca é de menos de cem *páus,* (arvores), volta á primeira a recolher das tigellinhas o leite depositado, que despeja no *balde,* até que, ultimando a *estrada* com esta operação, torna á barraca, onde vae no defumador, solidificar o leite.

O *defumador* é uma tosca barraca de palha onde se acha um ou mais tubos de barro, conforme os seringueiros que ha; a este tubo chamam *boyão.*

E' do feitio de uma cabaça, e em baixo tem um pequeno orificio lateral. Ha-os tambem de ferro em forma afunilada, menos usados.

O fogo é alimentado com caroços da palmeira *inajá* ou alleluia excelsa, que teem a vantagem de fumegar muito.

Então, em cima do fogo, collocam o *boyão*, sahindo a fumareda pelo orificio de cima, e d'aqui provem — *defumador* — nome que dão a esta barraca, onde fazem este trabalho, á qual fecham a porta, unica que tem, para o vento não penetrar distrahindo o vapor da fumaça. D'aqui nascem mil enfermidades a estes preparadores, porque necessariamente o fumo opprimido suffoca-os e hade affectar-lhes os pulmões.

Quando o *defumador* fica envolvido em densas nuvens, está nas condições precisas para condensar o leite.

O seringueiro sentado, mergulha então uma especie de pá, n'uma bacia de zinco, onde previamente despejou a seiva, e levando-a ao fumo em cima da bocca do boyão, depois de lhe derramar na pá uma *cuiada* de leite, condensa alli esta primeira camada, e assim successivamente, ficando por conseguinte, acamadas as cuiadas do liquido formando a *bolaxa* ou *pelle*, que attinge o tamanho que se deseja dar-lhe, pezando algumas arrobas.

A nossa gravura *defumador da borracha*, dá uma ideia do que acabamos de descrever, devendo porem notar-se, que, a defumação é feita dentro da barraca ou defumador, á porta fe-

Dezenho do natural de Bernardo da Costa e Silva. *Gravura de Caetano Alberto.*

chada, como já dissemos, é que os manipuladores fazem este serviço sentados e não em pé como por descuido dezenhamos na gravura; bem como os boyões são de menor tamanho d'aquelles que n'ella se notam.

Uma d'estas pelles já foi vendida no Pará, por dois contos de reis, porem foi feita sobre espeques no defumador, por não ser possivel fazel-a na pá, a braços.

A bolaxa é depois tirada da forma, para o que lhe dão um golpe na parte superior, da largura conveniente para a desprenderem pelo cabo da pá. E' em seguida marcada, por estar ainda branda a gomma, e portanto recebe perfeitamente a impressão. E' posta então a seccar ao sol.

Alguns marcam a fogo, mas esse processo só tem lugar depois de secca, exhalando então um cheiro nauzeabundo a borracha queimada, capaz de fazer vomitar a todo aquelle que não está acostumado a tal olfacto.

A mesma sensação se observa nos trapiches do Pará, onde desembarca, e nos armazens.

A borracha chamada *entrefina* é aquella que fica mal preparada e com póros; tem menos valor.

A chamada *sernamby*, é a que, desviando-se da tigellinha, se derrama pelo chão, onde por si mesmo se solidifica, e por isso é mais impura porque sempre involve corpos estranhos, motivo da depreciação; ou é formada do leite que a arvore derrama das feridas pelo tronco e que por si se condensa ou dos restos que ficam nas bacias do defumador.

N'algumas partes costumam exportar a seiva liquida em garrafas hermeticamente tapadas, composta com amoniaco, mas este systema, como o de solidifical-a por outras diversas formas, não tem sido apreciado nos mercados, d'onde acham mais conveniente a preparação pela forma que deixamos descripta, e que é a primitiva.

A altura da arvore, regula de 15 a 20 metros por 1 a 3 de circumferencia, e são desempenadas; tem peciolos longos, com tres folhas ovaes, sobre compridas; o seu fructo é composto de tres cellulas lenhosas esphericas, e as sementes são muito oleosas. Pertencem á familia das euphorbiaceas (Linn). Ha varias qualidades. Dos fructos extrae-se oleo que suppre o de linhaça, e serve, composto, para fabricar tinta typographica.

Os selvagens *cubebas*, conhecem a arvore da borracha pelo nome de *cau-uchu*, de que os francezes fizeram caout-chouc; porém ha uma outra arvore que só se encontra nos terrenos altos, ao contrario da verdadeira arvore da seringa, — a que os sul americanos dão o nome de caucho, cujo producto é o mais inferior de todas as qualidades da borracha, de menos valor que a sernamby.

Estas arvores não são *picadas* para se extrahir a seiva, e sim derrubadas; de forma que não tardarão a desapparecerem.

O mesmo acontece com a copahybeira, arvore d'onde extrahem o oleo d'este nome.

Esta não é derrubada, pela sua grossura, porém lhe dão uma incisão que por ella se esgota de tal forma que fica exhausta de succo e morre, e muitas vezes é a propria arvore que, regorgitando de vida, rebenta, derramando o oleo.

Para lhe receberem a seiva, juntam ao tronco, no lugar do corte, garráfões ou vasilhas de lata, correndo a materia para dentro d'estes por tubos que adherem á arvore com barro, ou, se estes de folha, espetadas na casca.

Uma arvore regula dar vinte e quatro litros.

Os indigenas usam d'este oleo como balsamo, para curar feridas de instrumento cortante.

Mas voltamos á gomma elastica:

Só em 1736 é que começou a ser conhecida na Europa, cuja propagação se deve a Carlos Maria de la Condamine, sabio e militar illustre, francez.

Os inglezes chamam a esta gomma, raber, isto é, *india rubber*, raspador da india ou indiano, por haver sido da India, que receberam a primeira que applicavam unicamente em raspar os traços de lapis, cuja descoberta se deve ao portuguez João Jacyntho de Magalhães, descendente do grande Fernan de Magalhães.

A borracha sernamby, não ha muito que não tinha valor, nem se exportava, servindo apenas aos tapuyos e indigenas para luz ou facilitar o accender da lenha nas derrubadas.

Um *regatão* porem, que andando com sua canôa, de barraca em barraca, vendendo mercadorias, na falta de pagamento em moeda ou genero mais lucrativo, lembrou-se de receber em premuta a borracha sernamby, e remettendo-a para o Pará, teve ella tal acceitação que

continuou a ser exportada até hoje, de fórma que, este *regatão* é credor d'esta util lembrança, e hoje orgulha-se com o appellido de *Sernamby*, nome por que todos o conhecem n'este rio Madeira, provindo-lhe de, ao chegar com sua canôa a qualquer porto de barraca, de dizerem os moradores: ahi vem o *seu José do Sernamby*.

E' natural de Portugal, e hoje vive na villa de Humaytá.

Este individuo tendo sido quando rapaz, aprisionado pelos indios de uma tribu, foi por ella poupado, e vivendo entre elles aprendeu o dialecto d'ella, sendo escolhido para tucháua ou chefe, mezes depois, casando ou ligando-se com uma filha de um capitão d'elles, resignando-se a supportar as provas que é de uso entre os namorados em vesperas de união, que consistem em metter em uma ou duas bolças de palha tecida, que se acham cheias de formigas fenenosas, como n'outra parte já descrevemos, um ou os dois braços nús, e o paciente soffre todas as horriveis mordidellas durante meia hora o menos, de cara alegre cantando e dançando em presença da tribu e da sua destinada, os quaes então avaliam de sua coragem se elle dá mostras de satisfação ou dor.

Assim são tambem as provas ou exames para obter a patente de tucháua.

Passada a hora marcada é suspenso o sacrificio, depois de o pobre homem soffrer uma febre tremenda, proveniente das picadas que lhe inflammaram os braços; e então é por todos comprimentado e carinhosamente cuidado.

Um mez depois a noiva é entregue ao heroe, e as duas bolças das provas são dependuradas em um dos caibros da barraca onde vivem os recem-casados, como prova de seu valor.

O preço por que é computado cada kilo de borracha no Pará, varia conforme as circumstancias e qualidade entre 1$500 a 5$000 reis.

A quantidade de seiva que pode dar cada arvore, tambem differe muito em attenção á qualidade da seringueira e terreno onde se acha,

A primeira exportação de borracha para o estrangeiro, foi feita em sapatos e seringas.

Este logar de Flórida, como dissemos, tem uma pittoresca vista de rio. Quando estivemos aqui em 1882, as barracas corriam em linha parallela com a margem, formando do lado de traz uma praça, onde constantemente se viam

indios bolivianos e indias como se fôra em um pequeno povo, lidando.

A primeira barraca era o deposito de mercadorias, loja e escriptorio, e a do centro a residencia dos donos do logar, tambem bolivianos, sendo a ultima ao fundo, habitada pelo guarda livros, então na gerencia da casa, o nosso patricio D. Bernardo, que não se poupou a esforços para se nos tornar util em informações, obsequio que aqui gostosamente registamos, sentindo hoje sua retirada.

Junto á sua habitação tinha um quintal com parreiras, figueiras, horta e jardimsinho com algumas flores e plantas de sementes que mandava vir de Europa e que se esmerava em cultivar, como craveiros que tão melindrosos são n'este clima.

N'este logar havia tambem algum gado vaccum e poucas cabeças de lanigero.

Pernoitamos aqui, n'essa epocha, a convite de D. Bernardo, que no dia seguinte nos convidou a uma pequena viagem em montaria, por um igarapé, a uma das barracas do centro onde tambem se occupam no fabrico de borracha.

N'esta barraca denominada San Juan, nota-

mos que umas indias, por meio de alfinetes, tratavam de extrahir dos dedos dos pés, talvez alguns espinhos, porém fomos informados que não era o que julgava-mos e sim uns bichinhos chamados niguas, insecto muito commum n'estes logares, promovendo bastante incommodo e coceira na parte onde se introduz, formando inchação e calentura o deposito ou ovario, que a femea ali deposita, sendo então necessario extrahil-o pela forma que vimos.

Talvez estes insectos sejam oriundos de Angola, trazidos pelos pretos escravos, a cujos animaesinhos os joloffos chamam *giga*, os bujagós *burburi* e os mandingas *timbolo*, na Africa.

No entanto em Guiné, onde este bichinho é flagello, crê-se elle oriundo da America, mas aqui não é tão offensivo como lá, porque passado o tempo necessario para o desenvolvimento dos novos insectos, cahem por si.

Aqui nos mostrou D. Bernardo a planta salsaparrilha, que mandou apanhar na floresta para nos fazer conhecer. E' arbusto trepante e suas folhas muita semelhança tem com as da hera da Europa; é ornada de espinhos recorvados, e dá umas bagasinhas esphericas de côr violacea. A raiz que é a parte util na medicina,

é comprida e delgada, muito flexivel, e composta de muitas ramificações. Ha diversas qualidades, sendo algumas despidas das virtudes medicas, pelo que é necessario conhecel-ás no commercio para não ser enganado.

O seu merito principal é na cura da syphilis, e por aqui muita gente a toma como chá ou de infusão, em cachaça para *matar o bicho*.

Aqui nos foi servido café com leite vegetal, da arvore massaranduba, com o qual tambem se fabrica borracha, mas que não se utilisa em tal mister pelo pouco producto e inferior qualidade d'esta seiva para a preparação da gomma.

Lembra-nos ainda que quando estivemos aqui, D. Bernardo, mandou retirar os rapazes com a montaria, que nos levou ao centro, e nós armados de rifles fomos por terra para atirar-mos a uns papagaios.

Ao passar-mos por detraz de uma barraca abandonada, elle, deparou com uma onça junto de uma arvore meia secca, onde se achava uma preguiça.

Paramos immediatamente engatilhando as armas, justamente no momento em que a onça presentindo ruido, se poz na escuta, emquanto

a pobre preguiça parecia supplicar-nos protecção.

O nosso amigo disparou e feriu a onça que não podemos mais alcançar por se haver lançado a um igarapé que junto corria, porém apanhamos a preguiça que para não desmentir seu nome, não fez o menor movimento — por preguiça.

Eram dez horas da manhã quando chegamos a casa, onde nos aguardava um almoço de peixe frito á alfacinha, graças á horta do nosso patricio, — alface, pepinos e rabanetes.

Neste lugar nos demoramos um dia a pedido do mesmo senhor, com o fim de assistirmos a uma festa dos indios da casa, ou *velada*, que começou n'uma barraca que servia ad-hoc, de capella, onde pela noute se fizeram ladainhas, cantadas por um indio velho, estropiando latim, lendo em um velho alfarrabio, e entoadas pelos demais ao som de rabeca, caixa de rufo e do ayarichi, *bajon*, instrumento de voz baixo profundo.

No altar, preparado em cima de um caixão coberto com toalha, ardiam algumas velas, e de quando em quando, de mão em mão e de bocca em bocca, passava a garrafa de cachaça.

A ladainha ou *velada* terminou por fim, e, nós esperamos com anciedade o dia seguinte para assistirmos á procissão.

Todos os logares habitados por bolivianos, tem no terreiro uma cruz grande, de madeira, onde em certas epocas costumam fazer suas festas, especialmente no dia do patrono do povo a que pertencem; sendo porem a demais apparato e respeito, a da semana santa, occasião unica, em que não se embriagam.

Neste dia enfeitam a cruz e formam junto d'ella um altar; e na barraca onde se acha o Senhor morto, estão dois indios, que se rendem fazendo sentinella, de armas em funeral, que são as suas espingardas caçadeiras, e no dia da procissão, vão todos acompanhar o enterro em guarda d'honra com as armas no mesmo respeito funebre, ou com os emblemas da occasião, escadas, lanças etc., marchando a passo grave.

Nas outras festas, costumam dançar dois d'elles, enfeitados de pennas, especialmente na cabeça e cintura e com um lenço na mão e guisos nas pernas, em frente do santo, dando mil voltas, gestos, e tergeitos ao corpo, curvando-se etc., e sempre estes movimentos acompanhados do lenço, durando porém, tanto tempo esta

dança sem variedades, que se torna enfadonha.

Se ha procissão é ella composta de quantos santos em paineis ou imagens arranjam; segue-se o baile, geralmente cantado em sua gira, onde costumam tambem fazer improvisos em louvor das pessoas que se acham presentes, obsequio com que algumas vezes fomos honrados por raparigas, que no meio de tudo, largavam seus gritos em coro, palmas e voltas, saltando, mas de que não comprehenderiamos palavra se não fossem ellas traduzidas por pessoas presentes que as entendiam.

Já se vê, o baile ou festa, dura emquanto ha aguardente ou chicha, esta que preparam em quantidade para a funcção.

Hoje, a disposição em que se acha este lugar, é diversa da exposta na presente gravura.

Já não encontramos a horta e jardinsinho do nosso amigo; aqui, nestas regiões, assim como prompto a natureza desenvolve tudo, assim mata, se não se cuida; parreira, figueira, etc., tinham seccado. Então nos recordamos d'uns bellos figos pretos e dois cachos de uvas da mesma côr, que D. Bernardo nos havia offertado conjunctamente com melões, melancias e até

um repolho, hortaliça rara, que só o muito cuidado do nosso amigo podia obter que vegetassem aqui.

As uvas differem em gosto, das europeas, e a pellicola é grossa bastante, mas as vides carregam pasmosamente.

Agora, apenas démos uma volta por este lugar, á procura do que então tinhamos visto, e que não encontramos, e depois de tomar-mos café retiramos, saudosos d'então.

Poucas horas depois achavamo-nos a perder de vista Flórida, quando fomos despertados pelo ruido da cachoeira proxima.

A vista de Flórida que aqui reproduzimos, foi tirada na primeira viagem que aqui fizemos ha annos.

Cachoeira Caldeirão do Inferno, é um verdadeiro caldeirão, onde as aguas parecem andar em fervente cachão.

A agua faz aqui diversos redemoinhos que bastante perigosa tornam a navegação, sendo tambem muito forte a correnteza.

Logo na entrada estivemos em risco de afundar-se-nos o batelão, porque sendo tirado á espia, esta arrebentou, tornando-se necessario

empregar bastante força, todos nós, para o segurar na vertiginosa descida que tomou, mas felizmente, podemos contel-o com a segunda espia de reserva que nos ficára.

Esta cachoeira, dista dez leguas da seguinte.

Encostamos, finalmente, do lado superior da cachoeira a descançar das fadigas que passamos na subida tão trabalhosa do Caldeirão. Aqui, fizemos fogo e preparamos o almoço, entretanto que o nosso *patrão*, dono das canôas, disparou alguns tiros para o ar.

— Que ha? perguntamos nós.

— Desejo apresentar-lhe os meus *amigos caripúnas*.

— Os caripúnas! Pois o senhor tem relações com esses selvagens?

— Descance, não lhe hade succeder nada, disse elle; sou eu o unico, e gabo-me d'isso, de estar em boa paz com elles.

Por cauza das duvidas, aproximamos de nós o nosso inseparavel rifle Winchister, quando pela floresta vimos sahir em direcção á praia, os taes bugres.

Não traziam frechas ou signal algum de guerra.

Estavam completamente nús, apenas um ou outro vestia úma calça, outro camisa etc.

Alguns haviam tambem com chapeus, mas segundo o nosso *patrão,* usavam d'estes vistuarios de gala, sómente quando tinham de fazer alguma visita.

Nas mulheres, nem sequer se via uma folha, evitando a vista do distinctivo do sexo, tendo os cabellos desgrenhados, porém cortados por cima da testa, em forma de pastinha, e longos nas costas; e os homens amarravam o cabello com uma enbira, junto á nuca, e todos enfeitados n'elle de pennas de arára, papagaio e outras aves.

Estes selvagens vendem as suas proprias mulheres e filhos, por cachaça ou outros artigos de seu agrado. O *patrão,* para nos demonstrar este facto, contractou a compra de uma rapariga nova, mulher de um velho, que, talvez por não poder soffrel-a, tomou o expediente de a vender, e a pobre rapariga, achou isso tão natural que não protestou, quando o nosso patrão, para nos demonstrar até á evidencia estes factos a fez metter na canôa, d'onde depois de nos convencer da verdade, a mandou entre-

gar ao indio, que teve que aguentar a trouxa para seu castigo.

Não se dão com todos os viajantes, mas com alguns, como com o nosso patrão; prestaram-se até a ajudar a arrastar a canôa e carregar mercadorias, na proxima cachoeira de *Giráu*, distante d'esta de Caldeirão, uma legua, com mira de lhes pagar em aguardente de que são afamados bebedores; e quando a não tem, fazem do milho, mandioca, arroz (quando lh'o dão), bananas, etc., uma bebida fermentada, para suas libações. Vimos ali uma canoita feita por elles de um só tóro de madeira, cavado, a que chamam *ygára* ou *ubá*.

A troco de sal, que nem todos usam, nos deram bananas e algumas setas, promettendo leval-as a *Giráu* porque não as tinham trazido comsigo.

Usam a cara mascarada de vermelho, talvez pelo *úrucú*; as orelhas e o nariz furados e com aros pendentes, pennas ou outra cousa que lhe pareça proprio do lugar, e que julguem enfeite. Na cabeça usam uma especie de rodilha embellezada de plumas, porém cahidas, as de traz, sobre a nuca. — Deram-nos uma.

As mulheres, na occasião de dar á luz, mettem-se no matto onde preparam o ninho de folhas de palmeiras e hervas macias, coberto com ramadas, ou mesmo palha que preparam com a devida antecedencia; na hora do successo fecham-se sós dentro, tapam a entrada, deixando apenas uns buracos por onde o marido observa o parto! Teem idolos, pedaços de madeira polida, e para cada enfermidade ou genero de plantação, não serve o mesmo, pois que para a sementeira do milho tem um, para a nascença outro, para a colheita outro, etc.

Aqui uma india nos vendeu um lindo papagaio por cachaça, o qual embalsemamos, como temos feito a diversas aves e reptis, pela impossibilidade de conduzil-os vivos; de forma que o nosso batelão já rivalisa com a arca de Noé.

Deixamos aqui a formula do embalsamento, para o viajante que della se quizer utilisar, e que tão util é para quem anda por estes sertões.

Enche-se a pelle dos animaes com algodão e para evictar a traça emprega-se o sabão essencial pela maneira seguinte: agua destillada 32 partes, acido arsenioso, idem; sabão, idem;

cal viva 4; carbonato de potassa, 12; camphora, 1.

Ferve-se a agua com acido arsenioso e o carbonato de potassa.

Nesta dissolução ajunta-se depois o sabão em bocadinhos, e mistura-se a camphora e cal.

Para a conservação se tornar mais duradoura, é conveniente involver o animal em pó de myrrha.

Tambem se conserva pela formula Vafflard, com pós de madeira, serradura e acido phenico, burrifando-se aquella com este liquido.

Como se encontram por aqui muitas plantas, principalmente flores que desejamos conservar, damos aqui tambem a formula que mandamos preparar para este fim.

Em 1.500 grammas de agua ebulliente, dissolve-se 50 grammas de alume, 12 de sal marinho, 6 de salittre, 30 de potassa e 5 de acido arsenioso.

Resfriado filtra-se e ajunta-se por cada 5 litros de liquido inodoro e incolor, 2 de glycerina e meio de alcool methylico.

As plantas ou animaes que se desejem conservar, mergulham-se de modo que fiquem bem saturados, e para as ter seccas, devem mergu-

lhar-se naquelle liquido por espaço de 6 a 12 dias, attendendo ás dimensões dos animaes ou das plantas ou flores; e tirando-se então deixam-se seccar ao ar.

E' este o methodo do dr. Wicherschenner, prussiano, de que nos temos servido tambem.

Como já dissemos n'outra parte, estes indios são muito traiçoeiros, mas nós estavamos prevenidos, ainda que elles não tinham as suas setas; são egualmente mui pedinchões e tudo quanto vêem querem, promettendo isto ou aquillo, por troco, mas se o viajante cae na asneira de lhe dar o que elles pedem sem primeiro receber o objecto de permuta, pode ficar certo que não lh'o entregam mais, procurando evasivas e pretextos descarados, qnando se lhe pede o cumprimento da proposta, até que o logrado, desanimado, não trata mais instar.

São amigos de se vestirem, mas não sabem conservar a roupa, nem a limpam; não obstante o nosso patrão diz que já vio um d'elles lavar a camisa com a casca de *jucá* a qual effectivamente tem as propriedades do sabão, que naturalmente algum viajante lhe ensinou. São demasiadamente immundos, a roupa que lhe dão acaba em farrapos, por lavar, recusando o sa-

bão, riem-se quando se lhe offerece, mas não o acceitam, posto que conhecem a serventia que nós lhe damos.

Conhecedores, portanto nós, das manhas d'elles, offerecemos a um uma garrafa de cachaça em troca de setas, elle ia deitando a mão á vasilha, naturalmente para se safar com ella, mas vendo que lh'a não largavam, fez entender que esperassemos que ia trazel-as, e partiu a correr para a floresta.

Entretanto preparamo-nos para seguir para *Giráu*, e os indios prometteram de ir por terra ajudar ahi.

Cachoeira Giráu. — Effectivamente, quando aqui chegamos já elles nos esperavam, e ao encostar, o primeiro que se aproximou foi o indio com as flechas, pedindo a garrafa de cachaça, que immediatamente lhe foi entregue e que elle se apressou a levar á bocca e a aliviar a vasilha da carga, talvez em uma terça parte, quem sabe, se para averiguar se nós o enganavamos com agua, como lhes tem succedido; mas vendo que era realmente a desejada bebida, sorriu-se e lambeu os labios tapando a garrafa.

Ali, effectivamente, ajudaram a arrastar a

canôa e a levar carga por terra, no *varador*, cuja extensão é de 350 braças, metade subida, e parte descida; sendo necessario usar da precaução de os fazer acompanhar por um empregado para evitar os roubos, porque são desavergonhadamente ratoneiros; e ainda, assim, o nosso patrão, não lhes confiou os garrafões e caixas de licores, porque elles já estão tão destros, que conhecem as caixas de cognac, vinho etc.; e quando não são vigiados, escondem-as no matto onde as vão buscar logo após a retirada do dono.

Ao subir para aqui o capitão general Luiz Pinto de Souza Coutinho, depois visconde de Balsemão, a tomar posse do governo de Matto Grosso, achou este lugar a proposito para nelle fundar uma colonia com indios pamas e escravos da corôa, para auxilio dos navegantes, estabelecendo-a em 1799, sob a denominação de colonia Balsemão, em recordação de seu solar em Portugal. Esta povoação deixou de existir aqui, trinta e tres annos depois. Suppomos que foi n'este logar que tambem já houve um posto militar fornecido de soldados do proximo forte do principe da Beira, no Guaporé, ou então foi na cachoeira de Ribeirão, cuja deno-

minação era: S. José do Ribeirão, ou de Montenegro.

N'alguns mappas vê-se uma colonia Balsemão, junto a Santo Antonio.

De nada disto ha vestigios.

Esta cachoeira onde é forçoso, como na de Theotonio, passar a carga por terra para o lado superior, necessita tambem do mesmo processo *varar* (arrastar), a canôa pela serra acima para depois a descer ao porto superior.

Está segundo Keller a 9°- 20'-45" S. e 21° 54'-22" O., mas no mappa geographico do Madeira, os antigos lhe deram menos 45."

Aqui embarcamos, despedindo os *caripunas* que ao retirarem-se, fizeram berraria infernal contentados com dois garrafões de cachaça, que o nosso patrão baptisou com agua, para não prejudicar o cerebro aos selvagens, e a elle a bolsa.

Contaram-nos que n'uma occasião destas, uns viajantes em paga de eguaes serviços, deram aos indios, cachaça envenenada, de que resultou a morte de muitos, motivo porque elles hoje estão receiosos e esquivos, desconfiando de todos.

As frechas que estes indios nos deram são

bastante compridas, de taboca delgada e desempenada, aladas; e na ponta teem embutido farpões da madeira chamada paracaúba e paxiúba, outros o tem de espinha de peixe e de ferrões de arraia.

Algumas tribus selvagens costumam envenenar o bico destas frechas, sendo os mais perigosos pela sua dolorosa extracção do corpo, os de farpa, e delles usam os parintintins, de quem já fallamos.

Diversos arcos tambem nos deram os caripúnas, do pau da palmeira paxiúba, e outras com cordas tecidas por elles, com toda a perfeição, e enceradas com cera de abelhas do matto.

De todos os venenos usados pelos selvagens, o curáre é o mais violento.

Haviam-nos dito que o curáre, era composto pelos selvagens com pós de ossos de peixes e de diversos outros animaes, o que tinhamos acreditado porque um cachorro nosso, depois de roer os ossos de um mutúm que matamos, morreu envenenado; porém pessoas de credito nos afiançaram que aquelle veneno é todo vegetal, e preparado pela forma seguinte:

Depois de raspada a casca d'aquelle cipó

e humedecida com agua e bem machucada com ella, deixam depositar os residuos depois de haverem filtrado a agua, e n'este estado põem ao sol a fecula por dias até á evaporação do liquido, levando o amido então á acção do fogo para concentrar o effeito ou propriedade venenosa, que se conserva na massa por muito tempo.

Quando pretendem envenenar as flechas, amolecem a massa e com ella embebem a tacuára ou bico.

Este veneno tem uma acção tão forte e prompta, que apenas toca em ferida, mata instantaneamente, sem dar logar a curativo.

O cipó é conhecido pelos seguintes nomes: curáre, ticuna, uiráry, herva dura e vurara, ou strichnos toxifera, da familia das logoniaceas, segundo Schromburgh.

O antidoto para estes venenos é o chlorureto de soda, sal commum, e dizem que tambem o summo de limão, mas não está provada sua virtude.

O *caripúnas* para se preservarem da picada dos mosquitos e outros insectos, untam o corpo com o oleo de andiroba extrahido da amendoa, que é muito amargo. Serve este tambem

para afastar o cupim e outros bichos dos moveis.

O nosso *patrão* comprou-lhes um casal de jacamins, de côres pretas, e furta côres esverdeadas, suas pennas. São tão mansos, que me diz o comprador, chegam a chocar os ovos de gallinha criando os pintos, e quando se lhe faz afagos abrem as azas e agacham-se em signal de agradecimento e humildade, chegando-se junto de quem os acarinha.

De noute torna-se lugubre seu pio.

Hoje avistamos na margem direita uma grande arvore secca, com um *termes aevium* que se communica com a terra por um tubo da mesma massa, e ao longe parecia figurar um homem de braços abertos. Temos visto outros, em ponto mais pequeno, formadas pelo *cupim*.

No solo, a cada passo, se encontram d'estes montesinhos de barro, alguns da altura de metro e meio, construidos por formigas, a que os indios chamam *tacúrús*.

Temos visto alguns indios mansos usarem da *zarabatana* para apanharem passaros, e como achamos conveniente a ideia para qual-

quer simples viajante ou naturalista, vamos descrevel-a:

E' uma vara oca. Dentro d'este tubo mettem uma setta, a que, na extremidade superior, envolvem uma especie de bucha com o fim de tapar o orificio do tubo e portanto, dar mais força ao ar para repellir a frecha. Outros usam em vez de, por dentro do tubo a setta ou vareta, metter uma bolasinha que sae impedida com o ar que se lhe transmitte pela bocca da zarabatana, não damnificando assim o animal, mas atordoando-o, lança-o a terra. Para caçar passarinhos, é excellente ideia.

Tambem usam envenenar estas settas de fórma que, o animal ferido com ellas, cahe sem sentidos e é então facil apanhal-o, curando-se immediatamente porque só envenena se derrama sangue.

Hoje, temos sido victimas da *mútúca,* a que os bolivianos chamam *tábano,* mosca preta, que parece ter as pontas das azas cortadas, e que férra dolorosas picadas, chegando a ferida a verter sangue.

Só nos falta experimentar a *nigúa,* animalsinho quasi imperceptivel que se mette por entre a pelle, geralmente das extremidades dos

dedos das mãos e dos pés, fazendo ahi seu ninho. Conhece-se pelo incommodo que causa, egual ao das frieiras, comichão e calor. Extrae-se com alfinete, de contrario forma púz e torna-nos incapaz de andar, até que expulse os animaesinhos, como já dissemos. Succede apparecerem as nigúas nas barracas e giráus velhos, d'onde passa para os moradores.

Com rumo S. O. temos seguido duas leguas depois do *Giráu*, agora vamos com prôa a S., faltando-nos oito para chegar á cachoeira *Tres Irmãos*.

Teem cahido choviscos.

Cachoeira Tres Irmãos.—Julgamos haverem dado este nome a esta cachoeira por terem morado ali, ou perecido n'ella, tres irmãos. Indagamos, mas nada apuramos.

Temos chegado, finalmente á denominada:

Cachoeira Paredão. — Vamos passal-a pelo lado esquerdo, entre um estreito canal, marginado de penedos, onde a agua offerece grande correnteza, passagem indispensavel por falta d'outra.

D'aqui são tres leguas a conhecida por *Pederneira*, tomando o rumo O., luctando sempre com a corrente das aguas.

O nome provem-lhe de formarem paredão os penedos.

Cachoeira Pederneira. — Temo-nos sentido um pouco incommodados com dôr de cabeça, percursora das febres intermittentes, mas havemos tomado pilulas de quinino.

Cachoeira Aráras. — Depois de navegarmos sem maior novidade chegamos á cachoeira chamada das *Aráras*, pela infinidade d'ellas que ha por aqui.

Desde que sahimos d'ali tomamos o rumo S. S. O., ficando-nos a foz do rio *Abuná* ou rio Preto, a quatro leguas.

Esta cachoeira fica a 11 leguas da immediata inferior, e cinco leguas da superior, que tem duas leguas de pedregal,

Cachoeira Ribeirão. — Aqui por falta de barraca, fizemos nossa *pascana*, para preparar a comida e pernoitarmos

A palavra *pascana*, significa entre os viajantes bolivianos, lugar onde se acampa, seja para descançar ou cosinhar, sendo muitas vezes necessario fazer-se esta no matto que se limpa a terçado.

Temos passado mil perigos e fadigas, mas finalmente, já pouco nos falta para deixar estes

horriveis precipicios, onde constantemente está a vida em imminente risco.

Ao chegar-mos junto do *rabo* desta cachoeira, encontramos descendo as aguas dois pacotes de borracha e um porta-balaio contendo artigos culinarios, objectos que o dono da embarcação em que viajamos mandou apanhar na montaria da espia.

Colligimos que mais acima teria havido algum naufragio de canoas que desciam com borracha.

Examinando as marcas dos pacotes, D. Nuflo, conheceu pertencerem aos snrs. Suarez & Hermanos, de Trinidad.

Do lado superior da cachoeira encontramos mais pedaços de taboas, certamente da embarcação naufragada que se haveria despedaçado, bem como dois remos e um bahú, que tudo recolhemos a bordo.

N'este lugar, um dos nossos indios tripulantes, foi mordido por uma vibora que se suppõe cascavel, na occasião em que entrou no matto em busca de lenha para cosinhar.

Immediatamente a mão onde foi mordido, inchou, contaminando-se o braço, e não passou a mais porque o patrão lhe applicou logo no

lugar da picada, que mal se distinguia pela inchação, uma injecção de pramanganato de potassa, com uma seringa de Pravaz, segundo a formula do dr. Lacerda, preparando uma solução de cem grammas de agua destillada com uma de pramanganato que applicou em injecção, e passados oito minutos, o rapaz já dava accordo de si, ficando completamente desinchado e curado no dia seguinte.

Na falta de linhaça se lhe applicaram cataplasmas de banana assada rociada com aconito, na mão para alliviar as dores, o que parece seria desnecessario só pelo prompto effeito da solução.

O governo gratificou o dr. Lacerda com trinta contos, por tão util descoberta.

Dizem os indios que o numero de guizos que a cascavel contém na cauda, corresponde ao de annos que ella tem; e effectivamente, quando pequena apenas se lhe nota um, e só mais tarde apparecem outros até á quantidade de quinze, posto que alguns afiançam tel-as visto com mais de quarenta.

As flores da bananeira infundidas em agua e postas ao sereno da noute, são um banho salutar para as enfermidades dos olhos; e o en-

gaço pisado e desfeito na agua e dado em clysteres, é excellente remedio applicado pelos naturaes, na cura das dysenterias; e o xarope das flores é util nas tisicas pulmonares, segundo dizem os indigenas; como a propria *banana* é maturativa e emoliente nos tumores.

No dia seguinte continuamos a viajar para a proxima cachoeira.

Cachoeira Misericordia. — Parece que os nossos tripulantes vão com vontade de chegar a seu destino, pois que algumas vezes deixavam de encostar para fazerem o almoço, contentando-se em tomar *xibé* nas cuias, bebida preparada com agua fria e farinha, a que alguns juntavam assucar; e assim se sustentavam quasi todo o dia.

Esta cachoeira é muito perigosa no tempo das enchentes, pelas fortes correntezas e numerosas pedras que se espalham pelos canaes.

O seu nome indica a protecção que o viajante invoca no perigo da passagem, que seguimos sem novidade, devido á pericia dos nossos tripulantes.

Encontramos n'esta cachoeira tres batelões carregados de borracha que desciam para Santo Antonio, pertencentes ao nosso amigo D.

Ignacio Becerra, o qual senhor nos contou que na cachoeira Madeira, havia naufragado ao descer uma correnteza, uma canôa com borracha que vinha ao cuidado de D. Bernardino Carvajal, de encontro a uns penedos que se acham junto ao canal da passagem, submergindo-se o batelão com algumas saccas de carne secca para mantimento da tripulação, e morrendo afogados um rapaz e uma india, salvando-se os demais, bem como parte da carga de borracha, á qual pertenciam os dois pacotes que encontramos, o bahú e porta balaio, que entregamos.

Cachoeira Madeira.— Seu nome lhe provên dos numerosos paus que por ella passam e s atravessam nas pedras, encalhando.

Aqui tivemos de alliviar o batelão passando-o á espia, apenas com um pouco de lastro.

E' esta a ultima cachoeira do rio Madeira.

A' distancia de dez kilometros, temos a alfandega boliviana, onde vamos registar as guias de carga de transito.

Necessitando um dos batelões um pequeno concerto no casco, aqui passamos um dia até a compol-o, aproveitando nós a demora, para de rifle ao hombro, visitarmos a floresta.

Encontramos pouco distante a arvore chamada páu de arco, madeira muito consistente e apreciada, d'onde, os indios do Amazonas extraem de uma das camadas mais finas interiores da casca, seu *papel* de cigarro a que chamam *tauary*, cigarro a que dão grande comprimento, nome improprio, segundo dizem, porque a madeira assim chamada não é a páu d'arco e sim a de que extraem a estopa.

De certa distancia para dentro, não podemos penetrar devido a grande abundancia de *bambús,* que nos fechavam o caminho. Seu nome scientifico, d'estes, é arundiacia vulgaris.

Perto encontramos um *tejupá,* barraca abandonada, cercada de *capoeira,* matto recentemente crescido onde foi matta virgem, chamado tambem *tapéra.*

Amanhã daremos entrada em territorio de Bolivia.

QUARTA PARTE

DE BOLIVIA Á COSTA DO MAR PACIFICO

BOLIVIA

HEGAMOS finalmente a *Villa Bella*, onde se acha a aduana ou alfandega boliviana, na foz dos rios Beni e Mamoré, onde fazem juncção, perdendo estes nomes entrando, aqui, nas aguas do Madeira.

A foz destes rios, na ilha da Confluencia, segundo o engenheiro Keller, está a 10°-20′ L., e 22°-12′-20″ Lg., do Rio de Janeiro.

Estes afluentes do Madeira, — Beni e Mamoré, tem um curso quasi igual; o primeiro 205 leguas, e o segundo 200, de vinte ao grao, segundo consta dos mappas de limites do seculo XVIII.

O lugar não é desagradavel, mas não tem fama de sadio

O escudo boliviano é o seguinte:

A sua forma é eleptica,

N'elle se vê o sol nascendo por detraz do serro de Potosi, em campo de prata. A' direita do serro está uma alpaca em attitude de subir, e á esquerda um feixe de trigo e um ramo da arvore do pão; por baixo do escudo nove estrellas em campo azul, que representam departamentos. Em cima do escudo vê-se o condôr com as azas entreabertas, pousando os pés sobre dous ramos entrelaçados de oliveira e louro, e dos lados duas lanças com as bandeiras nacionaes, duas peças de artilheria e duas espingardas.

A bandeira é quadrilonga com tres fachas, sendo esta primeira de côr encarnada, a segunda amarella e a terceira verde, tendo na haste tambem um condôr.

A Bolivia foi um dos primeiros paizes da America que iniciou o movimento exclavocata, em 6 de agosto de 1825, rectificado em 1831 e 1840, pelos presidentes Santa Cruz e Velasco; os Estados Unidos já o tinham feito em 1820, Perú em 1827, Mexico em 1828, Venesuela em 1853, Cuba em 1876. No Brasil foi prohibido o trafico em 1831, mas só em 1850 leis repres-

soras o contiveram, ficando o ventre livre em 1871, e abolida em 13 de maio de 1888.

Em Europa o primeiro decreto contra a escravatura foi outhorgado por Portugal em lei de 19 de setembro de 1761, declarando livres todos os escravos entrados n'este reino, desde a dita data, sejam nacionaes ou estrangeiros.

A França seguiu o seu exemplo, pela convenção franceza, em 1794.

A Inglaterra aboliu a escravidão n'algumas colonias só em 1807; a Austria em 1872.

A ideia da abolição geral tambem partiu de Portugal, propondo os plenipotenciarios deste paiz aos de Inglaterra, reunidos para tal fim em Vienna d'Austria em 1815, esta medida, recusando a Gran Bretanha á extinção total, segundo documentos officiaes; de que resultou Portugal extinguir a escravidão em todos os seus dominios só em 10 de dezembro de 1836, posto que em poucas possessões ultramarinas ainda a havia.

O Alto Perú, actualmente Bolivia, pertenceu ao vice-reinado do Perú, até 1778, sendo depois incorporado ao de Buenos-Ayres, tentando sua independencia em 1809, do dominio hespanhol, mas só a conseguiu em 1824, de-

pois da batalha de Ayacucho de 10 de dezembro, ganha pelo general Sucre, columbiano, sob as ordens de Bolivar, terminando então a lucta, tomando o paiz o nome de Bolivia em honra do general Bolivar.

Em 1836, o Perú e Bolivia formaram uma confederação denominada Perú-boliviana, que dissolveram tres annos depois, voltando ambos os paizes a formar republicas distinctas.

A Bolivia tem por limites ao N. e a L. o Brazil; ao S. a republica Argentina, e a O. o Perú e Chile; e a sua população regula de dois milhões e quinhentas mil almas, em uma superficie de 1.222:000 kilometros quadrados; e divide-se em departamentos, que são o Beni, antigo Mojos, capital Trinidad, La Paz, Oruro, Cochabamba, Santa Cruz de la Sierra, Chuquisaca ou Sucre, Potosi e Tarija.

O rio Beni, de que já fallamos a pag. 72, é navegavel em todo o seu curso, com excepção de um ponto onde forma uma pequena queda, a nove milhas antes de entrar no Madeira, na cachoeira *Esperanza*.

E' calculado em oito mil leguas quadradas o territorio banhado por elle.

A profundidade das aguas, varia de vinte

e sete a quinhentos pés, em leito formado de argilla vermelha.

Este rio nasce nas proximidades da cidade de la Paz, no lago Titicáca, dos rios Choquiapillo e Choquiapó, que o formam.

Na foz do rio Altamachi é que recebe o nome de Beni, ficando-lhe na margem esquerda os rios Mapiri e Tipuani, onde existem arvores de quina, bem como no leito de seu tributario, rio Cajones, se acham areias auriferas.

O departamento do rio Beni, comprehende desde a foz d'este rio com o Mamoré, lat. 10°-21′ S., á parallela de 15°-45′ S., que passa o rio Chimoré nos limites a O., o Beni a E., o Brazil pelo Guaporé, e ao S. o departamento de Cochabamba, na serra de San Mateus; occupando esta area sessenta e cinco milhas quadradas.

E' um dos rios do norte de Bolivia que promette grande desenvolvimento pela variedade de seus productos naturaes, sendo o val de Benicita, Yungas e Apollo, muito ricos em minas de ouro, prata, estanho, cobre, chumbo, mercurio, quina, castanha, borracha, cacau, puxury, café, canna, urucú, baunilha, arroz, copahyba, algodão, tabaco, cera, mandioca, salsaparrilha, queijo, gado, etc.

Começa n'este lugar o departamento do Beni, antigo governo de Mojos, elevado áquella cathegoria em 1842, por Ballivian, quando presidente da republica.

Aqui passamos uma noute litteralmente agradavel, obrigada a libações e ternos acordes de violão dedelhado pelo já nosso conhecido D. Nicanor Pozo, acompanhados de maviosos cantos pelas niñas Olinfa e Trinidad, graciosas e sympathicas filhas d'aquelle snr., que tiveram a condescendencia de nos obsequiarem com alguns *guainos* e com o mimoso tango *la joven paraguaya,* que cantavam em dueto, e de cuja musica tiramos copia, como primoroso *recuerdo* d'essa velada deliciosa que a seus lados passamos, em que estas amaveis señoritas se mostraram tão prasenteiras e amaveis, depois de annos que nos não viamos, attenciosas ás nossas sollicitações, cantando e dançando o tão apaixonado *baile suelto,* com os costumados requebros languidos e amorosos, com que sempre se tornaram notaveis e faziam as delicias de seus adoradores, essas duas fadas mimosas que mais uma vez nos deixaram encantados já pelas attenções que nos dispensaram, já pelas suas conhecidas amabilidades e faceirices.

Este importante rio, era conhecido antigamente pelos naturaes, pelo nome de Iruénaúre ou Irimane.

VILLA BELLA

Não passa actualmente de algumas barracas de palha, mas de futuro póde ser um lugar de alguma importancia, se não se levar a effeito, algum dia, a projectada estrada de ferro de S. Antonio a Guajará Miry, porque então, morre completamente.

Na posição em que se acha Villa Bella, desfructam-se os rios Beni, Madeira e Mamoré.

Supponho ter sido n'este sitio onde os portuguezes intentaram estabelecer um forte para defeza das boccas d'estes rios. Em 1772, mandou tambem o marquez de Pombal, fundar n'estas proximidades, uma feitoria que não consta ter-se realisado.

A differença de altura d'aqui para Santo Antonio, é de cem metros.

D'aqui lhes enviamos nossos agradecimentos.

Rio Mamoré. — Vamos, portanto, despedirnos das aguas do rio Madeira, e tomar as do Mamoré, de que já fallamos a pag. 72, cujas vem das proximidades de Chuquisaca, junto á cidade de Sucre, de Bolivia, a quinze milhas das vertentes do rio Paraguay, e desaguam no Madeira, aqui, na ilha da Confluencia, com o Beni, como temos dito.

E' calculado, o territorio banhado pelo Mamoré, em oito mil leguas.

Cachuela Laje. — E' esta assim chamada pelas lages que mostra o lugar, aonde navegamos ainda legua e meia até á proxima.

Cachuela Palo Grande. — Talvez assim chamada por terem ahi encontrado algum pau grande que as aguas arrastassem contra as pedras da cachoeira; e d'aqui, com prôa S. seguimos mais duas leguas.

Aqui, de manhã, paramos para almoçar, e como o patrão deu o resto do dia para os remadores descançarem, nós aproveitamos a opportunidade para caçar dentro de *tucáias,* esconderijos de espera, toscos, de palha de palmeiras, feito na occasião, onde se occulta o caçador esperando a preza.

Apenas matamos um veado.

Na manhã seguinte, seguimos viagem para a seguinte cachoeira.

Cachuela Bananeira. — E' provavel que este nome lhe provenha de haverem por aqui, em tempos, algumas bananeiras.

Cachuela Guajará-miri. — Era n'esta cachoeira onde devia terminar a linha ferrea de Santo Antonio, de que já fallamos ao tratar d'aquellle lugar.

D'aqui seguimos para a proxima.

Cachuela Guajará-assú. — Dista esta apenas um quarto de legua da que fallamos acima; e d'aqui vamos ao porto de Exaltacion.

Aqui terminamos nossos trabalhos pelas cachoeiras, e bem fatigados já nós nos achamos, quanto o estarão os nossos pobres tripulantes, passando setenta leguas encachoeiradas, de Santo Antonio até aqui.

Deixamos de mencionar algumas cachoeiras por serem de menor importancia.

Não obstante os indios nossos remadores terem passado tantos trabalhos, veem-se satisfeitos e prasenteiros, talvez por se acharem perto de suas terras e familias.

Hoje, em regozijo da passagem das ca-

choeiras sem a mais pequena novidade, o patrão mandou dar-lhes um garrafão de cachaça, com que se estão regalando.

EXALTACION

Exaltacion de Santa Cruz de los Cayuvavas, é composta de indios cathechisados e civilisados pelos missionarios, notando-se na povoação poucos brancos.

Tomou este logar o appellido de Cayuvava, de um dos primeiros chefes da tribu, natural d'aqui, e esta tambem assim ainda hoje se denomina.

Notamos que estes indigenas, ainda que em immediato contacto com o povo civilisado, vivem muito separados d'elle. Ideias, sentimentos e costumes, são quasi inteiramente oppostos, observando-se que até na religião, ainda estão muito arreigados ás da sua primitiva, das crenças de seus paes, que hoje se acham mais ou menos envolvidas com a catholica.

Devido a oppressão porque sempre os tem

feito passar, os indigenas crearam um caracter inteiramente indifferente e descuidado, até mesmo nos momentos em que deviam demonstrar alegria e satisfação, pois até quando embriagados, em qualquer diversão, nunca se tornam expansivos e joviaes, pelo contrario se volvem mysanthropos e lamentosos em seus cantos.

Procuram muito as festas e arraiaes dos brancos, mas teem as suas especiaes onde se nota, de envolto com os mysterios sagrados da nossa religião, os seus costumes e usos pagãos, em geral bem caricatos, terminando sempre pela embriaguez geral, com excepção nas festas da semana santa, pela qual tem o maior respeito, a ponto de recusarem qualquer bebida que então se lhes offereça.

Nas festas publicas, ainda os indios costumam representar suas antigas farças, mascarados e enfeitados de objectos bem pouco apropriados ás solemnidades de egreja, como figurando animaes e tocando seus instrumentos inteiramente originaes.

Isto mesmo notamos na egreja dos Remedios, em Manaus, onde ao levantar a Deus, ouvimos tocar o *samburé,* por tapuyos que do sertão ali haviam ido fazer uma festa.

Aqui, em *Exaltacion,* tivemos occasião de vêr uma d'estas suas funcções.

Alguns indios vestiam uma saia pelo pescoço e chapeu enfeitado de pennas de côres vivas e variadas. Estes tinham por nome *ayarichis,* por tocarem este instrumento de invenção de seus antepassados, composto de tres tubos de canna, unidos lateralmente uns com outros, inteiriços, sendo a extremidade inferior de cada um, em graduação para extrahir diversos sons, de baixo profundo, monotono.

Seguiam-se a estes os *dansantes* com umas azas em forma de anjos, porem, feitas de madeira, e cobertas com vistoso panno semeado de estrellas, e na cabeça um chapeu de prata, o que não é para admirar, porque estes objectos são propriedade de sua egreja, que em geral são ricas d'este metal, e todos elles cheios de guizos com que faziam uma chocalhada infernal, com espada e escudo, cada um; de forma que não podemos advinhar a que aquillo alludia; pois, se pertence aos costumes de seus antepassados, nem mesmo elles já o sabem.

É para notar-se que tanto por aqui como em todo o Amazonas, não se vê um unico in-

dio calvo ou sequer com um cabello branco, por decrepito que esteja; bem como apenas na barba tem alguns poucos pellos pretos.

Notamos que todos são remediados, não havendo mendigos, mas tudo quanto tem gastam em festas para haver motivo de libações, e com ellas vivem dias e semanas, a ponto tal de ter havido já necessidade da auctoridade intervir na terminação da prejudicial funcção, onde em foguetorio, polvora, tiros de espingarda e de morteiro, e bebidas, tem gasto centanares de pesos; de fórma que, muitas vezes, não ha um serviçal, um creado, etc., porque tudo anda em pandega, ficando para quando tem *vagar,* o cuidar de suas terras e plantações; e por tal motivo, tem a auctoridade obrigado a terminar as folias; mas isto é natural, porque os pobres indios não trabalham para si, mas unicamente para os *patrões,* e portanto não se torna estranho que se tenham feito indolentes de natureza, jamais opprimidos. São em geral desconfiados, e de um caracter triste e estupido, quando embriagados.

Nalguns destes povosinhos interiores, unicamente occupados por elles, é onde se pode

obter alguma coisa mais de original, de seus costumes.

Alguns recebem o viajante com receio, mas não tardam a dar-se com elle. Fazem redes muito industriosas, rosarios de chaquira, enfeites de pennas mui bem combinados e symetricos. Quando morre algum, fornecem-lhe armas e comida para que não *morram* de fome na viagem; havendo tambem *carpideiras* que choram em vez dos parentes; mas isto não é novo para nós, porque já foi moda no velho mundo.

Quando qualquer se acha doente, reunem-se todos os parentes; se a doença é mortal, cercam o doente, olham-o attentos sem proferirem uma palavra, choram em silencio, derramando lagrimas; porém, morto elle, velam o cadaver fazendo-lhe companhia e, de mão em mão, passa o *ponche* de aguardente e assucar, fumegando! Na hora da retirada do defunto, lhe entregam os parentes, suas armas, roupa, comida e bebida para a grande viagem, e os amigos o encarregam de levar presentes e recados a este ou aquelle, que foi adiante, que já está no outro mundo.

Antigamente, dobravam o cadaver sobre os

calcanhares e o mettiam assim assentado no buraco onde era enterrado, ou em urnas, onde, ao lado da mão direita, lhe collocavam seus mantimentos e armas, para se servir d'elles com mais facilidade. Estes buracos eram feitos dentro da propria barraca, que em seguida era abandonada pela familia do defunto.

No dia seguinte recomeçavam seu labutar, como se nada fosse com elles, estranhos a tudo.

Alguns, quando viam que a doença era incuravel, tratam de abreviar a vida ao doente, tapando-lhe o nariz e a bocca, suffocando-o.

Aquelles successos, porém, já hoje não se dão nas proximidades de Exaltacion, mas acontecem ainda entre os bugres que vivem nas serranias.

Disseram-nos aqui que os indios *chiquitanos*, em geral, não pedem perante a justiça, reparação de damnos, mas os implicantes se aguardam para um duello, que tem lugar todos os annos no dia de Reis, 6 de janeiro, em que se flexam mutuamente com setas sem ponta, mas que muitas vezes succede perderem elles algum olho, e o que é mais singular, é que a auctoridade não só consente nestes combates, como até vae assistir a elles para que as re-

quando a cavallo, e a pé usam de uma massa a que chamam *macana*. (1)

Os indios *chiriguanos* não fogem do convivio da gente civilisada e conhecem o valor das moedas. São amantes do trabalho, e se algumas vezes fazem guerra aos brancos, dizem que é unicamente com o fim de exercitarem os filhos no manejo das armas e na arte guerreira. A auctoridade de seus chefes é hereditaria, mas estes só della usam em tempos de combate, e pouco em tempo de paz, sendo absoluta e indiscutivel no tempo belico. Enterram os mortos com os emblemas e armas do defunto, e só creem em prazeres na vida eterna.

E' entre elles admittida a polygamia, podendo o homem casar com tantas mulheres quantas possa sustentar, conforme em muitos outros paizes selvagens, e civilisados, como na China, etc.

Os *tobas* andam constantemente a cavallo, e suas guerras são sempre de cavallaria, e póde dizer-se que não são nomados, nem residencia fixa, pois habitam onde temporariamente lhes

---

(1) Ha em Bolivia um genero de fazenda ali tecida, muito apreciavel pela sua duração e gosto, com aquelle nome.

gras do desafio sejam seguidas com lealdade. Ao menos os nossos duelistas fazem as coisas ás escuras da auctoridade, salvo quando alguma das partes, não tendo confiança em si, *previne*, com a devida antecedencia, clandestinamente, a policia, para que a salve da entalação.

As tribus indigenas mais importantes no departamento de Santa Cruz, são os *sirionós*, que habitam nas margens do Rio Grande e do Pirahy, em volta de Santa Cruz; os *hichilos*, nas florestas do norte de San Carlos; os *penoquiquias*, ao sul da lagôa de la Concepcion; os *guarañocas*, ao sul da salina de San Thiago; e os *potororos*, na margem meridional de San Raphael e das Aguas Quentes.

Ao norte de Pilacomaio, habitam os *chiriguanos*, tribu notavel pela sua bravura, descendentes dos celebres *guaranis*, palavra que significa *guerreiro*, oriundos do Paraguay; bem como as *tobas*, tão valentes como extractegicos, que em pequeno numero repelliram, no tempo da conquista dos hespanhoes, o vice rei D. Francisco de Toledo, que em vão tentou subjugal-os, e já antes haviam reçachado o *inca* (rei), Jupanqui, sendo a lança sua alma predilecta

convém, mas quasi sempre moram para as bandas do Gran Chaco, lado S. E.

Até hoje não tem sido possivel domar um unico d'estes. São de formas herculias, e costumam atacar nas noutes de lua com o fim de roubar, desapparecendo como por encanto, depois do crime. Não são romophagos.

Alguns indios, em suas festas nocturnas, fazem vistosas grinaldas de pyrilampos, *curucusi,* em que se apresentam com agradavel effeito quando na escuridão, insectos de que aqui ha quantidade variada.

Recente-se este departamento de falta de braços pela continua emigração de indios dos diversos povos para o rio Madeira e seus affluentes, tendo-se até já espalhado no baixo Amazonas, e outros rios d'este estado, para onde são levados por patrões patricios seus, e brasileiros que aqui os veem contractar, não obstante ultimamente o governo da Bolivia ter feito o possivel para evitar esta expatriação, tão prejudicial ao paiz, arrasta-os para fóra da patria por chimeras illusões, que só tarde conhecem, quando individados e sem meios de poderem voltar ao paiz que os viu nascer.

Aqui, em Exaltacion, vimos em todas as

mezas a que assistimos, o popular e indispensavel *majáo,* prato peculiar do paiz, como em Hespanha *el puchero,* aquelle preparado de carne secca de tres ou quatro dias, frita em manteiga, depois de pisada no *tacú*, pilão, com cebolla e alho, a que depois se lhe addicciona arroz e ovos cosidos, bem como outro chamado *locro,* composto de bocados de carne, toucinho, arroz, abobora, cebola, etc., porém com caldo, emquanto que o majáo é secco. Na occasião do café, comemos em vez de pão, uma preparação de banana amassada com manteiga de vacca, a que denominam *masaco.*

As linguas mais communs em Bolivia, são: o hespanhol, lingua official; a quechua e a aimará, dos tempos primitivos d'esses valentes guerreiros de uma civilisação altamente illustrada, que ainda hoje se admira nas ruinas de seus maravilhosos palacios.

No departamento do Beni, os idiomas indigenas mais conhecidos, são: itonama, mojo, cayuvava, itenes, movima, canichana, paraguára, chapacura, maropa, e o sirionós, a mais aproximada do guaraní, donde se deriva; e em geral, todas as palavras d'estes idiomas terminam por *a, e, i, o, u,* agudas.

Já se vê, não conhecem a escripta, mas usam de certos nós que dão em cordas para lembrar ideias, e outros, signaes em varinhas, por meio de cortes, como os antigos usavam de geroglificos.

O cayuvava, desconhece inteiramente a letra L, e os mojos o F, I, e X.

Aproveitamos a occasião de publicar a seguinte sentimental poesia, em quechua, que aqui nos offertaram:

Chaca chilikchi huyhuaeus-cay
¿ Pitan maytan llantuzkacqun
¿ Ujta llantunaiquipacchú
Guacainuguay karparcayqui?

Traducção:

Aquem abrigas tu co'a doce sombra
Oh! crespa selva que o amor plantou?
Dás tua sombra a outro, e não recordas
Quantas vezes meu prantò te regou!...

As linguas indigenas mais dominantes em Bolivia, e regulares, que demonstram a illustração do povo que as originou, são a *quechua* e a *aimará,* como dissemos, porém os indigenas que fallam esta, são em maior numero ao norte, mas em algumas partes se encontram pequenas povoações quechuas, por onde se

pondéra que os aimarás foram supplantados pelos *incas,* reis ou governadores antes da conquista hespanhola, — que mandavam os prisioneiros — dos incas — para a hoje provincia de Aimaraes, no Cuzco, no Perú.

A lingua quechua, tem a sua conjuncção muito aperfeiçoada, tempo e modos, porém carece de generos, segundo dizem os conhecedores, — os adjectivos só tem uma determinação.

N'algumas outras provincias, além d'esta lingua, como na de Canpolican, falla-se tambem a apolista e a tâcana, como no povo de Reys, Beni, que são as mais goturaes e asperas conhecidas na America.

A lingua *moja,* é tambem uma das mais falladas pelos naturaes.

Os indios civilisados, estão divididos por diversos povos, d'onde tomam os nomes, embora fallem o mesmo idioma, alguns.

Tivemos occasião de visitar uma fazenda junto de esta povoação, onde vimos manipular a farinha de agua com mais perfeição do que descrevemos a paginas 97.

Aqui punham a raiz da mandioca de molho o tempo preciso para que a casca apodrecesse,

descascando-se por si; depois tirando-a da agua, a amassavam a punho, extrahindo-lhe as particulas ou raizinhas que contem a medula. Em separado descascavam, á faca, egual quantidade de mandioca, ralando-a em ralo de folha; e juntando depois estas massas, misturando-as bem, as levavam ao *tipití* ou prensa, para extrahir a agua ou caldo, e quando já enchuta a lançavam na peneira para desgnanular, donde então a levavam ao forno a torrar, resultando destas operações a farinha d'agua.

O caldo, que já dissemos n'outra parte, se aproveitava, é o da mandioca ralada, e não da que se põe de molho, denominando-se no Amazonas, *tucupí*, o qual ali usam para n'elle cosinharem o peixe ou tomar com *tácácá*, especie de caldo grosso feito de tapioca temperado com sal, que se mistura no *tucupí*, que é composto com alho, pimenta, sal e folhas de planta jambú.

No Pará veem-se as *cunhantans*, raparigas, vendendo pelas ruas, em panellas, esta bebida, de muito agrado dos indigenas.

TRINIDAD

Capital do departamento do Beni.

Aqui chegamos com viagem de dez dias de Exaltacion.

É egualmente povo de raças mixtas, onde se vêem algumas casas commerciaes de *caraianas,* brancos.

Tomamos bellos refrescos de Tamarindo n'este povo.

Aqui nos offereceram uma traducção, do padre nosso, para o *guarany,* que é a seguinte:

«Nhané ruba olko nahá i naka opé; Ne réra ciúmuité toikó; Remeché iané arãma juàka, mamé reikó; Né reminutára toirimunha inahapé, inira inipe; Remehé oui iané arãma, ianá remiu ára ispé iépe çuiuára; Remehé ne iiron iane angaipana recé, maiiané ia muhe curi iané iiron aita çupe inti omunhãna cutu uaha iané arãma; Intêrexari, iané lóra iamunhã puxi maha itá; Repecirú ianè ó pai makã aina çui,»

Fabricam aqui, como em todo o departamento do Beni, onde o gado tanto abunda, excellentes queijos e manteiga de vacca, porem a principal exportação é a da gomma elastica que

tem em alguns annos chegado a 345.500:000 kilos, a qual vae embarcar no lugar de Santo Antonio, para Europa e Estados Unidos, como alguns couros de boi.

Os costumes de *Trinidad,* são os mesmos de *Exaltacion.*

De ida já para o departamento de Santa Cruz, tivemos occasião de visitar um povo de indios *guaraios* onde nos deram uma salada de palmito, grellos de palmeira. E' agradavel.

São dos mais laboriosos e intilligentes que temos encontrado.

Vivem juntos na mesma habitação e na melhor harmonia, e o que é de um é de todos.

Cultivam cacau e café; plantam mandioca, banana, semeiam milho, etc; e criam gallinhas, patos, porcos, e outros animaes domesticos.

Usam tambem as orelhas e nariz furado, com um pau atravessado na divisão nazal.

Sabem usar já de algumas ferramentas, que obtem por troca de mantimentos.

Tem um templo muito rico e enfeitado de grande variedade de pennas e pelles; e seus idolos representam diversos animaes, outros varias formas para nós sem explicação.

Fabricam louça para uso proprio, e as mu-

lheres, especialmente, panellas, porque cada uma procura as commodidades de que tem necessidade de servir-se.

E' vedada, ás mulheres, a entrada nos templos.

A sua lingua é a *guarany*.

Pintam-se de vermelho com o fructo do úrúcú, e tambem n'algumas partes semeiam feijão, batatas, melão, melancia, pimenta, etc.

Notamos a differença da palavra agua, entre estes, e todas as derivadas do guarany, para a dos itonamas, que dizem *paçakéna-guanuke*, e aquelles, simplesmente *y*.

Dado este rodeio, marchamos a caminho da cidade de Santa Cruz de la Sierra, navegando dois dias por agua, e os demais por terra, pessimos caminhos, montados em mula.

Felizmente, vimo-n'os fóra dagua, depois de uma perigosissima viagem de sessenta e tantos dias, até que afinal seguimos por terra. Estes lugares já são mais arejados e descampados. Ha por aqui, como por todas as mattas do valle da amasonia, muitas arvores de cacau que nasce expontaneamente.

Trinidad, a capital do departamento, com-

põe seus districtos das povoações S. Ignacio, Loreto e S. Xavier, sendo dividido o territorio em provincias, que são Sécure, capital Santa Anna, Exaltacion de los Cayoababas e Reys; Mojos com S. Ramon e S. Pedro; e Magdalena com as povoações de Báures, Concepcion, S. Joaquim e Carmen.

O territorio de Trinidad tem uma população, aproximada, de quatro mil almas; provincia de Mojos de quatro e quinhentas; de Magdalena de cinco e seiscentas, e a de Sécure, quatro mil e quinhentas e noventa.

Alguns destes lugares parecem ter sido habitados antes dos hespanhoes, pois veem-se por partes, varios hieroglifos nas margens dos rios, e mesmo pelo interior, traçando figuras em pedras, e outros riscos e caracteres, indicando o nivel das aguas em diversos tempos. Effectivamente ha por partes vestigios de uma civilisação que se perdera.

Em algumas povoações, como em *S. Jose de Chiquitos*, existem na egreja, dourados dos tempos da conquista, feitas pelos jesuitas, tão perfeitos que parecem recentes, e algumas alfayas de egreja e instrumentos, como flautas de prata, calix etc., de um lavrado primoroso.

Na praça daquella povoação existe tambem uma cruz, feita de uma só pedra.

Perto de S. José, foi onde se fundou a cidade de Santa Cruz, pela primeira vez, transladando-se, mais tarde, para o lugar onde hoje se acha.

Neste departamento do Beni é importantissima a creação do gado vaccum, onde quasi não tem valor pela sua abundancia, e falta de vias de exportação, notando-se a necessidade de uma estrada de ferro que facilitasse sua conducção, como a que naufragou, intitulada Madeira & Mamoré, de Santo Antonio, de que já fallamos.

Muitas vezes matam-se reses para aproveitar unicamente o coiro para surrões e correias, despresando-se a carne aos *suches*, corvos.

Ha gado que não tem dono, *alçado*, que vive nas florestas, originario de vinte e tantas cabeças que os missionarios dos primeiros tempos aqui introduziram ou os padres da companhia de Jesus, que o trouxeram pela via do Paraguay e lameiros de Guarayos, até ao povo de Loreto; bem como algum gado cavallar, onde progrediu por tal forma, devido á benignidade do clima, que hoje existe errante

aos milhares, alimentado de excellentes pastagens.

De Loreto o conduziram aos outros povos do governo de Mojos, hoje departamento do Beni, então residencia missionaria, distribuindo-o pelos indigenas das missões de Reys e Santa Anna, donde em pouco tempo se espalharam pelas margens do rio Jacuma.

A companhia, ou as missões, eram proprietarias de grandes manadas de que auferiam bons rendimentos além de carne, leite, queijo e manteiga para sua manutenção, ficando mais tarde este gado pertencendo aos bens da egreja e das missões de indios.

O governo depois, foi lançando mão da venda delle para attender a suas despezas departamentaes, com que se engrandeceram com estas compras varios moradores que pagavam por cabeça, segundo o preço fixado pelo governo, — vinte centavos, que depois foi elevando a cento e tantos, até sua venda total a particulares, ou em pagamentos de ordenados atrasados a empregados publicos, de forma que o gado corrido pelos enlaçadores ou encarregados, espantado pelas continuas correrias, metteu-se nos montes onde se juntou com algum das crias primitivas, e ali foram progre-

dindo a ponto de hoje, segundo dizem, haverem por lá innumeras manadas.

O gado cavallar é o que menos tem procreado, unicamente devido á peste que o começou a dissimar desde 1848, tendo epocas porém, em que esta não apparece.

Julga-se que tal enfermidade proveio da republica Argentina para os gados dos campos de Santa Cruz, onde egualmente são numerosos, e d'ali passou aos do Beni.

Os rios d'este departamento todos são magestosos, e navegaveis para barcos de pequeno porte, e em certas partes tão profundos, e até extensos, que dariam navegação a navios de grande calado.

Os campos para agricultura são uberrimos, porém, infelizmente desaproveitados, jamais no interior, mas que de futuro se prestaram a formar um grande centro industrioso, pois apenas haverá quinze annos que mal se tem começado a povoar suas margens.

Segundo o tratado de amisade, commercio e navegação, entre Bolivia e o Brazil, artigo 12, a navegacão do rio Madeira, desde Santo Antonio para cima, é só concedida por o Brazil aquella republica, podendo comtudo subdi-

tos estranhos conduzir suas mercadorias em embarcações d'estas nações.

Alguns viajantes fazem tambem o seguinte itenerario de Villa Bella a Santa Cruz:

	DIAS
De Villa Bella, fóz dos rios Mamoré e Beni, á cachoeira de Guajará-miry	10
De Guajará-miry ao povo Exaltacion	14
De Exaltacion á capital do Beni, Trinidad	10
De Trinidad á cidade de Santa Cruz.	8
De Villa Bella a Santa Cruz . . .	42

Ha porém outros caminhos, sendo um por Loreto, povoação a 14° L. S., e 68 Log. Oc. de Paris; — Ascencion de Guarayos, Santa Rosa, Punto de la Cruz, que perfazem 130 leguas que o distincto engenheiro boliviano, D. Miguel Maria Velarde, reduziu da seguinte fórma, por um outro caminho que ha pouco abriu por conta da municipalidade departamental do Beni, que é o seguinte:

	LEGUAS
De Loreto a Concepcion	12
De Concepcion á Bocca do Bosque.	13
D'aqui á encruzilhada do caminho de Guarayos	9
D'alli ao rio Grande.	5,5
Do rio Grande a Vivosi	8,5
De Vivosi á praça de la Concordia, em Santa Cruz.	15
De Loreto a Santa Cruz	63,0

Pelo caminho antigo, meio intransitavel em epocas, se andavam 130 leguas em 20 dias, emquanto que, por este hoje, trilho regular, se caminham apenas 63 em 8.

SANTA CRUZ DE LA SIERRA

Chegamos finalmente a Santa Cruz de la Sierra, capital do departamento do mesmo nome, da republica boliviana.

Esta florescente cidade foi fundada em 1560 pelo hespanhol Nuflo de Chavez, perto

do lugar de Chiquitos, o qual seguindo do rio Paraguay com o fim de entrar no Perú, levou de Jaurá quarenta familias hespanholas destinadas a povoar este lugar, que ia fundar, por indicação dos missionarios que já por alli se achavam catechisando selvagens. Depois transferiram a cidade para o sitio onde hoje se vê.

Os limites porem, da novel cidade, foram-lhe depois dados pelo marquez de Cañete, D. Garcia Hurtado y Mendoza, vice-rei do Perú, que governou aquelle estado de 1590 a 1596.

Estes limites constavam ao sul, do rio Parapity, então denominado Condorillo, ficando Santa Cruz sob a jurisdicção da cidade de Cochabamba, pertencendo á nova cidade os povos de Tayarenta, Iti, Mazan, Tacurú, Saipurú e Yeemiri, que se achavam povoados de indigenas da cordilheira dos Chiriguanos, sendo comtudo, estes limites, por vezes disputados pelas auctoridades de Laguna em 1790, e de Sucre, então chamado Charcas, d'onde em 1809 partiu o grito de rebellião da guerra dos 15 annos, que os independisou de Hespanha; — tendo então a cidade de armar trezen-

tos defensores para conter os indios sublevados pelos inimigos.

Em 1787 edificou-se, a instancias do missionario frei Pilar, e outros, uma fortaleza em Saipurú para apoio da cidade, e de Cochabamba, a quem convinha manter a independencia de Santa Cruz, cujo forte foi denominado San Carlos, e guarnecido por soldados cruzenhos.

Só depois da independencia é que esta cidade tomou posse definitiva da provincia da Cordilheira dos Andes, a qual forma uma esplanada que divide as aguas da America do Sul e separa este continente em dois vales,— o do Amazonas e o do Prata, posse que se deve aos esforços do coronel José Manoel Mercado, protector d'esta vasta e bella região, d'onde era natural, e onde os hespanhoes jamais entraram de armas na mão.

Foi o governador de Santa Cruz, D. Alonso Verdugo, quem protestou em 1761, contra a posse dos portuguezes no lugar da missão de Santa Rosa, nas margens do rio *Guaporé*, cujos primeiros descobridores foram em 1741, Manoel Felix de Lima e Joaquim Ferreira Cha-

ves, que fugidos de Matto Grosso, desceram casualmente o rio Guaporé, d'onde seguiram ao Madeira e d'aqui ao Pará, sendo presos ali, não por haverem navegado por estes rios desconhecidos, como querem alguns, mas por denuncia de crimes praticados em Matto Grosso, d'onde foram expulsos e perseguidos, sendo Lima remettido para Lisboa onde lhe confiscaram os bens, e a Chaves lhe assentaram praça no Pará, d'onde desertou.

José Barbosa de Sá, descendo este rio em 1743, vindo de Matto Grosso, trouxe a noticia de haverem os hespanhoes fundado no Guaporé, uma missão a que deram o nome de *Santa Rosa,* para onde seguiram os portuguezes em 1752, afim de expulsal-os, visto pertencer-lhes aquelle lugar, segundo o accordo de limites de 13 de janeiro de 1750, entre as duas nações, o que conseguiram, fundando ali uma fortaleza sob a denominação de Conceição, depois conhecida por Bragança.

N'este anno o governo de Matto Grosso, por provisão de 14 de novembro, ordenou a navegação por este rio.

Nove annos depois, em 1761, quando já os portuguezes tinham colonisado aquelle lugar

com indios brasileiros, D. Alonso Verdugo, governador da cidade de Santa Cruz, protestou novamente, em abril, contra a posse dos portuguezes, no que não foi attendido pelo governador de Villa Bella, capital do Matto Grosso, Rolim de Moura, fundador do forte, sendo-lhes porém, mais tarde, entregue aquella colonia, hoje conhecida ainda por missão de Santa Rosa, onde estiveram, de passagem de Santo Antonio para Exaltacion e Santa Cruz, o missionario portuguez João de Sampaio e o capitão Palheta, de quem já fallamos.

Esta cidade é a unica onde seus moradores fallam apenas o castelhano, devido a ter sido fundada e povoada primitivamente, por hespanhoes; nas demais, e até mesmo em reuniões e *tertulias* familiares, quasi sempre, usam dos idiomas ou linguas dos primeiros habitantes, como a aimará e quéchua, sendo o castelhano apenas a fallada officialmente, e de que usa a imprensa.

A cidade de Santa Cruz está situada a 17° 57, L. S.; e 65° 12′ L. O., do meridiano de Pariz; e a 437 metros acima do nivel do mar.

Perto de Santa Cruz existem alguns monumentos curiosos, dos tempos passados, como

em Samaipata, onde ha n'uns rochedos, sete portas, abertas talvez a picareta, cuja origem se ignora, como tambem um banco feito na mesma pedra, e varias ruinas, que dizem foram de banhos publicos.

Por varias outras partes temos tambem visto outros destroços de edificações d'esse tempo, a que talvez pertençam as do monumento de *Tiahuanácu,* que vamos descrever, por nos parecer interessante, traduzindo-a de uma descripção que nos deram:

A base de uma collina conica, formada artificialmente, está rodeada de enormes pedras lavradas que deviam ter sido conduzidas para ahi, de muita distancia, porque não se encontra cantaria d'aquella nas serras das proximidades. As maiores teem de quatro a cinco metros de altura. Tem dois porticos: o mais pequeno que está cahido, tem perto de dois e meio metros; o outro, de granito, está rachado em um angulo, e tem tres metros e meio. A parte superior está coberta de esculpturas muito curiosas: no meio tem uma figura que provavelmente representa o sol, e dos lados tem figuras allegoricas voltadas para a figura central, e todas são aladas, com uma especie de báculo na

mão; umas teem cabeças humanas coroadas, e outras de grifos. Na parte inferior teem uma serie de signaes symbolicos.

Nas mesmas ruinas se encontram fragmentos de estatuas de pedra, e em uma d'estas a cabeça, desde a ponta da barba até á parte superior do ornamento da mesma cabeça, tem trez pés e seis pollegadas, e sua maior largura, desde o extremo do nariz até á parte correspondente ao occipicio, é de dois pés e cinco pollegadas. Está adornada com uma especie de gorro de um pé e sete pollegadas de altura, e de dois e cinco pollegadas de largura, e na parte superior tem algumas listas largas e verticaes, na inferior veem-se figuras symbolicas com rostos humanos.

Dos olhos até á barba seguem os riscos ou listas largas, cada um com tres circulos dobrados; da parte exterior de cada olho, sae outra lista larga semicircular que termina em dois chifres na parte interna dos olhos. A bocca forma um oval transversal guarnecido de deseseis dentes, e do labio inferior sahem, em forma de barba, seis riscos. As orelhas estão indicadas por uma figura semicircular, em um quadrado, e na parte interior tem outra lista vertical com

tres quadrados que termina n'uma cabeça de fera.

No occipicio vertical, tem varios quadrados que formam listas, e no pescoço se veem muitas figuras humanas.

A esculptura d'esta cabeça é muito notavel, porque não se parece a nenhuma das que até hoje se conhecem em varios paizes.

As construcções de que fallamos tem caracteres de palacio, e tambem se notam ruinas que parecem indicar algum templo, pois as pedras quadradas, collocadas horisontalmente em forma de altares, tem no centro uma especie de receptaculó, talvez destinado a receber o sangue das victimas.

Esta circumstancia tem feito crer, que os hieroglificos de *Tiahuanacu,* constituem uma escriptura hierática ou sagrada.

Estes hieroglificos, provavelmente ideographicos, pertenceram a algum dos povos que, para perpetuar suas ideias ou transmittil-as a posteridade, — empregavam os quipos.

Pouco distante da cidade, corre um pequeno rio de agua limpida, chamado *Pirahí*, que nasce perto de *Terabinto*, onde alguns habitantes costumam ir banhar-se no verão.

A posição da cidade é na realidade pittoresca e agradavel, pois se acha entre uma risonha e amena campina orgulhosa de vegetação, em cujos arrabaldes se veem importantes *fincas,* — quintas, onde entre varias arvores fruti-feras, se veem bellas larangeiras, e onde a maior parte do verão vão passar seus donos que, em geral habitam na cidade, a qual tem boas ruas, limpas e desafrontadas; e uma das praças, a chamada de la *Concordia* ou del *Comercio,* está guarnecida de frondosas arvores e elegantes jardins, coroada no centro por uma fonte de boa agua, de que se utilisam os habitantes proximos. Tem varios collegios públicos de instrucção primaria, secundaria e superior; um bello palacio onde reside o perfeito (governador), casa de ajuntamiento ou da camara municipal; um hospital, varios conventos, alguns com frades e missionarios; duas cathedraes, a velha de las Mercedes, e a nova um formoso templo de bom estylo; um mercado muito vasto e abundante, onde vimos uns indios a que chamam Tembetas, vendendo obras de sua industria, especialmente cordas e redes de dormir, importantes pelo bem elaborado de seu labôr.

Seus habitantes em geral, vivem na abun-

dancia, e muitas familias abastadas tem a seu serviço ricos objectos de prata antiga, lavrada.

Os criminosos eram, ainda ha pouco, castigados a *guasca,* nos lugares e praças publicas. As ordens do governo faziam-se publicas por meio de *bandos,* como era costume antigamente, no velho mundo. Os trajes uzados no high-life, são os mesmos da Europa, d'onde importam; e o das mulheres de classe rustica, é muito semelhante ás das nossas camponezas.

Aqui, a hospitalidade é proverbial, notando-se que fazem questão a qual ha-de dar pouzada ao estrangeiro, pelo que concordam entre si, os dias que o forasteiro deve habitar com cada visinho, dispensando-lhe todos os carinhos e distracções proprias de um povo altamente sympathico e civilisado, como este é.

Tem Santa Cruz passado por épocas calamitosas, devido ás muitas revoluções, porém, ultimamente, já estas não se dão com frequencia.

Ha perto d'esta cidade uns indios, que habitam talvez a uma legua, e que vem todos os dias á capital a vender seus artigos, chamados *purungueños,* que não cosem suas roupas, mas

prendem ou apanham as costuras do fato, com certos espinhos silvestres.

No tempo da presidencia de Bélzu, foi condemnado a ser fuzilado, por motivos de uma revolução aqui, o então coronel Mariano Melgarejo, depois presidente da republica, que, a pedido de algumas senhoras caritativas de Cochabamba, foi perdoado pelo chefe da nação, o qual accedendo á supplica respondeu: «*Llegará un dia en que Cochabamba se arrepentirá de su delorosa mediacion, en favor de un hombre peligroso.*» Effectivamente foi accusado de tyranno, despota e viciado na embriaguez, e prova-o o seguinte facto, em que qualquer outro, preferiria ser arcabuzado, e nunca perdoado por essa attenuante, indigna de um homem de bem:

Accusado de, em Cochabamba, revolucionar os soldados d'um batalhão, respondeu a conselho de guerra, e aquella cidade que já lhe havia salvado uma vez a vida, esquecendo-se do fatal prognostico de Bélzu; — livrou-o mais uma vez do patibulo, porque:

«El reconocimiento medico-legal, declaró que la *embriagues*, bajo cuya influencia hizo la revolucion, le habia causado una verdadera enajenacion mental que le hacia *inculpable*.

«El acusado por su parte, *publicó* una *retractacion* muy sentida, en tôno *lacrimoso,* protestando que *no sabia* lo que habia hécho.»

E em resultado d'esta *grande virtude,* foi... absolvido.

Melgarejo havia sido sargento do batalhão Legion, e vinte e quatro annos depois, achava-se general e presidente de Bolivia, «haciendose digno de la execracion publica por sus excesos,» diz a historia.

Morreu assassinado a tiros de rewolver por um irmão de sua amante, quando de noute entrava em casa d'esta, e diz-se que ella não foi extranha a este crime.

Foi no entanto um dos instigadores com o Brazil, a que se levasse a effeito por colloboração com Bolivia, a estrada de ferro de Santo Antonio a Guajará-miriy, de que já tratamos.

No entanto Bélzu, seu inimigo, tambem não era menos despota; pois durante o tempo de sua presidencia, tendo sido accusado de candidato a chefe da republica Gabriel Arze, advogado em Cochabamba, aquelle presidente o condemnou a *recruta* e o fez vestir de *jerga,* fazenda grossa, e *furando-lhe* uma orelha, o mandou para um corpo militar marcar passo! Èra

questão de occasião, porque o proprio Bélzu, sendo coronel de um regimento, accusado pelo mesmo motivo de Arze, foi deposto do commando, pelo presidente seu rival, e encorporado a um batalhão, no posto de... soldado!

No logar Flórida, nas cachoeiras do rio Madeira, sitio que já tivemos occasião de descrever, conhecemos Mariano Guagama, coronel do exercito de Bolivia, que foi ajudante de ordens de seu *tucaio* (1) Melgarejo, o qual com este tomou parte no motim de 11 de março, por cujo motivo, como já contamos, foi Melgarejo submettido a conselho de guerra e absolvido pela sua confissão de estado de embriaguez.

O coronel Guagama tinha, havia pouco então, quando a primeira vez estivemos em Flórida, chegado de Bolivia, homisiado, trazendo em sua companhia a sympathica menina Acencia, de oito annos de edade, que agora viemos encontrar casada na villa de Humaytá.

Guagama falleceu em Flórida em 1890, oito annos depois de haver-se retirado de Bolivia.

Por informações que tomamos, soubemos

(1) De egual nome.

que actualmente, o exercito boliviano tem apenas em armas seis mil soldados de primeira linha, sendo a lei fundamental da organisação do exercito de 1827; porém na lei de 1843, determina-se o tempo para as promoções, e ordena que o exercito tenha para cada dez mil homens: um capitão general, um major general, para cada tres mil combatentes, um general de divisão para dois mil; um de brigada para cada mil, e tres chefes (coronel, tenente-coronel e major), e vinte e seis officiaes subalternos cada batalhão; mas não se tendo observado até hoje esta disposição, a tal ponto tem sido o abuso nas promoções, que o senhor Dalence, em 1848 calculou, segundo as seguintes proporções entre officiaes e soldados, que depois d'isso tem augmentado em officiaes, da fórma seguinte: 1 general para cada 102 soldados; 1 chefe para 14, e 1 subalterno para cada 6!

Deve notar-se que os officiaes não são promovidos por antiguidade nem por merecimentos, e sim conforme a sympathia em que os presidentes da republica os tem, sendo até alguns promovidos saltando postos em claro.

Consta-nos que em tempo um presidente obrigou os officiaes a prestarem exame de seus

postos, para evitar estes abusos, por cujo motivo muitos subalternos e superiores se retiraram da fileira, por não se acharem em condicções de prestal-o, mas não tardou a continuar, depois d'elle, a mesma injusta promoção.

O congresso de 1837, chegou a promover a general de divisão, o paisano advogado Mariano Enrique Calvo, que nunca pegara em espada! E os membros do de 1857, accusaram o presidente Belzu, de promover officiaes em orgias!

O territorio do departamento de Santa Cruz, é de uma perspectiva mui agradavel.

Em seus prados pastam numerosas manadas de gado vaccum, lanigero e cavallar, e são muito abundantes em caça, como veados, de diversas qualidades, *servus paludosus, campetris* ou *capreolus, rufus,* etc.; *guanacos* ou *camellus guanacus;* perdizes, avestruzes, celebres pelos seus grandes ovos, *struthio rhea,* vulgarmente *piyu ou ñandú;* urso negro, conhecido ahi por jucumari, a raposa, tigre ou jaguarandi, tigre malhado que com seu rugido amedronta o gado, porém facil de domesticar, gato montez, macacos e papagaios de toda a qualidade, assim como periquitos; abelhas de mel e bravas,

como pêtos, cuja mordedura faz inchação e atormenta; passaros cantores como o cardeal, tordo, tojo, este de agradaveis melodias; matico, jilguero; aves de vistosas plumagens como araras, o torpical, carpinteiro, o filho do sol, assim chamado pelo brilhante de suas cores, o tucano, o beija flor, etc.

Vê-se tambem o lobo americano, *canis rufus*, jaguar, leão americano, anta, porcos montez em manadas, como javali, taitítú, etc.; lebres americanas, *lepus brasiliensis;* cutia, porco espinho, etc. Serpentes varias, como cascavel, de chocalhos na cauda, muito venenosa, *crotalus horridus*, sucurijú, jararáca, boá, cobra de cruz, assim conhecida por ter na cabeça este emblema; a coral, a murina ou boié; vê-se tambem tatús, conhecidos tambem por armadilhos, muito apreciados pela excellente carne, excluindo porém o pegi porque alimentando-se de corpos putrefactos, sua carne é fedorenta, como o é o corvo úrúbú, conhecido por suche; o tamanduá bandeira, urso formigueiro de cauda comprida em fórma de pennacho e lingua fina e tambem comprida, que introduz nos buracos de cumpinseiros e formigueiros que, agarrando-se-

lhe a ella, as formigas e cupins, elle recolhe-a e engole-os.

Tambem por aqui se notam muitos montes de termites, de que já tivemos occasião de fallar, em fórma conica — *termes fatale* — formados pelos *turiros,* formiga saúva, em cujos cones, os toiros selvagens, vem aguçar os chifres; bem como outras formigas que fazem grandes subterraneos, como a *sepe* ou cargadora que fórma carreiros por onde passa em busca de mantimento, pelo que tambem lhe chamam formiga procissionaria.

Nos logares elevados, onde a rarefacção do ar não permitte respirar certos animaes, vive a *chincilla,* o *huarracú,* a *lhama,* a *viscacha,* a *alpaca,* e a *vicúña,* cuja lã tão apreciada é; o *cóndor,* de tal força que sobe aos ares com um bezerro, e que figura no escudo boliviano.

Perto de Santa Cruz, os paulistanos e cotoqueños, cholos, descendentes de indios, são notaveis pela enfermidade de papeira que em geral teem, desenvolvimento anormal da glandula thyroíde, ou tumor no pescoço — bocio.

Fabríca, cria e exporta Santa Cruz, entre outros generos, chocolate, café, assucar, queijo, manteiga, aguardente, chumbo, solas, laranjas,

tamarindo, ananazes, cabras, ovelhas, sabão, doces, farinha de trigo, vellas, tabaco, milho, feijão, couros seccos, etc.

Em vespera de nos prepararmos para seguir nossa viagem á costa do Pacifico, recebemos convite para uma *tertulia,* reunião familiar, em casa de uma familia muito respeitavel, a quem fomos apresentados pelo nosso bom companheiro D. Nuflo, sendo lhanamente recebidos e obsequiados.

Ali tivemos mais uma vez o prazer de ouvir, ao som de violão e piano, os celebres e nunca jamais olvidados mimosos *guainos,* composição musical de muito gosto, em que se cantam quartetos de versos de sete e oito syllabas com o mesmo estribilho, e notamos que em cada provincia tem estes *guainos,* um gosto particular que muito os distingue, mas sempre bellos, agradaveis e ternos, quanto populares.

Sabendo o dono da casa que muito nos agradavam os *bailes sueltos,* convidou diversas niñas e cavalheiros para os dançarem, o que muito nos agradou, servindo-nos com alguns copos da popular chicha com que mutuamente tivemos que corresponder nos *obligados,* sendo estas attenções mais tarde *obligadas* a vinho do

Porto velho, que jamais julgamos vir encontrar aqui.

Terminou a soirée com o *baile suelto,* onde mais uma vez tivemos o prazer de apreciar a galhardia das jovens que n'elle dançaram com aquelle salero e requebros tão naturaes e engraçados da raça hespanhola, que as bolivianas com tanto gosto excedem.

Os movimentos languidos e seductores de que usam n'esta dança, a galhardia e desenvoltura do formoso braço nú bem torneado, a agilidade do movimento de pés nas riviravoltas que dão e a forma como fasem o giro do *pañuelo,* nos deixaram encantados e saudosos, cuja lembrança nos foi reviver na costa do Perú, onde encontramos os mesmos usos e costumes.

Não devemos tambem deixar no olvido que, n'esta casa, nos mimosearam com algumas garrafas de vinho boliviano fabricado em Cinti, onde, no tempo das vindimas, como em Europa, se fazem festas campestres.

Os individuos pisadores da uva, são sem pre escolhidos entre os melhores versejadores, pois lhes cumpre fazer poesias em louvor do summo da uva, acompanhadas de diversas e picarescas graciosidades de corpo; a estes acom

panham grupos de muchachos e muchachuelas que no lagar dançam e cantam ao compasso da pisa dos cachos, de forma que, cantando e dançando, não perdem o tempo.

Vamos seguir nosso caminho, saudosos e agradecidos da galhardia e proverbial hospitalidade com que nos honraram os distinctos crusenhos com quem tivemos o gosto de entreter relações; e em especial ao nosso excellente companheiro de viagem, e bom amigo, o snr. D. Chaves de Nuflo, e sua apreciavel familia, a quem tantos affectos e favores devemos.

Aqui lhes deixamos este humilde, mas verdadeiro voto de agradecimento e provada sympathia, com um saudoso adeus.

O nosso itenerario é:

	DIAS
De Santa Cruz a Cochabamba . .	4
D'ahi a la Paz, capital da republica .	3
De la Paz a Viacha	2
De Viacha a Tacóra	3
De Tacóra a Calama.	3
D'ahi a Tacna, Costa do Oceano Pacifico	1
De Santa Cruz a Tacna.	16

COCHABAMBA

Na cidade de Cochabamba temos egualmente visto varias quintas bem cuidadas e lindos tamarindeiros, arvore originaria da India, servindo a polpa que se acha nas vagens onde contem as sementes, para fazer xaropes e refrescos, ou doce de tamarindo.

N'algumas partes tem por elegancia, a arvore do pão, cujo fructo se come cosido ou assado. Esta arvore é natural da Oceania, de Tahily.

Tem esta cidade uma universidade, d'onde tem sahido algumas notabilidades que a honram e ao paiz, bem como as de Sucre e la Paz.

Assistimos a uma *riña*, briga de gallos, em um pequeno circo a proposito, onde alguns amadores fazem grandes apostas n'estes desafios, de que são amadores acalorados, fazendo para isso creação de boa raça de gallos.

A chicha em Cochabamba, como em todos os departamentos que temos percorrido, é a bebida dos pobres, como a cachaça.

Nesta cidade veem-se muitas chicherias

com originaes taboletas que indicam a casa onde se vende esta bebida.

N'uma destas taboletas vimos uma figura pintada a que chamam a imagem de San Lunes, ou santo da segunda feira, que advoga os restos chichericos do domingo; o qual deve equivaler ao nosso galhofeiro San Martinho, ainda que este tambem é tido como symbolo da borracheira, o que é injusto, porque, segundo dizem as chronicas, não era perdido pela pinga, mas gostava de a servir, por isso que o pintam com o copo na mão, a cavallo n'uma pipa, os nossos taberneiros.

Aquelle San Lunes, porém, é talhado a molde para symbolo dos chicheños, pois o vimos nas taboletas com cara de embriagado.

De corpo servia-lhe um pote de chicha, por braços tinha uma rebeca e um violão, porem não tinha pés; porque o embriagado não se sabe servir d'elles, na cabeça via-se um pichel.

Junto a elle havia uma meza com dados, cartas e punhaes, donde provem o dictado: *dar pousada ao peregrino, menos ao cochabambino.*

Em Cochabamba contratamos dois indios da provincia de Larécaga para nossos guias na Cordilheira dos Andes, que vamos seguir.

Pediram-nos logo o pagamento da viagem que consummiram todo em chicha com varios camaradas seus.

CORDILHEIRA DOS ANDES

A viagem fazemol-a a cavallo em mulas acompanhados pelos dois indios nossos *postillones*, conhecidos por callahuayas.

Muitas vezes na Europa nos surprehendemos da velocidade dos andarilhos, porem, aqui, viemos encontral-os em condições de maior surpreza, pois estes indios nossos companheiros andam com pasmosa velocidade, e houve quem nos affirmasse, quando demonstramos esta nossa admiração, que alguns batalhões militares bolivianos, compostos de indigenas, tem feito marchas de vinte leguas por dia.

Explicaram-nos que nem a fadiga nem a fome os desanima, porque se previnem com a folha da coca a que chamam *ypadú*, arbusto de metro e pouco d'altura, cujas folhas alimentam, contra a fome e sede, e as quaes vão mascando,

dialgia, cancro do estomago, cholera-morbus, com feliz resultado.

As plantas já no segundo anno dão bastantes folhas, porém, para serem de primeira qualidade, necessitam terem sempre um terreno limpo de herva e humido, e estarem proctegidas contra os raios do sol.

As folhas são de côr verde-esmeralda e do lado opposto de um amarello desmaiado; e para preparal-as devem ser seccas ao sol, de forma que não percam o aroma e a côr, ficando assim flexiveis, não as tardando n'esta exposição para evitar que se tornem quebradiças, conservando-se bem em vasilhas tapadas, onde não penetre humidade, até por espaço de um anno.

Esta planta, que se obtem por sementeira, é conhecida scientificamente por erythroxilon coca.

Um destes *postillones* nos contou, em mau castelhano, que o seu companheiro era um viageiro afamada e medico distincto, pelo que nos recordámos dos *pagés* do Brazil; e nos disse que fazia viagens muito compridas com o fim de curar enfermos por essas choças dos caminhos, onde era recebido com muita estima e sympathia, que effectivamente era certo, no-

porem que embriagam a quem não está acostumado a ellas. São tambem anti-febris.

Os nossos postilhões, de quando a quando, deitavam bolas de coca mascada sobre certos montes de pedras que nos ficavam em caminho, e nos disseram que o faziam em honra de *Pachacámác*, talvez o seu anjo viageiro, para que nos leve a salvamento das feras, dos selvagens e dos rigores da intemperie dos Andes, dizendo-nos que aquelle Deus ou anjo, habita nos apachetas, montes.

Effectivamente estes indios tem a terra por providencia da humanidade, e a ungem quando vão preparal-a para suas sementeiras, derramando-lhe aguardente ou mais commummente, a calche, borra da chicha, e o mesmo fazem nos trabalhos de minas e na tosquia do gado lanigero, de que tem grandes rebanhos.

As folhas, porem, da coca, apenas tem a propriedade de excitar a actividade e forças phisicas do individuo, actuando no estomago, narcotisando os nervos d'elle, suspendendo sua funcção digestiva.

Empregam os indigenas estas folhas tambem nas pneumonias vomitos nervosos, car-

tando-se que em seus alforges levava grande quantidade de cascas de páu, resinas de arvores, cera e varias materias gommosas, o que em principio tomamos por talismans com o que julgam livrar-se do mal; porém toda aquella cangalhada era a sua botica ambulante, que renovava onde se lhe acabava. Sondando mais as virtudes do nosso companheiro, soubemos que ellas chegavam até a saber inspirar amor ou odio, conforme o interessado desejava, conservando a vida e a joventude. Só não lhe perguntamos se tinha remedios para tirar a vida, porque para isso, todos são sabios.

Quando hia-mos chegando ao cume das Cordilheiras, o nosso medico tentou tapar-nos os ouvidos com bolas de algodão, fazendo elle o mesmo a si e ás mulas, e indagando do facto achamol-o natural a fim de evictar a imtemperie nos tympanos, como fazem nos animaes, para desviar-lhe o ruido da tempestade e rugido das feras para não se espantarem.

Nas grandes viagens, ao partirem, entregam estes indios as mulheres aos parentes ou amigos, e quando chegam reconhecem os filhos que encontram a mais!

E' notavel a similhança d'estes homens de

Larecaja com a raça mongolica; o que talvez confirme a separação dos dois continentes, como querem alguns, e seria digno de serio estudo, pois até muitos dos costumes dos indios do norte, demonstram a origem mongolica.

Vamos sentindo frio.

Pelo caminho os indios nos tem mimoseado com bellas batatas a que chamam camotes, cuja planta é trepadeira.

Por varias vezes temos parado nas subidas da cordilheira para descançar os animaes e refazermos a respiração que nos vae faltando á medida que subimos.

Lugares ha de caminho tão estreito que só animaes, como os nossos, já costumados nestas viagens, podem passar, pois são verdadeiros trilhos proprios para cabras.

Já tivemos occasião de vêr o condor, passaro de força prodigiosa, um dos emblemas do escudo boliviano, como a alpaca.

Temos avistado tambem bellas searas de trigo, e comido algumas fructas proprias da Europa, como peras, maçans e pecegos que aqui se aclimam.

Os nossos postillones tem-se nutrido de raizes da planta tayoba, que comem depois de

torradas, bem como se utilisam tambem das folhas como alimento, e o nosso curandeiro, d'ellas usa para cura de feridas, cujas folhas vae ensacando na ambulancia.

Temos encontrado a benemerita arvore da quina, cuja utilidade hoje é bem conhecida, sendo descoberta sua virtude pela forma seguinte:

Achava-se no Perú, atacado de febres palustres um hespanhol; na cidade de Loja vivia um pagé, curandeiro amigo d'aquelle que se offereceu cural-o por meio de uns pós amargos, no que o hespanhol não tinha fé, visto que as febres até então a remedio algum sediam; deliberou entregar-se nas mãos do indio, e quando menos o esperava viu-se isempto da infermidade e completamente curado com os taes residuos.

Em Lima, capital do Perú, achava-se tambem soffrendo as febres a mulher do vice-rei conde de Chinchona, em 1637 que tendo noticia da cura do hespanhol o mandou chamar, o qual lhe explicou como o indo o curára.

Ella tomou dos mesmos pós, e salvando-se, divolgou-se o caso, adoptando-se a quina, fica-

ram os pós denominado-se da condessa Chinchona.

Nos lugares onde haviam estes arbustos as febres poucas victimas faziam, porque os naturaes mascavam esta casca. A arvore a que se dá o nome de chinchona calissaya, é a que fornece melhor qualidade de quina, de que ha muitas no Perú e Bolivia, e a todas as de esta familia alli chamam *cascarilla* e a seus extractores ou vendedores *cascarilleiros*. A arvore ou arbusto, depois de derrubado, soffre golpes longitudinaes, no comprimento que desejam, como se faz entre nós na cortiça, e assim arrancam a casca com instrumentos proprios, a qual exposta ao sol, por si se enrola.

Ha porém, muitas variedades.

Esta industria já deu ao governo de Bolivia um producto de duzentos mil pesos de renda, mas hoje está em decadencia.

LA PAZ DE AYACUCHO

E' uma das cidades mais importantes de Bolivia, e por vezes tem sido sede do governo da republica.

Foi n'esta cidade que a amante de Thomaz Catari, Bartolina, represando as aguas do rio, as fez derramar contra os inimigos dos Incas, a quem sitiava.

Aqui foi tambem assignado em 10 de maio de 1879, pelo bispo D. Juan de Dios Bosque, e o Visconde de San Januario, o tratado de amisade entre esta republica e Portugal, dado em Lisboa em 24 de dezembro de 1882, e ratificado em Pariz, em 29 de março de 1883.

O primeiro artigo d'este tratado, diz o seguinte:

«Haverá paz constante e amisade perpetua entre o reino de Portugal e a republica de Bolivia, assim como entre os subditos e cidadãos dos dois estados, sem distincção de pessoas nem de lugares.»

Os artigos seguintes garantem reciprocamente os direitos civis e dão as mesmas garantias, aos cidadãos dos dois paizes, como aos

nacionaes, quando estes, ou aquelles, residirem n'uma ou outra d'estas nações; isemtam-se porém do serviço militar, contribuições de guerra e emprestimos forçados; os bens dos subditos ou cidadãos fallecidos, ficavam a cargo dos consules respectivos na falta dos herdeiros ou testamenteiros; que apenas uma d'estas nações faculte outros favores a outra, com excepção de Portugal ao Brazil, e Bolivia ás nações americanas situadas ao sul de Panamá, — intender-se-ha que eguaes garantias ficam gosando Bolivia ou Portugal; concedem reciprocamente a livre navegação e commercio, nos rios, canaes e portos de mar, logo que sejam estes abertos ao estrangeiro, com excepção da clausula dos paizes de que já fallamos, cuja equidade é estenciva só aquellas nações, o que impede portanto a effectividade d'esse favor com merecimento só quando esses rios, canaes e portos maritimos forem francos ao estrangeiro, garantia portanto illusoria e escusada de mencionar-se, visto que logo que sejam francos estavam estensivos aos dois paizes, segundo a materia de outro artigo; que as mercadorias de um ou outro paiz, como os navios, não pagavam mais direitos do que os nacionaes, etc. etc.

Esporta esta cidade os mesmos artigos que Santa Cruz.

Perto de la Paz, acham se os montes mais elevados de Bolivia e da America Meridional, taes como o Sorata, com 7690 metros acima do nivel maritimo, e o Illimani, a 7150.

A cidade de la Paz, está a 3700 metros acima do mar, achando-se a S. E. o celebre lago Titicáca, de dez mil kilometros quadrados e a 3980 metros, acima da superficie maritima; em cujo centro existem as famosas ruinas de um monumento do tempo dos incas.

A republica de Bolivia data apenas de 10 de agosto de 1825, como já dissemos,

Tomou seu nome do appellido de Adolfo Bolivar, seu libertador, nascido em Carácas, na Columbia, em 24 de julho de 1783, homem de esmerada educação, que muito viajou e se illustrou na Europa, fallando e escrevendo correctamente hespanhol, italiano, francez, allemão e inglez; foi presidente do Perú e general de Columbia, porém é accusado de pretender independisar a America hespanhola para se acclamar imperador d'ella, o que não chegou a pôr em pratica, mas que demonstrou, havendo sido um valente e destemido guerreiro.

A ultima constituição de Bolivia data de 16 de outubro de 1880, dada em la Paz pelo presidente general Narciso Campero, em que adopta a religião catholica, declara-se unitaria e dá por fórma de governo a democracia representativa, prohibe o culto publico de outras religiões, com excepção nas colonias onde são toleradas; não admitte o emprego de tormentos nem outro genero de mortificações nos criminosos, nem a confiscação de bens, como castigo; a casa do cidadão é inviolavel, não permitte aboletamentos de tropa em tempo de paz sem consentimento dos proprietarios; aboliu a pena de infamia e morte civil, bem como a de morte, com excepção nos assassinatos, parricidio e traição á patria em caso de guerra estrangeira, mas concede a flagellação, visto que os individuos eleitos senadores ou deputados que a soffrerem, não são admittidos nos congressos; aquelles são eleitos por seis annos e estes por quatro; estes só podem ser elegidos de entre os cidadãos filhos de Bolivia ou naturalisados com cinco annos de residencia effectiva no paiz, tendo de renda annual quatrocentos bolivianos provenientes de industria, profissão ou propriedades, e os senadores oitecentos da

mesma procedencia. O presidente é eleito por quatro annos, podendo ser reeleito passado um periodo egual, como o vice-presidente, exigindo-se as garantias determinadas aos senadores, e serem bolivianos de nascimento.

O governo superior civil e administrativo de cada departamento, está a cargo de um perfeito nomeado por quatro annos; tendo cada departamento mais um sub-perfeito em cada provincia, cada cantão um corregedor, e nos campos alcaides, cargos, estes dois ultimos, para que só se exige estar no exercicio de cidadão. Nos povos de indios ha tambem caciques, nomeação feita em um d'elles, como chefe.

As capitaes de departamentos são compostas de concelhos municipaes, e nas provincias de juntas, bem como nas secções em que estas se dividem e nos cantões, agentes municipaes; sendo uma das prorogativas da municipalidade nomear jurados para os delictos de imprensa.

Cada departamento tem um corpo de guarda nacional, e no exercito só poderão ser officiaes superiores os filhos do paiz, ou naturalisados com cinco annos de residencia e consentimento do congresso.

Nenhum senador ou deputado, desde o dia

de sua eleição, até voltar a seu domicilio, pode ser accusado, perseguido ou preso, salvo no caso de flagrante delicto sujeito a pena *corporal,* se a camara a que pertencer o permittir.

Os requisitos para cidadão, são: ser boliviano, ter vinte um annos, os solteiros e desoito sendo casado; saber lêr e escrever e ter uma propriedade immovel e renda de desoito bolivianos annual, que não provenha de serviços prestados como domestico, e estar inscripto no registo civil.

São bolivianos de nascimento:

Os nascidos no territorio da republica, os que nasceram no estrangeiro, de pae ou mãe bolivianos em serviço da republica ou emigrados por causas politicas, são bolivianos ainda para os casos em que a lei exige a condição de serem nascidos em territorio de Bolivia.

São egualmente bolivianos:

Os filhos de pae ou mãe bolivianos nascidos no estrangeiro quando foram residir na republica; os estrangeiros que habitando um anno em territorio de Bolivia, declarem perante a municipalidade do lugar em que morarem, que desejam adoptar a nacionalidade boliviana,

e os estrangeiros que por privilegio obtenham carta de cidadão, pela camara de deputados.

TACNA

Chegamos finalmente a Tacna, cidade e porto maritimo peruano, na costa do mar Pacifico.

E' pequena, porém seu nome é grande, já na historia da guerra da independencia de Hespanha, já nas diversas do Peru com Bolivia, nação esta com a qual seus habitantes mais sympathisam, pois que em 1835, pediram os moradores por meio de uma manifestação, ao presidente de Bolivia, general Santa Cruz, sua annexação a este paiz, o que lhes valeu serem reprimidos por elle, que havia sido tambem presidente do Perú, e advertidos para não demonstrarem mais seu desejo a tal respeito.

Já em 1826, sendo este presidente do Perú, posto ser boliviano de nascimento, se oppoz ao tractado proposto pelo presidente de Bolivia, general Sucre, para que este paiz, o Perú, cedesse áquelle, diversos portos da costa do

Oceano Pacifico, mediante a indemnisação de cinco milhões de pesos.

E' pelos portos de Tacna e Cobija, que a republica boliviana interna mercadorias estrangeiras para o interior.

Cabija foi porto boliviano, porém os peruanos apossaram-se d'elle, deixando aquella republica sem communicação propria para o mar.

O territorio de Tacna, tem 22:500 kilometros quadrados de extensão, e 30:700 habitantes, sendo 22:070 estrangeiros.

Não obstante estarmos distantes de *Cusco*, aproveitamos a occasião, visto acharmo-nos no Perú, de traduzir para aqui a vida do ultimo descendente dos incas, que foi sentenciado n'aquella cidade por tentar restabelecer o dominio d'aquelles reis ou chefes.

Em 1780, a insurreição de José Gabriel Tupac Amaru, ultimo descendente dos reis incas, no Perú, poz em perigo eminente a denominação hespanhola, que foi suffocada com a morte do protogonista de um dos mais sangrentos dramas da America hespanhola.

Referiremos brevemente um acontecimento que está quasi esquecido:

«Possuidos os corregedores de insaciavel cobiça, e contando com a impunidade, exigiram o pagamento de seus repartimentos empregando atrozes castigos para os haverem do povo.

Os indios, por outra parte, se viam perseguidos pelos padres que inventavam novas festas e opprimiam os freguezes pela paga do seu mister.

Exasperados os indigenas, resolveram sublevar-se contra a oppressão.

Thomaz Catari, indio de Mancha, depois de haver solicitado inutilmente, em Buenos-Ayres, remedio áquelles abusos, havia propagado que tinha conseguido rebaixa de tributos e por este motivo ou outro qualquer, foi elle preso para Aublagas, pelo que levantando-se os indios de Pocoata, pediram a seu corregedor Alos, depois de uma batalha, que fizesse libertar a Catari, no que foram attendidos.

Esta condescendencia foi tida por debilidade, e deu animo a nova sublevação na provincia, que não tardou a communicar-se as de Paria, Carangas, Sicasica, parte das de Cochabamba, Lipez, Chichas, Porco e Pilaia, e as contemporisações da real audiencia de Charcas, hoje Sucre, mais animaram os indios de

Chayanta á rebellião, levando seu atrevimento a ponto de trazerem a cabeça de Lupra, cacique de Morcari, junto de La Plata, na cruz de Quirpinchaca, o qual era partidario dos hespanhoes.

Como Catari tivesse anticipado a execução dos planos de Tupac Amaru, foi necessario sublevar as provincias de Cuzco para appoiarem a insurreição do Alto Perú.

José Gabriel Tupac Amaru (*tupac* resplandecente e *amaru* cobra), cacique de Tungasuca, e ultimo ramo da familia dos incas, frequentou a universidade de Lima, mas não contente com o humilde cargo de cacique que era heredictario em sua familia, solicitou ser reconhecido como descendente legitimo dos antigos soberanos do Perú, tendo já conseguido o titulo de marquez de *Oropesa,* que havia sido dado a seus avós.

Altivo e irascivel por caracter, olhava com despreso a desgraça dos indios, mas para adquirir fama dispoz de sua riqueza para fazer valer o ascendente que lhe dava um nome illustre, e pôr-se em contacto com as pessoas mais influentes do clero a quem hypocritamente pintava, com vivas e tristes cores, a op-

pressão dos indigenas; e movidos por suas queixas os bispos de la Paz e de Cusco, e varios prelados do Perú, as transmittiram ao rei de Hespanhà por meio de Santelices, governador de Potosi, que era favoravel aos naturaes.

Carlos III, principe justo e magnanimo, acolheu com interesse estas supplicas, e para attendel-as com acerto, chamou ao dito governador afim de fazer parte do conselho das Indias.

Com tão prosperos auspicios, D. Blas Tupac Amaru, parente de José Gabriel, foi a Madrid a solicitar a suppressão dos impostos da mitra e dos repartimentos, e tudo annunciava um feliz desenlance, quando a morte terminou a vida a Santelices e a Blas, pelo que, se suppõe, haverem sido envenenados.

Em vista do succedido, resolveu-se José Gabriel a lançar mão a um arbitrio violento. Achando-se de corregedor, na provincia de Tinta, um tal Arriaga, homem ávido e deshumano, que abusava do poder para saciar sua desmedida sede de riquezas, e que já por seus excessos havia sido excommungado pelo bispo de Cusco, e sob pretexto de celebrar com pompa o anniversario natalicio do dia do mo-

narcha, o chamou a Tungasuca, d'onde o fez enforcar, annunciando immeditamente Tupac Amaru, que tinha uma ordem real para suspender os impostos da mitra, os de repartimento e as cabalas, e extinguir os corregedores; e o mesmo quiz fazer ao de Quispicancha, que teve de refugiar-se.

Para conter este furor, sahiram de Cusco seiscentos soldados, e recusando-se a acceitar a paz que Tupac lhes offereceu, foram mortos na egreja de Sangarara, por haver feito explosão a polvora que estes tinham, derrubando o templo, onde ficaram sepultados vinte e quatro e mortos, nas mãos dos indios, quinhentos setenta e seis, entre elles os commandantes Escajadillo e Landa; partindo em seguida Tupac por Ayaviri para Cusco, onde levantou as provincias do vasto territorio de Arequipa até á fronteira de Tucuman, com o fim de tomar a cidade de Cusco, o que, comtudo não pôde conseguir em dois ataques que fez, por ter vindo de Lima um exercito a marchas forçadas.

De ordem da real audiencia, foi novamente aprisionado Catari e assassinado na costa de Chataquila, pelo que seus irmãos Damaso e Nicolás, se apresentaram na Punilla, a duas le-

guas de la Plata, com sete mil indios, onde foram derrotados e elles aprisionados e enforcados ali com trinta e sete companheiros, e aos cabeças lhes cortaram as orelhas.

Em Oruro roubaram os indios, o valor de dois milhões de pesos, segundo se calculou; o povo de S. Pedro de Buena Vista, foi saqueado por nove dias, findos os quaes degolaram mais de mil pessoas; e na egreja de Caracoto, provincia de Sicasica, o sangue de hespanhoes e descendentes, chegou a cobrir os artelhos dos assassinos!

Em Tapacari, quizeram obrigar um pae a arrancar o coração á filha, á vista da mãe, e como este se negou, assassinaram a familia; na egreja de Palca, provincia de Cochabamba, foi morto o cura tendo nas mãos o Santissimo, onde uma india, pegando na hostia consagrada disse para os sublevados: «Vêde como nos enganam; esta *torta* a fez o sachristão, da farinha que eu trouxe do valle, e estes picaros nos dizem que n'ella está Deus!»

O corregedor Villa Lobos, á cabeça de seiscentos cochobambinos, conseguiu aprisionar e desbaratar os indios de Arque e Tapacarí e os das immediações, porém isto mais exasperava

os indigenas, recomessando com maior atrocidade suas malvadesas. As represalias continuavam com todo o furor de vandalos. Diego e Andrés, um irmão e outro sobrinho de Tupac, acompanhados por um tal Julian Apasa, sachristão de Ayoayo, haviam-se tornado furiosos e demasiadamente atrozes contra os hespanhoes, e Ramon Ponce, atacando a cidade de Puno com desoito mil indios, foi derrotado pelo valente Orellana, os quaes, na fugida, exterminaram os habitantes de Coata, Capachica e Juli, e em Chuquita degolaram á faca mais de quatrocentas almas; voltando pouco tempo depois a sitiar Puno, commandados por Pascual Alarapita, indio de Paria.

Na segunda retirada de Tupac do cerco de Cusco, foi atacado por deseseis mil homens, que teve de combater durante sua marcha para Quiquijana, e em Tungasuca aguardou Tupac o hespanhol Valle, com uma força de dez mil indigenas que tambem foram completamente batidos, tendo pouco antes soffrido em Tinta, uma derrota onde perderam mais de mil homens Parvidra e Bermudez, partidarios de Tupac, tendo este sido feito prisioneiro e levado a Cusco, onde expirou na forca em 18 de maio

de 1781, sem ter podido alcançar o restabelecimento da dominação dos incas, em que elle pretendia acclamar-se rei.

Morto o chefe da insurreição, longe os indios de se desanimarem, continuaram suas atrocidades, embora na certeza de serem vencidos.

Muitos preferiram despenhar-se precipitando-se de grandes alturas, antes do que render-se.

No entretanto, emquanto Valle se dirigia a a Puno, Diego Tupac Amaru, atacava aquella cidade, com tanto brio e furor, que os indios animados com a presença de seu general, começaram a minar alguns dos castellos, desprezando o fogo nutrido da artilheria e fuzil, nos ataques dos dias 8 a 12 e 23 de maio, em que praticaram prodigios de valor pela liberdade.

Reduzido a uma oitava parte o exercito de Lima, pelos combates e deserções, retirou de Cusco acompanhado de todos os habitantes de Puno que não se achavam em estado de resistir a novos ataques, em numero de cinco mil pessoas, estenuadas de fome e de fadigas, e perseguidos sempre pelos indios até Vilcanota, termo do vice-reinado de Buenos-Ayres.

Na mesma occasião em que sahia de Lima

a expedição contra José Gabriel, tinha o vice-rei de Buenos-Ayres mandado algumas forças ao Alto Perú, que encontraram resistencia n'um troço de indios de Chichas, capitaneados pelo sargento Luiz Lazo de la Vega, os quaes já haviam enforcado tambem ao corregedor de Tupisa.

A morte atroz e ignominosa de Tupac Amaru, não fez mais do que excitar a colera entre os de sua raça, de forma que Andrés Tupac Amaru, sitiou Sorata onde se achavam refugiados os hespanhoes das circumvisinhanças, com suas familias; posto que os indios mal armados não podiam luctar com vantagem, contra as fortificações, em vista d'isto, Andrés com sua gente na força de quatorze mil indios, repreza as aguas das montanhas de Ancoma, e rompendo o dique, as dirige contra as fortificações que se desmoronaram, sendo aprisionada a guarnição; e os que se salvaram das aguas morreram degolados pelos sicarios de Andrés, cujas victimas se calcularam em vinte mil!

A cidade de la Paz, achava-se sitiada, pela segunda vez, pela famosa heroina Bartolina, amante de Catari, que aproveitando-se da ideia

da repreza das aguas em Sorata, fez ali o mesmo com as do rio, que tambem fizeram muito damno, porém, n'esta occasião chega Resiguin com cinco mil homens victoriosos de Jaco, e salva a cidade.

Entretanto Catari marcha rapidamente sobre la Paz e derrota o inimigo, mas um ouvidor chileno que o acompanhava na qualidade de conselheiro, fez matar a Catari.

Finalmente, as auctoridades hespanholas fizeram paz com Miguel Tupac Amaru, em Patamanca, perto de Pucarani e Diego Tupac Amaru, em Lampa, mas como se levantassem novamente alguns povos, serviu isso de pretexto a Yáureguí, vice-rei do Perú, para exterminar a familia de Tupac Amaru, por uma vez.

O delicto de Tupac consistia no prejudicial affecto que lhe dedicavam os indios e de que elle abusava para commetter tantas crueldades, — delicto a que se impoz pena capital em Cusco, antiga capital dos incas, junto com Marcella, filhos, e os irmãos Simon e Lorenzo Condori.

Os dois ultimos foram enforcados, e a Marcella se lhe cortou a lingua, sendo em seguida tambem enforcada.

A Tupac Amaru, se lhe acercaram os algozes com tenazes em braza, e lhe foram arrancando com ellas, pedaços de carne quando se achava no poste suspenso pelo pescoço, morrendo sem dar o menor signal de desespero, sendo depois lançado á fogueira, onde todos deviam ser reduzidos a cinzas, terminando assim toda a familia do ultimo dos descendentes dos celebres incas.»

Ultimaremos o nosso historico com uma copia da sentença proferida contra Tupac Amaru, e sua familia, que traduzimos:

«Sentença pronunciada na cidade de Cuzco pelo visitador D. José Antonio de Areche, contra José Gabriel Tupac Amaru, sua mulher, filhos e demais réus principaes da sublevação.

«Em a causa criminal que ante mim pende e se ha seguido de officio da real justiça contra José Gabriel Tupac Amaru, pelo horrendo crime de rebellião ou alçamento geral dos indios mestiços e outras castas, pensado ha mais de cinco annos e executado em quasi todo o territorio de este vice reinado de Buenos Ayres, com a ideia (de que está convencido), de pretender coroar-se senhor de elles e libertar das que chamava miserias de esta classe de ha-

bitantes que logrou seduzir, no que deu principio enforcando o seu corregedor D. Antonio de Arriaga, observadas as clausulas da lei em que faz de accusador fiscal D. José de Saldivar e Saavedra, e de defensor D. Miguel de Iturrizarra; vistos os autos e do que delles resulta: sentenceio attendendo a seu merito e a que o reo ha intentado a fuga do calabouço em que se acha preso, por duas occasiões: e egualmente ao interessante que é o publico e a todo este reino do Perú, para a mais prompta tranquillidade das provincias sublevadas por elle, a noticia da execução da sentença e de sua morte, evictando com ella as varias ideias que se tem estendido entre quasi toda a nação de indios, cheios de superstisições, que os levam a crer impossivel que se lhe imponha pena capital pelo elevado de seu caracter, crendo-o da tronco principal dos Incas, como se ha intitulado, e por isso dono absoluto e natural de estes dominios e sua vassalagem; pondo tambem á vista a natureza, condicção, baixos costumes de estes mesmos indios, e os das outras castas, da plebe, as quaes tem contribuido muito para a maior facilidade da execução das depravadas intenção do dito réo José Gabriel Tupac Ama-

ru, tendo-os allucinados, submissos, promptos e obedientes a qualquer ordem sua; tendo chegado os primeiros até a resistir ao vigoroso fogo das nossas armas contra seu natural pavor, e lhe feito manifestar um odio implacavel a todo europeu e a toda a cara branca, *pucacuncas*, como elles lhes chamam, fazendo-se autor elle e estes de innumeraveis estragos, insultos, roubos, mortes, estupros, violencias inauditas, profanações de igrejas, vilipendio de seus ministros, escarneo das mais tremendas armas suas, qual a excommunhão: contemplando-se immunes e isentos dellas, por afirmal-a assim, com outras malditas inspirações, ao que chamavam seu inca; quem ao mesmo tempo que publicava, nas innumeraveis convocatorias, bandos e ordens suas, que não iam contra a egreja, a escusava, como temos dito, de suas maiores forças protestava fazendo-se legislador nos seus mais sagrados arcanos e mysterios: cujo systema seguia do proprio modo contra seu legitimo soberano, contra o mais augusto, mais benigno, mais recto, mais veneravel e amavel de quantos monarchas tem occupado até agora o throno de Hespanha e das Americas; privando a uma e outra de suas

mais particulares prerogativas e poder: pois punha nas doutrinas curas, se recebia nas egrejas debaixo de palio, nomeava justiças maiores nas provincias, tirava os repartimentos e o commercio permittido por tabella aos juizes, levantava as sublevações ecclesiasticas, extinguia nas alfandegas reales e outros direitos que chamava injustos: abria e queimava as fabricas, abolia as graças da mitra que concedem as leis municipaes a seus respectivos empregos, mandava esbanjar os bens dos particulares habitantes d'elles, e não contente com isto queria executar os mesmos tomando os cabedaes até das arcas reaes: empunha pena de vida aos que não lhe obedeciam: plantava e formava forcas com este fim em todos os povos executando muitos: recebia tributos, sublevava por este meio e suas diabolicas offertas as povoações e provincias subtrahindo seus moradores da obediencia justa de seu legitimo e verdadeiro senhor, aquelle que está posto por Deus mesmo para que os mande na qualidade de soberano: fazendo crer a suas tropas até a iniqua illusão de que ressuscitaria... Condemno a José Gabriel Tupac-Amaru, a que seja levado á praça principal e publica, de esta ci-

dade, arrastado até ao logar do supplicio, d'onde presenceei a execução da sentença que se der a sua mulher Michaela Bastidas, seus dois filhos, Hyppolito e Fernando Tupac Amaru, e a seu tio Francisco Tupac Amaru, e a seu cunhado Antonio Bastidas, e alguns dos principaes capitães e auxiliares de sua iniqua e perversa intenção ou projecto, os quaes devem morrer no mesmo dia, e concluidas estas sentenças se lhe cortará pelo verdugo a lingua, e depois amarrado ou atado por cada um dos braços e pés com cordas fortes, e de modo que cada um d'estes se possa atar ou prender com facilidade a outros que prendam nas cilhas de quatro cavallos, para que posto d'este modo ou de fórma que cada um d'estes puxe para seu lado, em direcção a quatro esquinas ou lados da praça, partam ou arranquem a uma voz os cavallos, de fórma que fique dividido seu corpo em outras tantas partes, levando este logo que seja hora ao cerro ou altura chamada Picchu, onde teve o atrevimento de vir a intimidar, sitiar e pedir que se lhe rendesse esta cidade, para que ali seja queimado n'uma fogueira, que estará preparada, deitando-se suas cinzas ao ar, em cujo logar se collocará uma lapide de pe-

dra que expresse seus principaes delictos e morte para memoria e escarmento de sua execravel acção. Sua cabeça se remetterá ao povo de Tinta, para que, estando tres dias na forca se ponha depois n'um páu na estrada mais publica: um dos braços ao de Tungasoca, onde foi cacique, para o mesmo effeito e outro para que se ponha e execute o mesmo na capital da provincia de Carabaya: enviando-se egualmente e para que se observe a referida demonstração, uma perna ao povo de Livitaca na Chumbivilcas, e a restante ao de Santa Rosa de Lampa, com testimunho e ordem aos respectivos corregedores ou justiças territoriaes para que publiquem esta sentença com a maior solemnidade, por bando, logo que chegue a suas mãos; e n'outro igual dia todos os annos subsequentes: do que darão aviso instruido aos superiores governos, a quem reconhecera os ditos territorios: Que as casas d'este sejam arrasadas ou batidas e salgadas á vista de todos os visinhos do povo ou povos onde tiver ou existam. Que se confisquem todos seus bens a cujo fim se dá a correspondente commissão aos juizes provinciaes. Que todos os individuos de sua familia que até agora não tinham appare-

cido, nem vierem ao poder de nossas armas, e da justiça que suspira por elles, para castigal-os com eguaes, rigorosas e affrontosas penas, fiquem infames e inhabeis para adquirir, possuir ou obter de qualquer modo herança alguma ou successão, se em algum tempo quizerem ou houver quem se julgue com direito a ella: Que se recolham os autos seguidos sobre sua descendencia na expressada real audiencia, queimando-se publicamente pelo verdugo, na praça publica de Lima, para que não fique memoria de taes documentos: e dos que só tinham testemunhas se reconhecerá e averiguará onde param seus originaes, dentro do termino que se segue á propria execução.»

Finalmente, só n'esta sentença está toda a historia do guerreiro Tapuc Amaru, *o cobra resplandecente,* como o chamavam os de sua raça.

De Tacna, embarcamos n'um navio a vapor, passamos á vista de Cubija e fundeamos em Val Paraizo, d'onde seguimos por terra para a cidade de Mendóza, celebre pelos seus terremotos, e que foi fundada pelo governador do Chile, D. Garcia Hurtado y Mendoza, que deu o appellido á povoação, em 1560; o mes-

mo de que já fallamos em Santa Cruz de la Sierra.

Em Mendoza tomamos o caminho de ferro para a cidade do Rosario, que medeia d'aquella duzentas leguas, que percorremos em trinta e seis horas, indo embarcar em Buenos-Ayres, em um navio a vapor, que, fazendo escala pelo Rio de Janeiro, nos levou pela costa norte do Brasil á cidade de Belem do Gram Pará, onde desembarcámos, ponto de partida d'estas nossas *Viagens no sertão do Amazonas,* á costa do mar Pacifico.

FIM

INDICE

PRIMEIRA PARTE

Do Pará a Manáos

Belem do Pará 9
Breves 20
Cacau 33
Café 35
Considerações sobre o futuro do Amazonas. 38
Curralinho. 20
Distancias kilometricas de Belem a Manáos. 56
Faro 47
Guaraná 44
Gurupá. 21
Itacoatiára. 49
Manáos. 56
Monte alegre 23
Naufragio do vapor « Purús » 52
Obidos 28
Panoramas 14
Parintins 42
Prainha 22

Rio Amazonas 16
Santarem 25
Silves 48
Tucháua João Mendes 31

SEGUNDA PARTE

De Manáos a Santo Antonio do Rio Madeira

Abelhas 156
Assahy 101
Boa Hora 156
Borba 80
Calama (S. Roque de) 145
Commandantes e seringueiros 106
Canuman 78
Canna d'assucar 125
Carapanatúba 103
Chichas 136
Christovam Colombo 121
Crato 131
Festas do paricá 114
Humaytá 134
Ilha de Tamanduá 158
Indios parintintins 142
Itenerario do Pará a Matto Grosso 76
Jacaré e onça 88
Lenda de Sapucaia Oroca 84
Mamoeiro 115
Manicoré 85
Manteiga de tartaruga 163
Paraiso 140
Pasto Grande 141
Peixe boi 94
Penis dos indios parintintins 148
Pesca do pirarucú 95

Carmen 243
Cobra cascavel 283
Costumes de indios. . . . . 216 e 271
Florida 249
Embalsamentos 271
Empreza da estrada de ferro Madeira & Mamoré. . . . 181
Guascadas 198
Indios caripúnas 268
Itenerario de S. Antonio a Santa Cruz. 223
Japins 191
Niguas 261
Officio do presidente da provincia de Manáos ao chefe de policia 204
Pau formiga 235
Provas para tucháua 259
Preceitos hygienicos 240
Puraqué ou peixe electrico 227
Salsa parrilha. 262
SANTO ANTONIO, lugar. 175
Tétano 240
Uma pagina do relatorio do engenheiro Pinks 214
Velada 264
Veneno dos indios. 277
Zarabatana 279

QUARTA PARTE

De Bolivia á costa do mar Pacifico

Bailes sueltos. . . . . 297 e 338
BOLIVIA 291
Cachuela Bananeira 299
» Guajará-assú 299
» Guajará-mirí 299
» Laje 298
» Palo grande 198

Ceremonias funebres 304
Coca 343
COCHABAMBA. 341
Constituição de Bolivia. 353
Cordilheira dos Andes 343
Costumes de indios. 305
Crenças dos postillones. 344
EXALTACION 300
Exercito boliviano 333
Farinha d'agua 311
Festas de indios 300
Insurreição de Tupac Amaru 358
Itenerario de Loreto a Santa Cruz 321
» de Santa Cruz á costa do Pacifico 340
» de Villa Bella a Santa Cruz. 320
LA PAZ DE AYACUCHO 350
Linguas mais communs em Bolivia 309
Mariano Melgarejo. 331
Origem do nome de Bolivia 352
Postillon medico 345
Quina 348
Regresso de viagem 373
Rio Beni. 294
» Mamoré 298
Ruinas de Tiahuanácu 326
San Lunes 342
SANTA CRUZ DE LA SIERRA. 321
Sentença de Tupac Amaru 367
TACNA 356
Tratado de Portugal e Bolivia 350
TRINIDAD 313
VILLA BELLA. 296

GRAVURAS

Bocca do rio Amazonas 16
Indios parintintins 140
Ilha e praia de Tamanduá 158
Casa de Bernardo Silva 175
Cachoeira de Theotonio 224
Flórida 249
Defumador da borracha 254

ERRATAS

PAG.	LINHAS	ONDE SE LÊ:	LEIA-SE:
5	3	ahi	*aqui.*
10	10	Guarda Maria	*Guarda Moria.*
37	9	de tomarem café, diversos	*de o tomarem, diversos.*
45	10	theina	*cafeina.*
61	19	Banco	*Branco.*
73	15	Rio Itinez	*Rio Iténez.*
90	16	barraca	*barranca.*
91	13	do picar seringa	*o de picar seringa.*
97	1	racinha	*rocinha*
107	14	accerrimo	*acerrimo.*
129	26	machaceira	*mandioca.*
146	21	pancadas, mulher do caixeiro	*pancadas; a mulher do caixeiro.*
153	16	S. Firmino	*Dois de Novembro.*
154	25	sambá	*gambá.*
158	5	visita	*vista.*
160	3	viam	*iam.*
»	14	rença	*ranço.*
176	18	e a seus lados	*onde, a seus lados,*
183	14	fundo	*lado.*
197	2	do	*da.*
199	20	trilho	*trilhos.*
278	23	O caripúnas	*Os caripúnas.*
305	11	tratam	*tratavam*
306	21	as tobas	*os tobas.*
307	22	nem	*tem.*
308	22	arrasta-os	*arrastando-os.*
333	10	tucaio	*tocayo.*

Por engano, dissemos a paginas 121, que Christovam Colombo residira na ilha de Porto Santo, quando foi no Funchal, capital do archipelago da Madeira, onde ainda existem algumas casas do seu tempo, tendo sido derrubada ha pouco, aquella onde morara, pelo seu estado de ruina, em cujo lugar hoje passa uma rua com o nome d'aquelle navegador.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura